REVISTA DA SEMANA

N.º 36 ★ 8-9-51

Cr$ 3,00 em todo o Brasil



SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSC POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINÚAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

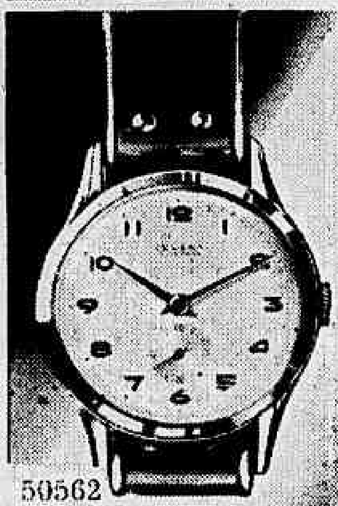
C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL









48 562 Bonito relogio suiço bela apresentação fundo fosco maquina suiça sistema Roskopl c/ 4 Rubis ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50 262 Bonita caixa fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidavel boa màquina suiça com 15 Rubis. Oportunidade unica! **240,00**

46 062 Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação cromada, fundo fosco, bôa maquina c/ 4 Rubis ponteiro central Oferta de propaganda Cr$ **150,00**

50 562 Bonita caixa cromada fundo de aço inox boa maquina suiça com 15 Rubis elegante mostrador claro numeração dourada Oferta especial Cr$ **255,00**

82 362 Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, boa maquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonel de seda Certificado de Garantia Cr$ **370,00**

83 862 - Moderno relógio suiço caixa e pulseira folheadas a ouro, fina maquina de Ancora com 15 Rubis, amplamente garantida Vidro lente Belo adorno por preço todo especial Certificado de Garantia Cr$ **595,00**

55 462 Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro de espessura extra fina, fundo de aço inoxidavel, superior màquina de Ancora, de precisão com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês Ponteiro central ponteiro indicando dia do mês Certificado de Garantia Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36 452 Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa maquina suiça sistema Roskopl, numeros e ponteiros luminosos Oferta de propaganda Cr$ **110,00**

36 762 Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa màquina suiça c/ 4 Rubis ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável Oferta especial Cr$ **195,00**

36 662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa màquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada Preço todo especial Cr$ **138,00**

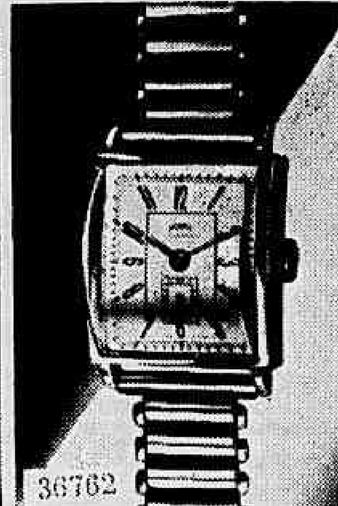
55 162 Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, maquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox, ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos Certificado de Garantia Preço vantajosissimo Cr$ **398,00**

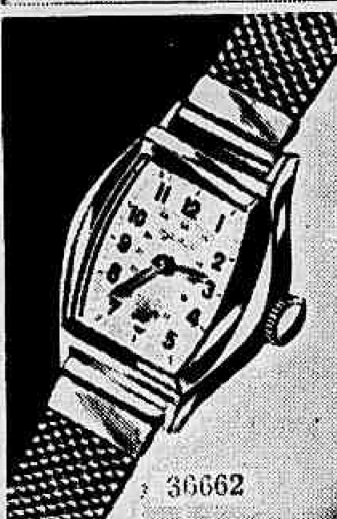
83 362 Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox, bôa maquina suiça, c/ 15 Rubis Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente Dispõe de pulseira inteiramente folheada Bela apresentação Certificado de Garantia Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

65 662 Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro fundo cromado fôsco, bôa màquina suiça sistema Roskopl, mostradores variados Cordonel de seda Cr$ **230,00**

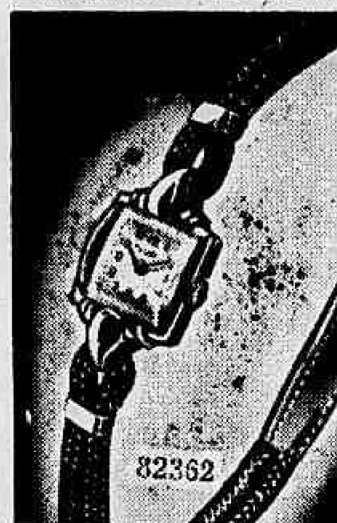
46 462 Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro fundo de aço inox, bôa maquina suiça c/ 15 Rubis IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosissima Cr$ **438,00**

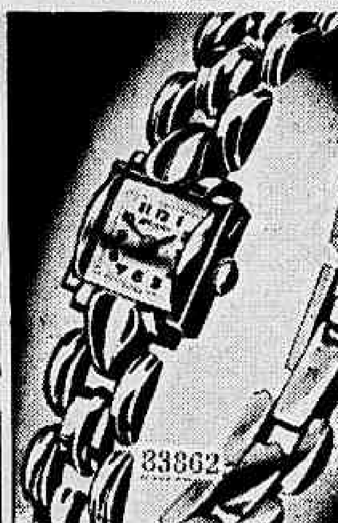






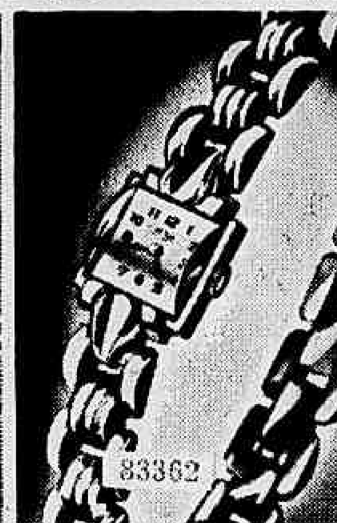


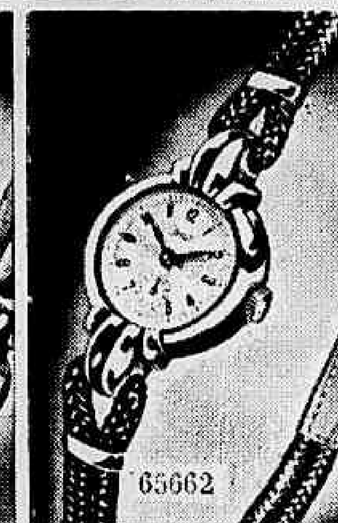
















51 662 Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel boa maquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade Certificado de Garantia Uma bela joia por preço especial Cr$ **438,00**

57 761 Relógio AUTOMATICO! Caixa tamanho "gigante" folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel maquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis AUTOMATICO (da corda a si mesmo) ANTIMAGNETICO INCABLOCK, mostrador claro numeração dourada em alto relevo, ponteiro central Moderna pulseira estensivel tipo Royal, folheada a ouro de qualidade superior Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47 162 Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada reforçada com maquina suiça sistema Roskopl com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA Preço de propaganda Cr$ **218,00**

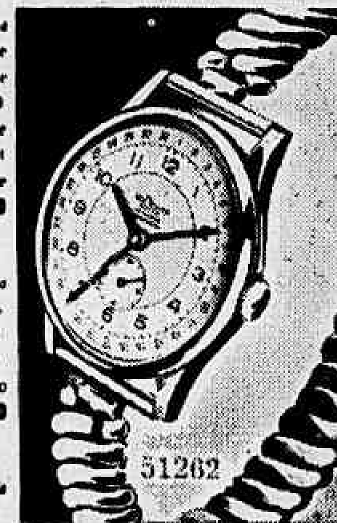
10 662 - Relógio de bolso inteiramente cromado boa maquina suiça sistema Roskopl, oferta especial **98,00**

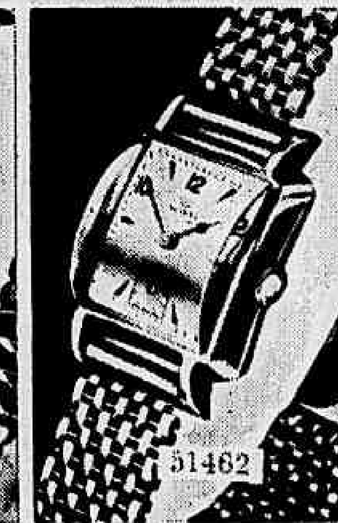
51 262 - Calendario! Indica hora e dia Caixa folheada a ouro de fina espessura fundo de aço inox superior maquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis ANTIMAGNÉTICO mostradores claros, variados c/ excelente pulseira estensivel folheada a ouro tipo Royal fundo de aço inoxidavel Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

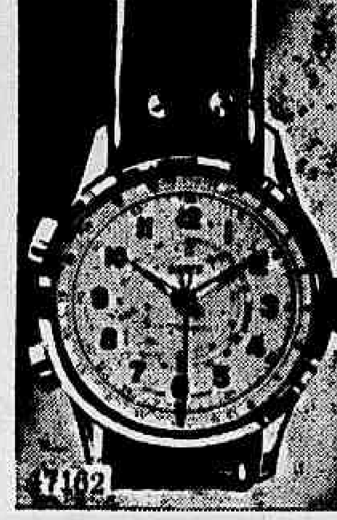
51 462 Elegante modêlo caixa folheada a ouro fina maquina suiça com 15 Rubis ANTIMAGNÉTICO mostrador claro com numeração dourada ponteiro de segundos bonita pulseira folheada Fornecido com Certificado de Garantia Cr$ **375,00**

12 962 Relogio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada superior maquina de precisão com 15 Rubis, corda de 8 dias mostrador esmaltado 2 tampas protetoras Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11 562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada boa maquina suiça sistema Roskopl c/ 7 Rubis, numeração luminosa toque agradavel Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajosu Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"





CUPOM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______

RS

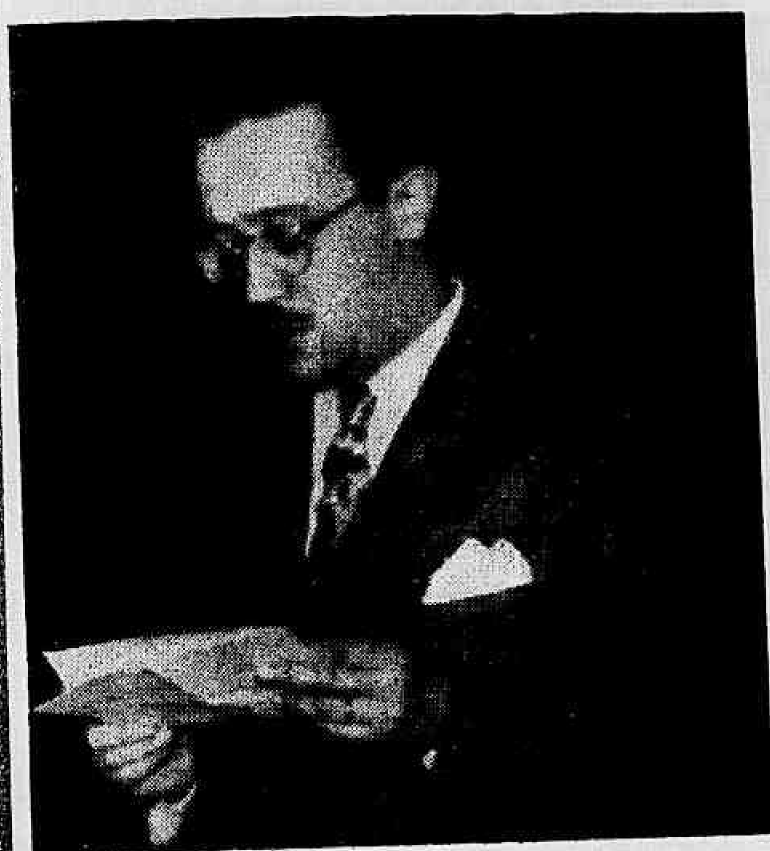




ENVIE NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERA GRATIS ESTA AGENDA DE 19..

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS BIJOUTERIAS JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

O MISTÉRIO DA MORTE
DO SENADOR EPITACIO PESSÔA CAVALCANTI



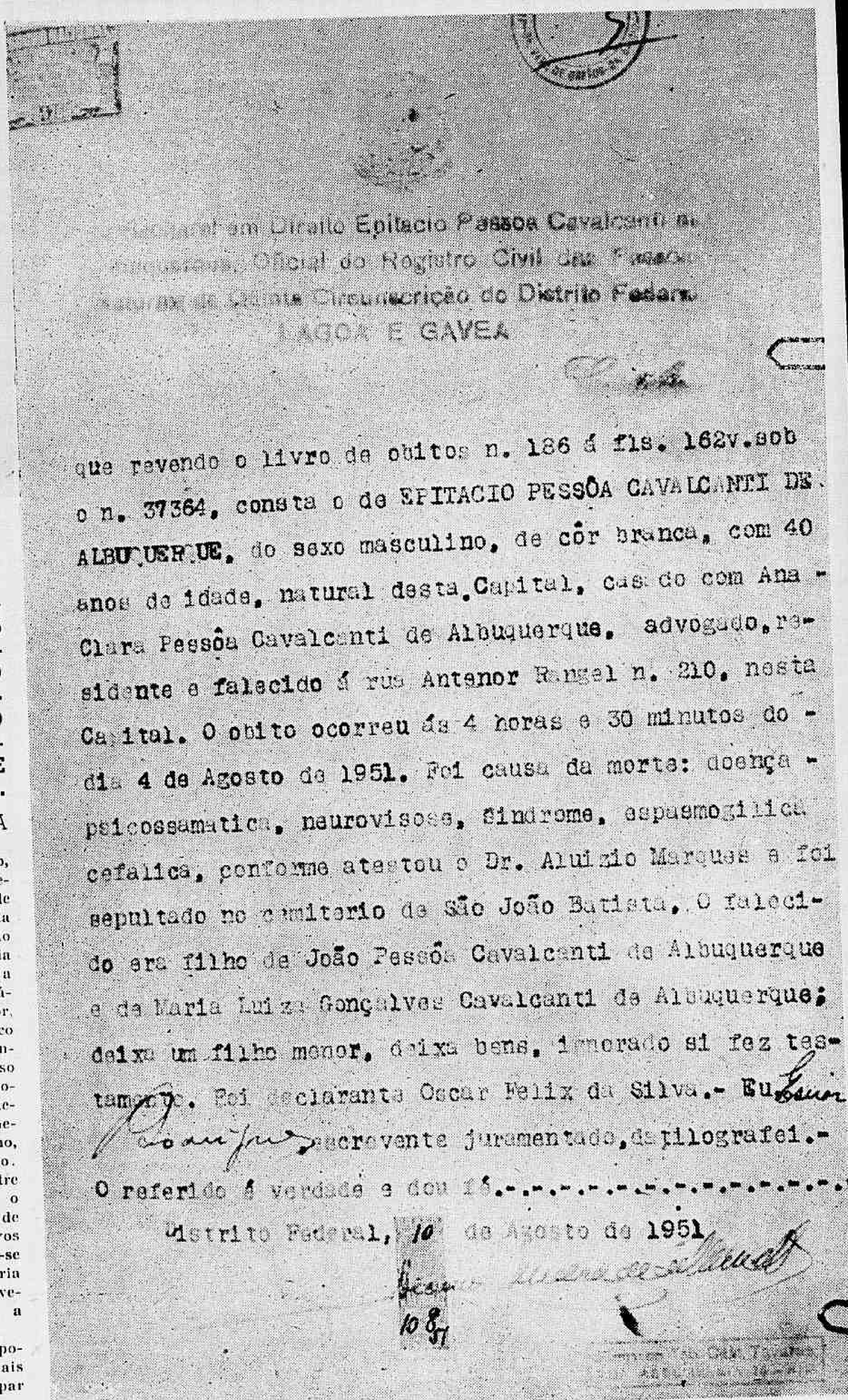
Desde a tarde de 23 de agôsto último, o país vive com as atenções voltadas para o rumoroso caso ainda em mistério.

QUAL A VERDADEIRA CAUSA? ★ CONTROVÉRSIAS, POLÊMICAS E OPINIÕES DESENCONTRADAS ★ ENVENENAMENTO? ÊRRO DE MEDICACÃO? ★ AÇÃO CRIMINOSA? ★ EXAMINANDO O ASPECTO POLÍTICO: TUDO EM PAZ ★ NÃO DEIXOU O MORTO UMA GRANDE FORTUNA: APENAS CINCO MILHÕES DE CRUZEIROS ★ CONTINUA O MISTÉRIO...

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

A notícia explodiu na tarde de 23 de agôsto, dezenove dias após o sepultamento do senador Epitácio Pessoa Cavalcanti, mas, desde alguns dias, vinha circulando, à bôca pequena, pela cidade: as companhias de seguro teriam rejeitado o atestado de óbito, e um véu misterioso descia por sôbre o já então rumoroso caso, intrigando a população e provocando tôda a sorte de comentários. Foi quando veio à publicidade, não o teor, mas a informação da carta escrita pelo médico Genival Londres à viúva, considerando indispensável o exame cadavérico pela exumação. Isso porque, teria declarado, era preciso apurar os motivos reais que causaram o súbito e dramático desaparecimento do senador. Dessa carta, o dr. Genival Londres enviara cópia ao sr. Danton Coelho, Ministro do Trabalho e grande amigo do morto. A causa da morte originara grave divergência entre os médicos que o assistiram e o dr. Genival, o qual se recusou, por isso, a assinar o atestado de óbito que registrava o falecimento, por motivos que não lhes pareceram ser naturais. Levantou-se a hipótese de que a morte do senador Epitácio teria sido causada pela absorção de uma substância venenosa e daí o imperativo da exumação para a devida perícia policial.

A notícia teve a repercussão intensa que se poderia esperar e, na manhã seguinte, todos os jornais a exploravam em larga escala, passando a ocupar lugar proeminente nas "manchettes". Sem demora



...charel em Direito Epitacio Pessoa Cavalcanti ... Albuquerque, Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais da Quinta Circunscrição do Distrito Federal

LAGOA E GAVEA

Certifica

que revendo o livro de obitos n. 186 á fls. 162v.sob o n. 37364, consta o de EPITACIO PESSÔA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, do sexo masculino, de côr branca, com 40 anos de idade, natural desta Capital, casado com Ana Clara Pessôa Cavalcanti de Albuquerque, advogado, residente e falecido á rua Antenor Rangel n. 210, nesta Capital. O obito ocorreu ás 4 horas e 30 minutos do dia 4 de Agosto de 1951. Foi causa da morte: doença psicossamatica, neurovisose, Sindrome, espasmogilica cefalica, conforme atestou o Dr. Aluizio Marques e foi sepultado no cemiterio de São João Batista. O falecido era filho de João Pessôa Cavalcanti de Albuquerque e de Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti de Albuquerque; deixa um filho menor, deixa bens, ignorado si fez testamento. Foi declarante Oscar Felix da Silva.- Eu ..., escrevente juramentado, datilografei.-

O referido é verdade e dou fé.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.

Distrito Federal, 10 de Agosto de 1951

10/8/51

Fac-símile do atestado de óbito do senador Epitácio Pessoa Cavalcanti Albuquerque, ocorrido às 4,30 minutos do dia 4 de agôsto do corrente ano, passada no Cartório do "Bacharel em Direito Epitácio Pessoa Cavalcanti Albuquerque, Oficial do Registro Civil". Como se vê, por coincidência, êsse documento foi registrado no cartório do próprio morto.

A exumação deveria ser feita (para a reportagem), na segunda-feira 27. Mas na manhã de sábado, 25, foi realizada discretamente no Cemitério S. João Batista. Mesmo assim despistada, a reportagem compareceu e fêz o serviço.





Retirada a urna funerária, na presença das autoridades policiais (e dos repórteres), deu-se início à sua abertura.

veio a saber-se que a viúva Epitácio Pessoa Cavalcanti apelara para um grupo de amigos do senador paraibano, a quem confiara o encaminhamento do caso. E, consequentemente, era noticiado que as autoridades policiais teriam marcado o dia de segunda-feira imediata para a exumação. Mas não passava de um truque para desviar as atenções da reportagem, porque, já manhã de sábado, 25, essa exumação era feita no Cemitério de São João Batista, aguardando-se os resultados da perícia, quando redigíamos estas notas.

Pouco antes da exumação, a sra. Clara Pessoa Cavalcanti, apesar de encontrar-se enfêrma, declarava:

— Reunimo-nos, eu e os amigos de meu marido, examinando o problema e resolvemos, em face da carta do dr. Genival, pedir ao Chefe de Polícia as necessárias providências para a exumação. Não é verdade que a Sul-América me tivesse feito qualquer comunicação com referência à sonegação do pagamento de um seguro. Meu marido deixou, efetivamente, nessa companhia um seguro de quinhentos mil cruzeiros. Quanto ao resto, não procede.

POLITICA?

E' oportuno examinar algumas hipóteses que justificariam a morte do saudoso homem público. Na de envenenamento, por exemplo, qual teria sido a causa? Defeito ou irregularidade de medicação? Êrro? Ação criminosa de inimigos, porventura, politicos?

(Segue nas páginas 56-57)

Frontispício do Inventário do senador Epitácio P. Cavalcanti, solicitado por sua espôsa, dona Clarita P. Cavalcanti.

195/1

N.º 4360



Juizo de Direito da 3.ª Vara de Orfãos e Sucessões

CARTORIO DO 2.º OFICIO

(DISTRITO FEDERAL)

Juiz — Dr. Xenocrates João Calixto de Alencar

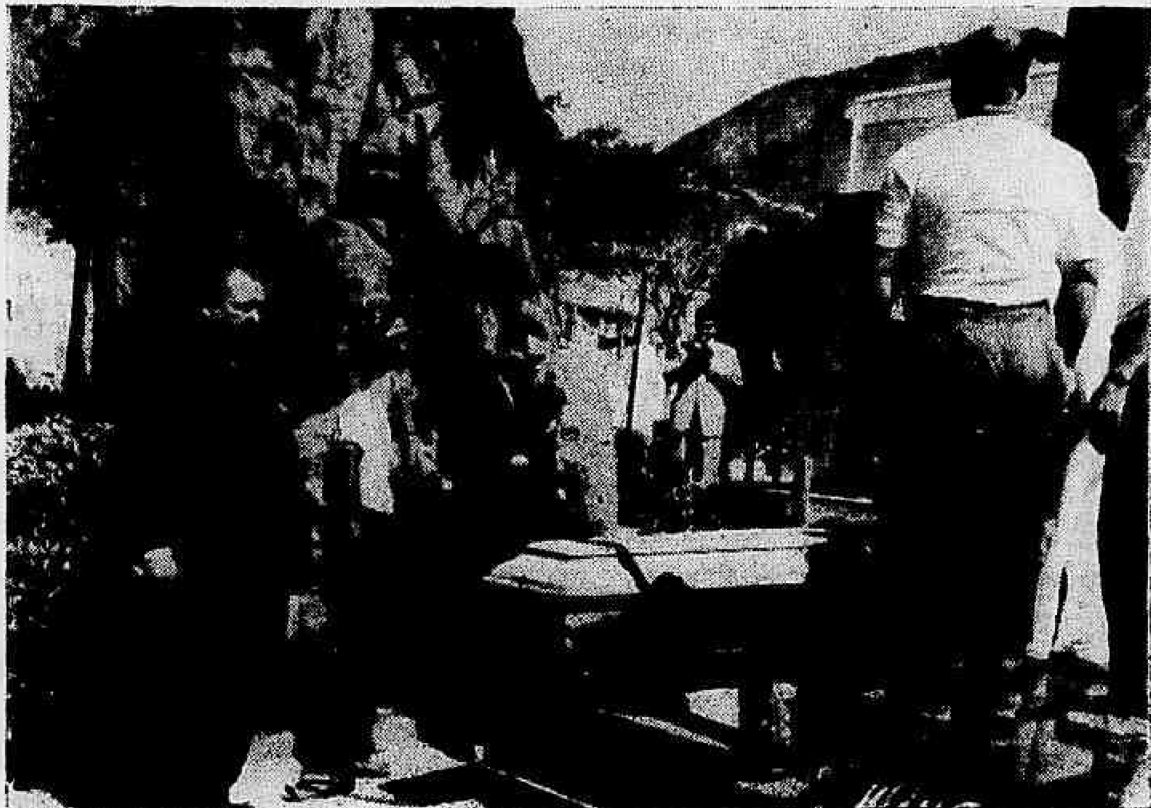
Escrivão — Bacharel Fernando Tavares Sabino

Inventário

Dr. Epitacio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque

Dona Clara Pessôa Cavalcanti de Albuquerque

Tômbo: Liv.º .... fls. .... Reg.º de sent.: Liv.º .... fls. ....

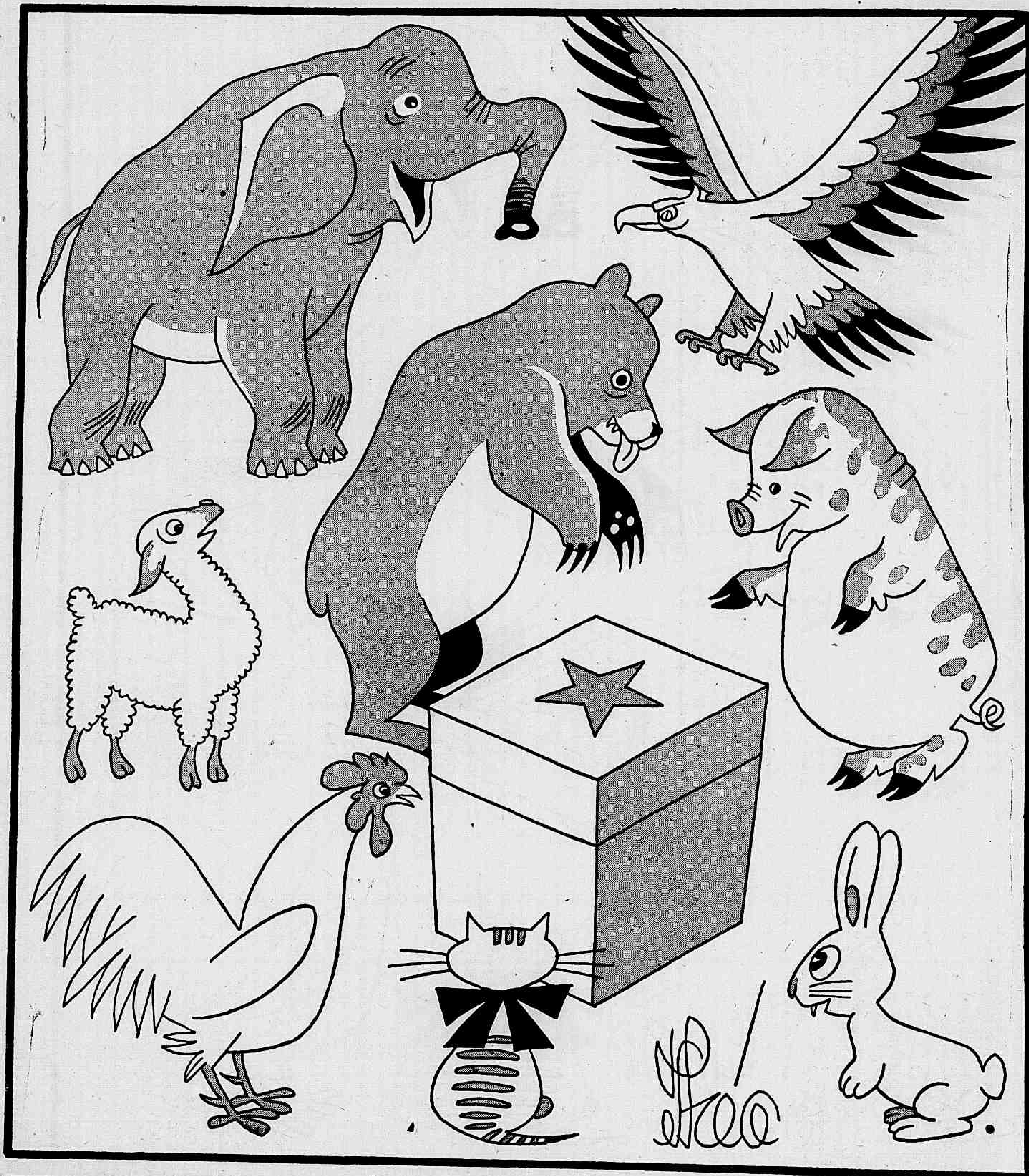


Dezenove dias após o sepultamento, a urna funerária é retirada da sepultura e tudo está pronto para a exumação, que se realizou na capela do Cemitério.



Entregam-se os médicos ao trabalho da necropsia, enquanto a aproximação dos fotógrafos é impedida. Apesar disso, aqui está um flagrante dos trabalhos.

O SEGREDO da CAIXINHA



O GRUPO 12 — Não toquem aí! Dizem tanta coisa, que é capaz de surgir alguma autoridade ! . .

ANO LI • N.º 36 REVISTA DA SEMANA 8 - 9 - 1951



NA VENDA DE SEU "BARBOSA"

A carreta de Simão passou a porteira e foi-se chegando, aproximando-se das casas baixas, longas e muito caiadas da venda de Seu Barbosa. Ali no quadro, onde se estendiam as três listras de terra lisa da cancha para as pencas, andavam bois, decerto daquelas outras carretas que tapavam todo um lado dos galpões de quincha, enfileirados nos fundos da venda.

Domingo. Sol muito quente. Era mesmo para todos os carreteiros do mundo desunirem os bois, espicharem os pelegos para ferrar, numa sesta gostosa até que o sol começasse a descambar.

Dentro do silêncio mormacento, ouvia-se uma gargalhada de bêbedo e uns leves acordes de gaita.

— Órre, diabo! Nem com um calor dêsses o pessoal não sossega. Quer ver que já andam armando bailongos?

A gritaria da cachorrada, que derpertou de súbito, acordou os carreteiros, que resmungaram e viraram para o outro lado continuando a dormir e veio atordoar Simão. (— Já, cachorro!). Lá, dentro da venda, o gaiteiro bêbedo resmungou. (— Cuscos infames! Móscas do diabo, se grudando na gente!).

A carreta ringiu e os bois pararam, de lingua de fora, babando. Simão rebenqueou o cavalo muito lerdo e foi apear lá na porta.

— Buenas, Barbosa.

— Olá! Buenas! Como te vai? E essa fôrça?

Antes de Simão responder, a venda se enche com a conversa pastosa do gaiteiro.

— Que a minha cordeona se rebente agorinha, se êsse chiru todo metido a gente não é o Simão, da Coxilha dos Guedes!

— Quem? Quem é o... Épa, negro velho! Que tu anda fazendo aqui? Aperta os ossos, bandido!

— Que tal? Tô meio mudado, não? Ou teus olhos já não prestam?

— Pois, olha, nem sei! Acho que são meus olhos mesmo. Foi tão de repente, que eu quase não te conheci. De longe vinha ouvindo a gaita, mas quando é que ia adivinhar que eram os teus dedos, negro velho?

— Pois é como tu vê, aqui ando, eu e a gaita, matando o bicho. Faz tempinho que vim prá êsse rincão. Estou de mensual logo ali adiante, na estância do Cêrro, me divertindo um pouco. Tudo quanto é sábado e domingo, aqui estou, tocando prá essa moçada. E tu? Carreteando, como sempre? — O velho Francisco vira-se para o Barbosa da venda. — Tá vendo êsse carreteiro ai? Houve um dia que se eu topasse com êle, matava, nem que fôsse diante do patrão. E agora somos amigos! Já viu coisa assim? Foi por causa da Josina, minha filha mais velha, sabe? Êsse bicho ai era um pé-rapado e querendo casar com ela, fazendo roda, dando presente, brigando por ela em tudo quanto era baile. Era um desafôro, Seu Barbosa! Andava arranjadinho, é claro! Bombacha limpa, camisa bem passada, lenço e tôdas essas coisas e a guria encaprichou. Queria porque queria! Êle também. Mas eu não! Ah! Nesse tempo essas coxilhas por ai eram minhas. Eu era homem de muito dinheiro. Um coronel, seu! A guria, passando bem em casa, bem vestida, bem comida e eu ia deixar que ela casasse com um pobre diabo que não tinha de seu mais que a roupa do corpo e o nome de homem bom? Pois sim! Mais fácil eu morrer, que naquele tempo eu tinha dinhèiro, seu! Fiz briga, bati pé, gritei! No outro dia êsse chiru sem-vergonha me levou a filha para o povo. Já viu coisa igual, seu Barbosa? Quase peguei fogo! Saí pelo corredor pronto prá matar os dois que era bem o que mereciam, mas não encontrei ninguém. Até que foi bom... Deus é que sabe essas coisas... Agora, pelo que vejo, tu estás de patrão, ein? Bem arranjadito, seus bois, sua carreta, seus apêros bonitos, hein?

— Pois é. A vida tira duns prá dar prá outros.

— Que é que tu queres dizer, seu desaforado? Que eu sou pobre agora e tu bem rico? — Francisco largou uma gargalhada.

— Mais ou menos. E a velha, como vai? E as gurias, casaram?

— A velha ficou por lá, com uns parentes. As gurias andam por ai, umas casadas, com porção de filhos; outras solteiras, dando trabalho prá gente. Menos mal que os guris sentaram a cabeça. Um dêles está de capataz na Corunilha, o outro anda de compositor dum parilheiro dos Costa, lá prá baixo, pelo Pôsto, sei lá por onde! Tudo esparramado, que nem filhote de avestruz. E tu, prá onde te atiras?

— Ai mesmo, prá estância do Cêrro. Lá na cidade me encarregaram de trazer umas coisas prá êles. Não sei o que é que houve com o carreiro que êles tinham.

— Eu sei. Andou de briga, aqui, nesta venda. Furaram êle com um facão. Acho que ainda está estiradito numa cama. A peleia foi macanuda, seu! Não foi, Seu Barbosa? Cada ferro! A la maula! E... mas, tche, não cai desencilhar e largar os bois?

— Que nada! Tenho de chegar hoje. Só parei prá dar uma folguinha pros bois. Seu Barbosa, até outro dia. Negro velho, até mais ver!

— Que! Não vai ainda! Tô contando um causo. E também quero que tu me cantes umas novidades lá do povo, que as minhas músicas já estão velhas prá essa rapaziada dançar.

— Me desculpa, chiru. Serviço é serviço, mesmo em domingo. Fica prá outro dia.

Simão apertou a mão dos dois e saiu. Quando, já montado, alçara a picana pronto para o primeiro grito, seu Francisco aproximou-se, cambaleando.

— Tche. Eu não queria perguntar, mas... e a Josina?

— Pois... Seu Francisco, eu não queria lhe dizer. Ela...

— Morreu?

— Não. Fugiu.

Seu Francisco ficou quieto. Simão catucou o boi da ponta.

— Héra, Passarinho! Prêto, boi! Limããão! Coração, desgraçado! ...aaamo, boi!

TEREZA DE ALMEIDA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O Mistério da Morte do Senador Epitácio Pessoa Cavalcanti (Celestino Silveira) .... 3/5 e 56/57
Em casa das Batista (Abdias Rodrigues) 10/15
A REVISTA em Lisboa 16/17
Danilo, o Príncipe da Pelota (Levy Kleiman) 19/22
Elas não são de briga (Jorge Lyra) 27/31

LITERATURA

Na venda de «seu» Barbosa (Theresa de Almeida) 7
Entremês do jovem ator apaixonado (Péricles Leal).. 23
Suspeita (Walter B. Maia) 32
Outro poema de Paris (Lyse) 37
Semana Literária (Edmundo Lys) 44/45

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
Personagem da Semana 9
Palavras Cruzadas 18
Puxe pelo cérebro 22
A Saúde do Bel (Dr. Saboia Ribeiro) 50
Tudo isto aconteceu 54/55
A REVISTA há 50 anos 58

CURIOSIDADES

Quando vovó ia à praia... (John Terry) 24/25
A lua ao alcance de todos 33
A voz mais discutida da América 34/35
Exame de Consciência 36

FEMININAS

Listras e «Pois» 37
De Paris 38
Em Shantung 39
Para a Primavera (Ramon) 40/41
Week-End na Cozinha 42/43

HUMORISMO

O Segrêdo da Caixinha (Theo) 6
Êste mundo louco (Darcy) 25

FOLHETIM

Um amor proibido 53

CINEMA

Capas Negras (Cine-Novela) 48/49

ILUSTRAÇÕES:

Jerônimo Ribeiro — A. Zaluar — Rafael.

FOTOS:

Abdias Rodrigues — José Santos — Jorge Lyra — Avulsas — Arquivo.

NA CAPA:



(Vide pág. 24, «Quando vovó ia à praia).

Foto I.P.A.

A SEMANA

MUITO BEM, SR. PREFEITO



O Sr. João Carlos Vital, prefeito do Rio de Janeiro, teve uma idéia que, se posta em prática pelos responsáveis, aos quais se vai dirigir, muito contribuirá para diminuir as dificuldades de transportes de grande parte da população da cidade, bem como influirá no melhor aspecto do centro urbano desta capital. Referimo-nos à sugestão que o Sr. Prefeito vai fazer aos Institutos de Previdência Social, no sentido de que os mesmos construam edifícios de apartamentos para os seus segurados, não em bairros distantes, mas dentro do perímetro da chamada "Cidade Nova", compreendido entre a Praça da República e a da Bandeira, em cuja área, aos tempos da colônia e até aos fins do século XVIII, tudo aquilo era um lençol pantanoso, alimentado por vários riachos povoados de jacarés. Com os aterros verificados e o escoamento das águas, tendo como eixo de captação o canal do Mangue, idéia do imortal Mauá, surgiu a imensa área edificável, estendendo-se o Rio para os lados da Tijuca, abrindo-se novas ruas e praças, de onde o nome com que foi batizada de "Cidade Nova". Em começos dêste século, porém, as zonas das praias e a queda do Império desprestigiaram S. Cristóvão e a "Cidade Nova". Todo mundo passou a sonhar com a zona sul. Ora, isso se justifica, até certo ponto, para os que possuem fartos recursos; mas, para o comerciário, o trabalhador, o associado de Institutos, a morada racional é no centro e não na periferia. O Prefeito tem razão, e sua idéia deve ser executada pelos Institutos em benefício do povo.

★

O CAFÉ NA SUÉCIA



NÃO são uniformes os dados estatísticos em tôrno da verdade em matéria de consumo de café "per capita" no mundo. Há quem assevere que cabe aos noruegueses o recorde de consumo da nossa rubiácea, enquanto outros dizem que é o dinamarquês o povo que bebe mais café. Agora, porém, com a ida do Vice-Presidente da República à Europa, o assunto se esclareceu: é a Suécia o país que mais bebe café neste mundo. Lá se bebe mais do que aqui mesmo no Brasil. Entretanto, uma coisa surpreendeu o Sr. Café Filho: a restrição aos consumidores suecos, em face do racionamento. Como podia ser isso? Não estava a Suécia em pleno desenvolvimento comercial com o Brasil, mandando para cá uma quantidade considerável de mercadoria e com excelente vulto de saldo na balança comercial? Como podia ser que o nosso café não chegasse para satisfazer aos desejos do seu povo tão necessitado de uma bebida excelente e esquentadora como a infusão que fêz e continua a fazer a riqueza brasileira? E o Sr. Café Filho resolveu trabalhar em benefício do seu chará. Deu entrevistas, fêz discursos, falou ao povo e ao govêrno da Suécia, sendo coberto de êxito imediato a sua exposição: o café, na Suécia, foi retirado do racionamento, a partir do dia 18 de agôsto último. A Suécia importou, no ano passado, cêrca de 680 milhões de cruzeiros de nosso café, colocando-se em terceiro lugar. Imagine-se o que não ocorrerá com a intervenção do Sr. Café Filho. Vamos exportar perto de um bilhão de cruzeiros em 1951-52. Nunca se viu um Vice-Presidente trabalhar tanto em benefício do país, e prestigiar tanto o seu nome.

★

MAIS DEPUTADOS



DIZ a nossa Constituição Federal, em pleno vigor, que o número de deputados à Câmara Nacional é fixado de acôrdo com o número de habitantes de cada Estado. Assim, proporcionalmente, as bancadas de muitas unidades da Federação estão com deputados a menos do que constitucionalmente devia dar-se. Por êsse motivo foi apresentada à Câmara Federal um projeto de lei da autoria do Sr. Castilho Cabral, que promovia novas eleições para preenchimento dos claros existentes em virtude da atual população do Brasil. Pelas estatísticas oficiais, a Câmara dos Deputados da União deve ter 326 legisladores, em lugar de 293, como tem atualmente. O motivo dêsse desfalque é o seguinte: as últimas eleições se realizaram, tendo-se em vista a população de 1940; mas, logo depois de realizadas as eleições de 1950, vieram a público as populações do país, de acôrdo com o censo de julho do mesmo ano, o que dava o Brasil com muito mais habitantes. O assunto é puramente constitucional; mas, e o dinheiro que iria custar à nação uma nova disputa nas urnas e o custo de mais trinta e três deputados? Fizeram as contas lá mesmo na Comissão de Justiça da Câmara, e chegaram à conclusão de que o país ia dispender mais de 35 milhões de cruzeiros, só para pagar aos novos deputados. E veio, então, uma emenda salvadora, de autoria do Sr. Marrey Júnior, a qual foi aprovada: não se faria nenhuma eleição agora. Tudo deveria ficar lá para a próxima legislatura, salvando-se os 35 mil contos e se esperando um pouco mais pela confirmação do recenseamento. Com isso, muita gente ficou triste e a dizer: "Mas que amigo da onça..."

EM REVISTA

POR CAUSA DE UM ABAT-JOUR



JÁ houve um tempo em que muito se brigava, literàriamente falando é claro, por certas palavras estrangeiras usadas e abusadas em nosso falar. Os puristas da linguagem não perdoavam ao menos cientes de tais preceitos nacionalizantes. Os livros de Cândido de Figueiredo, de Carlos Góis etc., versando a matéria do combate ao galicismo sempre tiveram bom mercado de consumo no Brasil, especialmente no Norte do país, região que sempre se caracterizou pela pureza no falar e escrever. Mas, como deixar de escrever ou pronunciar certas palavras francesas se nós não possuíamos uma correspondente nacional? Para conjurar os riscos de falar mal, o Sr. Castro Lopes imaginou neologismos tirados do grego e do latim, com os quais presenteou os nativos em seu falar puramente brasileiro. O filólogo retirou daquelas línguas os condimentos com que preparar o "prato filológico", e suas criações ganharam fama e tiveram muitos adeptos. Dentre os nomes condenados pelos gramáticos estava o de "abat-jour". E' um têrmo francês muito simpático e elegante. Poetas, contistas, gente de crônicas sociais na imprensa gastavam "abat-jour" a valer. Então, Castro Lopes inventou o têrmo brasileiro: "Lucivelo". Lucivelo é, em nossa língua, o "abat-jour" francês. Também havia o "quebra-luz", "pantalha", e outros, cada qual mais feio. Mas continuamos a dizer e escrever "abat-jour". Agora, em Juiz de Fora, duas poetisas brigam por causa do "abat-jour". A polêmica é vigorosa. Sem razão. "Abat-jour", desde muito foi aportuguesado para "abajur". Bonitinho, cômodo e nosso, como futebol, time, chute...

★

A QUESTÃO DAS CAIXINHAS



DENTRE as inovações que surgiram, há pouco tempo, na vida do tráfego de automóveis desta capital, uma houve que não deixou de ser aplaudida pelo público: a de tornar obrigatória a colocação de caixas coletoras de passagens em todos os lotações no Distrito Federal. Mas, segundo noticiou a imprensa, os motoristas e proprietários dêsses veículos reunidos em assembléia para apreciar o assunto, aprovaram uma resolução contra a idéia dessa obrigatoriedade, levando-a à presença do Sr. Prefeito para ver se o mesmo retirava a exigência. No dia seguinte os jornais traziam a notícia com ares de sensacionalismo: o Prefeito recuara! Já não mais seria exigida a aposição das caixinhas coletoras nos lotações, a exemplo do que sucede em todos os ônibus em tráfego no Rio. Os choferes e proprietários dos lotações haviam vencido a batalha. O povo recebeu com satisfação a idéia da caixinha. Como todos sabemos, sem ela os motoristas recebem sempre uma gorjeta representada pelo excesso pago na passagem. Exemplo: no lotação Santa Alexandrina-Leme ninguém dá uma nota de cinco para pagar os quatro cruzeiros e receber um de trôco. Quando se entrega uma nota de dez, o chofer não devolve seis, mas simplesmente, uma outra de cinco, com um "muito obrigado" significativo de que está muito agradecido pela gorgetinha. Não há passageiro que faça questão disso. Ora assim como sucede ali, acontece em tôdas as outras linhas. A caixa coletora evitava o pagamento em excesso, uma vez que o passageiro escaparia de ouvir algumas "amabilidades"... Felizmente, porém, o Prefeito desmentiu: a caixinha é obrigatória!

★

ONDE NASCE O AMAZONAS



HÁ umas coisas em Geografia que a gente fica mesmo atordoado. Essa complicada história da ignorância das nascentes do grande Amazonas é uma delas. Que não se saiba como é o pico do Gaurizankar, lá no Himalaia, vá lá; que os homens ainda não conheçam, totalmente, o deserto do Saara, compreende-se; mas que ainda hoje, depois de mais de quatro séculos de pesquisas e expedições, não se saiba onde nasce o rio Amazonas, é mesmo de desanimar. Não há geografia, por mais primária que seja, que não registre: "O Rio Amazonas nasce na cordilheira dos Andes, no lago Lauricocha ou Lauri". Na verdade, pouca influência tem isso para a nossa vida, e muito menos para a vida dos habitantes de qualquer lago onde, verdadeiramente nasça o maior rio do mundo em volume d'água. Mas, que encabula, isso ninguém pode escurecer. Mas, agora, dois cientistas e geógrafos resolveram tirar tôdas as dúvidas atrozes sôbre a ignorância que envolve o local exato e incontestável em que nasce o famoso rio das Amazonas. São êles os senhores John Brown e Sebastian Snow, ambos inglêses e muito pacientes em casos de tamanha transcendência. Depois de canseiras, lutas contra as neves eternas dos Andes, os dois exploradores atingiram o seu objetivo: localizaram as nascentes do Amazonas a quatro mil e quinhentos metros de altitude, no lago Niococha. Assim nem Lauri, nem Lauricocha. E' Niococha. Está desvendada a certidão de nascimento do rio que tem quatro nomes: Maranhão, Tunguràgua, Solimões e Amazonas. Não é grave, pois, que também tenha quatro certidões de nascimento...

A PERSONAGEM DA SEMANA


Sr. Genival Soares Londres

O Sr. Genival Soares Londres, ilustre médico patrício, Diretor do Instituto de Cardiologia, um dos mais conceituados clínicos da Capital Federal, de cuja Escola de Medicina é professor, há muito ocupava posição de grande destaque no meio social e no mundo médico do país em face mesmo das circunstâncias acima referidas. Mas, nesta semana que findou, o ilustre médico passou a uma posição de sensacional evidência, por fôrça de sua conduta em relação à morte do seu cliente o senador Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. E' que S. S. obedecendo às mais altas e respeitáveis razões de sua consciência profissional, se recusou a firmar documento em que se determinasse a verdadeira "causa mortis" do jovem senador, de vez que, achava S. S. sòmente em face de exame cadavérico profundo deveria ser feito o necessário atestado. Clínico experimentado, especialista em cardiologia, não havia o prof. Londres encontrado nada em seu cliente que fizesse prever morte tão abrupta, tanto que, na véspera chegara a encaminhar o senador aos cuidados do prof. Aloísio Marques, renomado especialista em moléstias nervosas, o qual, por sinal, sòmente estêve com o Sr. Epitácio uma vez, na noite anterior à madrugada da morte. A cautelosa atitude do Sr. Genival Londres, além de constituir prova de admirável resistência moral, foi, sem favor, uma bela demonstração de senso profissional, o que não deixou, por certo, de constituir até uma homenagem ao seu pranteado amigo e aos de sua desolada família. E' êste exemplo digno de ser relembrado e mostra o quanto é sempre enorme a responsabilidade profissional, sobretudo entre aquêles que sentem e vivem essa responsabilidade. O Sr. Genival Londres, com o seu procedimento dentro da deontologia médica, foi, incontestàvelmente, a Personagem da Semana.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use Ventre-Livre, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa dos impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre





LINDA E DIRCINHA. DIR-SE-IA QUE SÃO GÊMEAS SÃO TÃO PARECIDAS AMBAS BONITAS. TALLNTOSAS E AMÁVEIS.



LINDA COMEÇOU a tocar violão primeiro do que Dircinha, aos oito anos de idade, com Patrício Teixeira. Com a mesma idade da irmã, Dircinha já cantava e havia gravado o seu primeiro disco — uma composição do seu saudoso pai — Batista Júnior. Cantando e tocando violão e piano, assim cresceram e hoje são das mais populares artistas.

EM CASA DAS BATISTA



A POPULARIDADE DE LINDA E DIRCINHA LIGADA ÀS SUCULENTAS FEIJOADAS DE DONA NENÉM, UMA SENHORA QUE NÃO SAI DE CASA MAS QUE SABE DE TUDO ★ ENTRARAM NO "BOTECO DO JOSÉ" E POR "VINGANÇA" QUEBRARAM TUDO QUE NEM UMA "NÊGA MALUCA"

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

CERTA noite encontramos, no centro da cidade, um velho amigo que, nos tomando pelo braço, levou-nos a um bar próximo e, entre o encher e o esvasiar dos copos, perguntou:

— Escuta rapaz: como se sabe... eu sou mais velho do que você... tenho mais anos de tarimba... mais experiência, e, portanto, tenho autoridade para lhe aconselhar... não é verdade?...

— É, sim. Mas de que se trata?

— É o seguinte: eu vejo que você gosta do jornalismo e se esforça... Além disso... você gostaria de dar "grandes furos" e, ao mesmo tempo, de engordar um pouco, não?

— Naturalmente!

— Pois bem. Por que você não passa a freqüentar a casa das irmãs Batista.

— Mas que ligação há entre as irmãs Batista, os "furos", e o aumento do pêso? — perguntamos com impaciência.





NAS HORAS de lazer elas apreciam uma partida de xadrez. Nessa parada, Linda prepara um xéque mate. Tudo está dependendo de três jogadas, já estudadas.

QUANDO não estão jogando, gostam de «tirar a sorte». Uma tira a sorte da outra. Nesta foto é a vez de Linda que aparece pondo as cartas para Dircinha.



NA VISITA que fizemos aos circos da cidade, Dircinha se divertiu a valer. Ei-la com dois anões nos seus possantes braços. Na ocasião alguém disse: «Por que não nasci anão!»



QUE GENTE PEQUENA! Imaginem que Dircinha não chega a ter 1,68 e no entanto teve que se ajoelhar para poder abraçar alguns dêles, como êstes da foto.

— Muito simples. A D. Emília, ou melhor "D. Nenen", a mãe das populares cantoras, é uma senhora que não sai de casa... mas sabe de tudo. Ademais, ela prepara a melhor feijoada que se come no Rio de Janeiro.

Começamos a achar interessante os conselhos. Nosso confrade e amigo percebeu tudo. Pediu outro *chopp* e prosseguiu:

— A casa das Batistas é freqüentada por homens de pensamento: jornalistas, escritores, poetas, compositores, músicos, deputados e até por príncipes. Faça uma visita às Batistas e aposto que logo na primeira vez você será convidado para comer uma feijoada. Pense bem nisso. Um repórter não pode prescindir da amizade das Batistas Bem, agora eu vou chegando. Sou velho, o tempo está esfriando e o reumatismo não me dá folga. Boa noite...

— Boa noite, amigo... E obrigado...

★

Os conselhos não saíram mais da nossa cabeça. Custamos a conciliar o sono. É, mesmo assim sonhando, que estavamos saboreando uma gostosa feijoada. No dia seguinte telefonamos...

— Alô!... E' da casa da Dircinha?

— É, sim, quem está falando?

Identificamo-nos dizendo que era um repórter da *Revista da Semana*.

— ...Fazer uma reportagem conosco?!... Pois, não! A Linda está em São Paulo; chega amanhã a uma hora da tarde. Você pode vir para almoçar conosco. Eu vou falar com a mamãe para ela preparar o nosso prato predileto... Você há de gostar...

Colocamos a mão no fone e falamos ao nosso conselheiro que escutava a conversa:

— Foi convidado... Vai ser preparado o prato predileto...

— É feijoada. Já vi tudo. Diga que vai comê-lo. Não perca tempo rapaz! Feijoada é que dá sustância e cartaz. Não vê que elas estão sempre gordinhas e cada vez sobem mais? E' feijoada!

Voltamos a falar:

— Pois não, Dircinha. Vamos almoçar com vocês, amanhã, com muito prazer.

★

Às 12,45 chegamos ao apartamento das "estrêlas", na Praia do Flamengo. Linda havia chegado pouco antes de São Paulo, mas estava *perrengue*, isto é, adoentada.



OS ANÕES também gostaram da visita da estrêla bonita. E muitos dêles quiseram charlar... Dircinha divertiu-se muito.



ÊSTE AQUI, ficou satisfeito quando ela o tomou nos braços. Mas cá para nós disse: — «Cresça e apareça».



ALGUNS FALAM espanhol. Neste flagrante Dircinha, que domina bem o idioma de Cervantes, palestra com o casal.



COMO SÃO leves! Até parece uma boneca — disse Dircinha ao tomar nos braços essa graciosa anã.



O CONTRATO era de montar nos elefantes, mas de perto Dircinha teve mêdo Também os bichos são tão grandes...



A GIRAFA nem deu bola. Ficou só olhando de longe... Não quis aceitar o presente que a estrêla lhe ofereceu.



TODAVIA, o macaco ficou interessado... Estava querendo alguma coisa. Mas Dircinha não se aproximou dêle.

Nem por isso menos bela. Dircinha, alegre e sorridente, ajudava D. Nenen a terminar o almôço. E enquanto a mesa ia sendo posta, íamos admirando a obra de arte que a outra irmã Odete, bordava num talagarço beije. Uma verdadeira maravilha. Só mesmo a paciência feminina é capaz de executar coisa tão bonita e tão difícil, ao mesmo tempo.

Às 2 horas, finalmente, saboreávamos uma gostosa canjica à baiana, como complemento da suculenta feijoada. E depois do café teve início a palestra.

★

Começamos por Linda que, em virtude de estar adoentada, não pôde nos acompanhar no giro pelos circos da cidade.

Todos sabem que a intérprete de "Vingança" é paulista e que nasceu num dia 14 de junho (a data certa é para os fãs mandarem presentes), mas muitos ignoram que na Capital paulista há um logradouro público com o seu nome. Foi a Câmara Municipal, que, num gesto mui digno, homenageou-a, dando o seu nome a uma das ruas da cidade.

Segundo narrativa de D. Nenen — Florinda de Oliveira — êsse o nome de batismo da "estrêla" — foi educada juntamente com as duas irmãs, Odete e Dircinha, nos Colégios Sion e São Marcelo. Sempre tirava grau dez em tudo, menos em comportamento. Aos 10 anos aprendeu a tocar violão com Patrício Teixeira, tendo trabalhado antes por amadorismo no Teatro Santana.



FLAGRANTE PARA A POSTERIDADE. OS ANÕES FIZERAM QUESTÃO DE TIRAR UMA FOTO EM CONJUNTO, PARA LEVAREM COMO LEMBRANÇA DA VISITA DE DIRCINHA À COMPANHIA.



A FAMOSA estrêla cumprimenta o pigmeu-gigante antes de êle entrar no picadeiro. Ambos estão sorrindo.



DOS BICHOS, o camelo foi o único que se mostrou camarada e aceitou a fruta que a cantora lhe ofereceu.

em São Paulo, num festival de Roulien. Aos 11 acompanhava Dircinha ao violão em programas de rádio. Aos 13 compunha músicas.

Um dia Dircinha adoeceu e teve que faltar a um programa de Francisco Alves, na antiga Rádio Cajuti e Linda foi então substituí-la. Data daí o seu ingresso na vida artística.

Quando tinha 14 anos venceu seu primeiro concurso de *Rainha do Rádio*, concorrendo com Alzirinha Camargo, Araci de Almeida, Odete Amaral, Cinara Rios e outras. Nessa época excursionou ao norte do país, justamente com seu pai — Batista Junior. — Na volta foi contratada pela Rádio Nacional. Estêve 2 anos nessa emissorsora. Depois foi para a antiga Ipanema. Voltou à Nacional, passou 7 anos na Tupi e finalmente acha-se na Nacional. Nessa seqüência houve também uma série de triunfos. Cantando, viajou por todo o Brasil e estêve em Buenos Aires, Montevidéu e Assunção. Tem atuado em *show* diversos; tanto em cassino, como em *boites*, televisão e festivais.

A sua popularidade é um fato incontestável. Não raro grava músicas que são verdadeiras *bombas* no gôto do povo. Vale a pena recordar "O Boteco do José", "O Clube dos Barrigudos" "Madalena", "Motorneiro Chapa 13" e agora "Vingança", que é a coqueluche da cidade.

"Vingança é um samba-canção diferente. E' uma espécie de segrêdo contado à meia-luz e que tem um pouco da história de tôda gente. O sr. Lupicínio Rodrigues foi muito feliz na escolha do tema.

Respondendo a uma *enquête* Linda Batista declarou que, além de gostar de cantar, gosta também de ler, de viajar, de perfumes, de pintar paredes e móveis e de atender a repórteres.

De fato. Vê-se nos seus olhos a satisfação quando a reportagem está em sua casa. Seja talvez por isso, agora é também jornalista. E diga-se de passagem, está revelando-se uma fina e mordaz colunista. Haja vista o que tem escrito criticando certos imitadores:

"Depois da visita de Chevalier deu a mania em muita gente de cantar em francês, que até eu daqui a pouco também vou cantar na língua do *chansonier*... Mas, não. Eu só falo de samba. Cuidado, minha gente... Ponha sempre nossa música na frente de tôdas, para que algum dia (Deus nos livre, mangalô três vêzes) êle não seja tocado só em gafieiras".

Antes de deixar Linda que se ia recolher ao leito, interrogamo-la sôbre as novidades.

Tenho gravado vários discos de músicas carnavalescas — disse. Todavia, ainda é cedo para adiantar algo sôbre os mesmos. Tenho trabalhado muito. Dizem que a vida de artistas é boa... não há dúvida... tem as suas compensações, mas em verdade é um tanto dura...

"Vou contar o que faço normalmente: durmo às 4 horas da manhã, pois trabalho em *boites*. Levanto-me ao meio-dia. Depois da *toilete*, quase sempre apressada, vou para o Rádio. Faço programas ou ensáio — depende do dia — aprendo músicas novas; nada menos que três vêzes por semana. Depois apanho minhas cartas e bato um papinho com os fãs. Almoço às 8 ou 9 horas da noite. Quando tenho programa noturno, "almoço" mais tarde um poquinho. Após a primeira refeição, dou um passeiozinho com a família e em seguida, vou para a *boite*.

"Nos dias em que tenho programa na Rádio Cultura de São Paulo, vou de manhã, de avião, e volto à noite e ainda vou para a *boite* trabalhar.

"Como vê, não é tão fácil a vida do artista. E apesar dos boatos, o dinheiro não sobra, como muita gente pensa. A nossa vida requer muita aparência e as despêsas são enormes. Na América do Norte, por um programa de meia hora no Rádio, pagam 40 mil cruzeiros. Aqui, quando se ganha 400 diários, já é muito. Nós os artistas brasileiros nos "defendemos" nas viagens aos Estados, nas festas dos clubes, etc. E, no entanto, o Brasil é o país onde melhor se paga ao artista estrangeiro. E' isso mesmo, santo de casa não faz milagres. Haja vista alguns que vou citar ràpidamente: Maurice Chevalier, 500 mil cruzeiros por 6 apresentações; Jacqueline François, 120 mil por uns dias, afora a atuação de São Paulo;

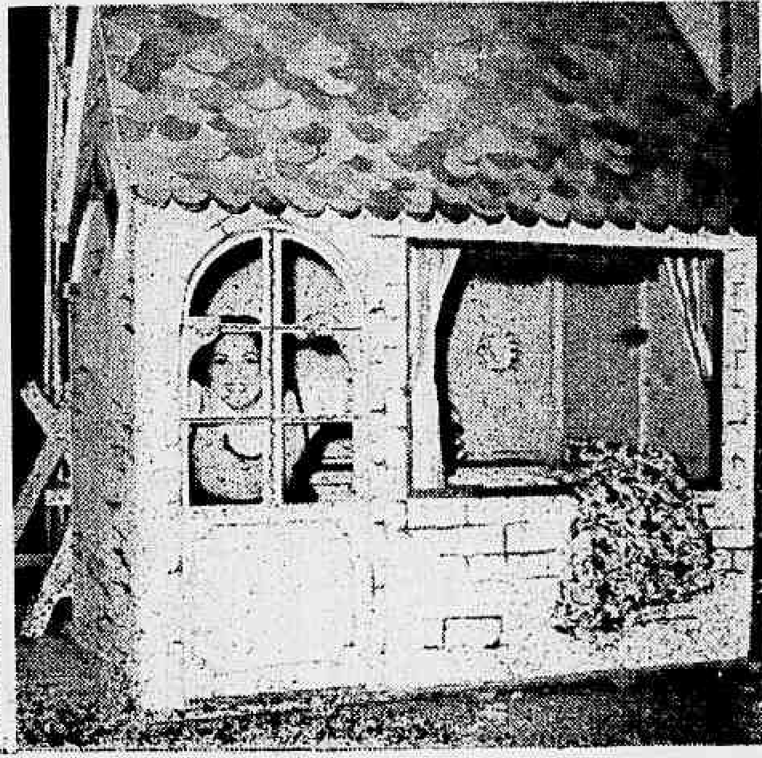
(*Continua na pág. 52*)



PELOS CARTAZES pode-se ter uma idéia do trabalho dos pigmeus, que ora se exibem na Avenida Presidente Vargas.



ÊLE BANCANDO o Romeu e ela a Julieta. A cena passa-se no Palácio do Governador — que, gentilmente, cooperou.



FINALMENTE, Dircinha dentro de uma das minúsculas casas que servem de residência aos anões artistas.

A "REVISTA" EM LISBOA



NA ASSEMBLÉIA NACIONAL, o novo Presidente da República, General Craveiro Lopes, ladeado pelo Chefe do Govêrno e presidente do Parlamento, lê a sua primeira mensagem à Nação.



MOMENTOS ANTES da solenidade, o Chefe do Estado palestra com o sr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho de Ministros, cargo que continuou a exercer no novo govêrno.

POSSE DO NOVO PRESIDENTE

INAUGURAÇÃO DE UM NOVO TEMPLO

ECOS DAS CERIMÔNIAS DA POSSE DO GENERAL CRAVEIRO LOPES NA ASSEMBLÉIA NACIONAL ★ TRASLADADAS AS RELÍQUIAS DE NUNO ÁLVARES PEREIRA PARA A IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL

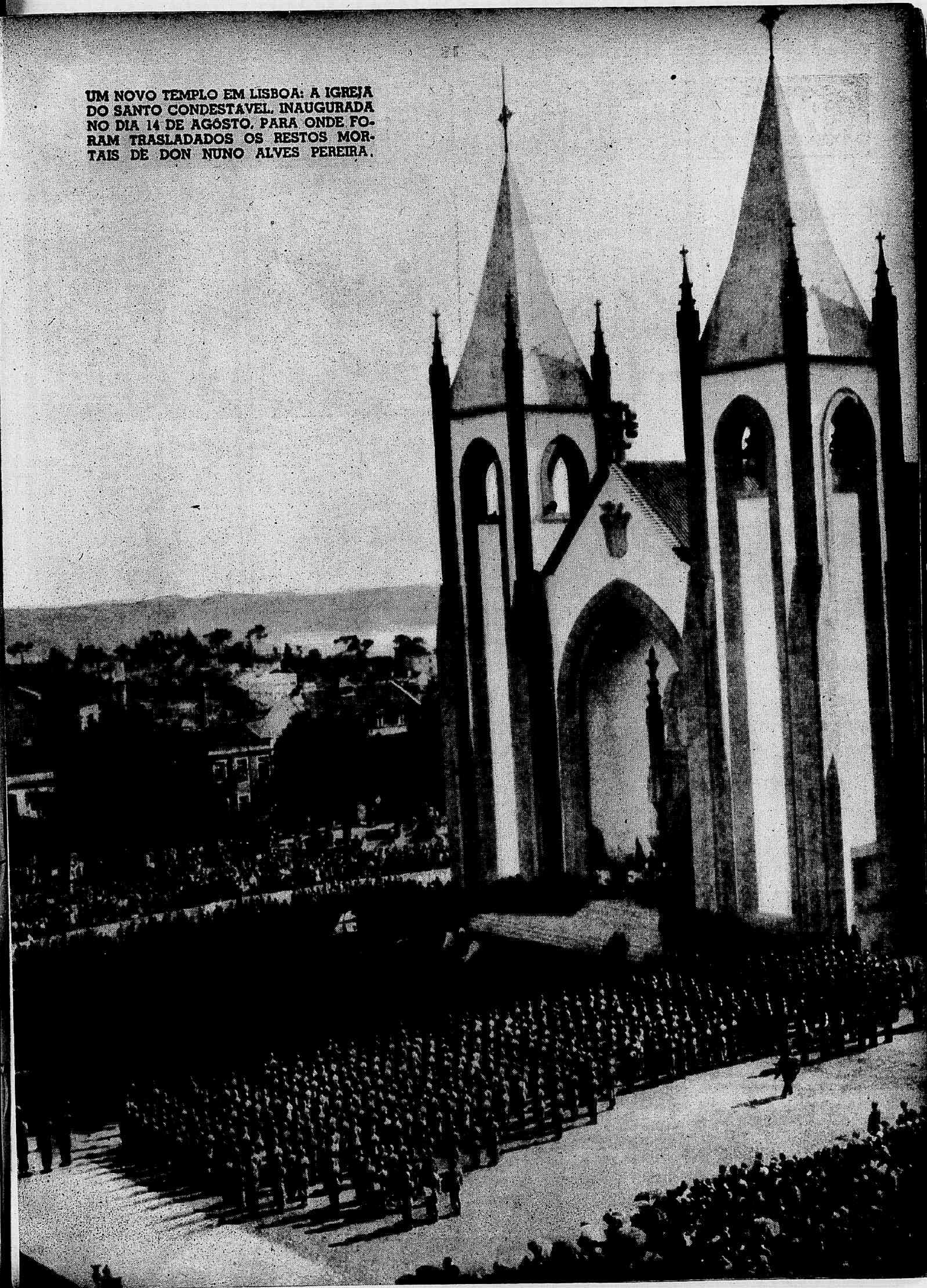
LISBOA, agôsto — Na tarde de 9 do corrente, perante a Assembléia Nacional, o novo Presidente da República, general Craveiro Lopes, prestou seu compromisso de honra, e declarou ao país: "Desejo ardentemente que em minha volta se reúnam todos os que tivemos a honra de nascer em terras de Portugal, sem distinguir raças, religiões ou idéias, e que no Chefe de Estado vejam segura garantia do prestígio e da continuidade da Pátria". O ato da investidura do novo Presidente revestiu-se de grande esplendor e solenidade, na presença de S. E. o Cardeal Patriarca de



NO DIA IMEDIATO ao da posse, no Palácio de Belém, o General Craveiro Lopes cumprimenta o Corpo Diplomático. A gravura mostra s. excia. ao apertar a mão do Embaixador do Brasil.



PERANTE O CORPO DIPLOMATICO e todos os componentes da Assembléia Nacional, o novo Presidente presta o juramento constitucional, no dia da posse, 9 de agôsto último.


UM NOVO TEMPLO EM LISBOA: A IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL, INAUGURADA NO DIA 14 DE AGÔSTO, PARA ONDE FORAM TRASLADADOS OS RESTOS MORTAIS DE DON NUNO ALVES PEREIRA.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N 69 -- PARA VETERANOS

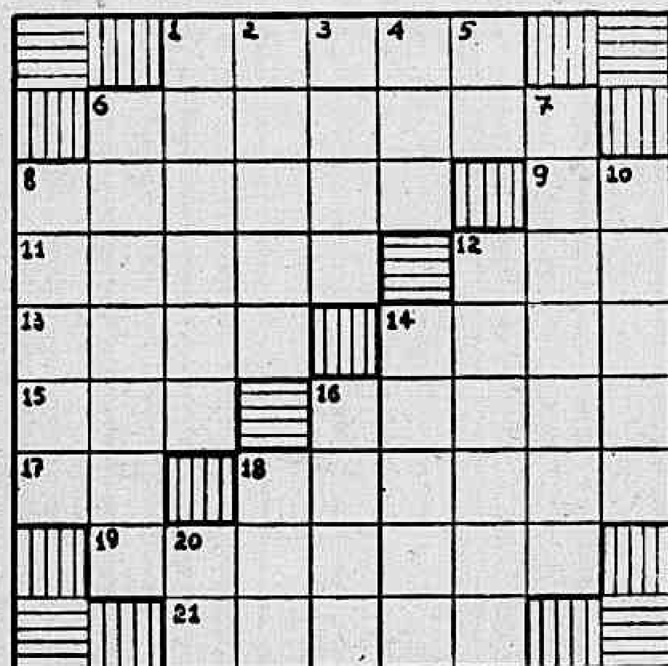
HORIZONTAIS: — 1. Antiga designação do si-bemol — 4. Sufixo que denota diminuição — 6. Pouco lea — 11. Cidade dos Estados Unidos, no Estado de Pennsylvania — 12. Espécie de palmeira — 13. Medida japonêsa de capacidade — 14. Prefixo que traz a idéia de reunião, ajuntamento — 16. Lagoa no Rio Grande do Norte — 17. Pátria de Pitágoras — 19. Tornar comum — 20. Pelejas — 21. 8ª letra do alfabeto árabe — 23. Cidade da Palestina — 24. Medida japonêsa de extensão — 25. Que está no lugar mais fundo — 27. Espécie de água — 28. Que promovem a supuração.— 30. O Absoluto na filosofia hindu — 31. Singular.

Otaner Rio

VERTICAIS: — 1. 11ª letra do alfabeto árabe — 2. Queimarias — 3. Que destrói as irisações produzidas por certas lentes (pl.) — 4. Relativos à predileção ou simpatia por alguma coisa — 5. Pedra redonda e chata com que se trituram os grãos — 7. Aquilo que corre como um rio — 8. Cidade da Noruega — 9. Nota musical — 10. Cidade da França — 14. Preciosos — 15. Que mói — 17. Cidade fortificada entregue à tribo de Naftali por ocasião da divisão das terras que Josué conquistara — 18. Cidade da Turquia asiática — 22. Divisão administrativa da Dinamarca — 24. Rio da Ucrânia — 26. De outro modo — 27. Manga — 28. Nota musical — 29. Apenas.

*

PROBLEMA N. 69 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Mariola — 6. Mau cheiro do mar, na vazante — 8. Trejeito do rosto — 9. Símbolo do bromo — 11. Canto plangente com que os vaqueiros guiam as boiadas — 12. Pedra do altar — 13. Rumo, caminho por mar — 14. Lavrar — 15. Curso de água natural — 16. Excito, ateio fogo — 17. Feminino da terminação «ão» — 18. Aguardente extraida do arroz fermentado (pl.) — 19. Curadas — 21. Impelir com o auxílio dos remos.

VERTICAIS: — 1 Tratante — 2. Qualquer pó — 3. Direito — 4. Membro de ave - 5. Interjeição de surprêsa, dor — 6. Árvore da família das Caparidáceas (pl.) — 7. Cinges com os abraços — 8. Veículo de rodas para transporte de coisas ou pessoas — 10. Pouco comuns — 12. Arar superficialmente — 14. Ligada — 16. Lavam — 18. Unidade das medidas agrárias — 20. Atmosfera.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 68 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Nafo — Crer — Regra — Rolar — Id — Anual — Po — Aio — Elo — Lat — Sota — Piso — Rigidez — Ares — Sapa — Duo — Foz — Ruz — Is — Fusos — Lé — Ascua — Nicho — Outo — Área.
VERTICAIS: — Nédio — Ag — Fra — Oane — Craô — Rol — El — Rapas — Rias — Roto — Últimos — Otreo — Lizar — Ais — Pés — Adia — Russo — Pulha — Azeo — — Fuão — Zona — Fut — Sir — Cu — Cê!

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Roto — Medo — Elmos — Mi — Aos — Ar — Iam — Imo — Receado — Sal — Ara — Os — Ita — Às — Aroma — Aula — Aras.
VERTICAIS: — Rami — Te — Ola — Mós — És — Ouro — Molesto — Iaras — Amora — Mel — Ida — Sola — Asas — Ira — Ama — Al — Ar.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

A "REVISTA" EM LISBOA



A ENTRADA DA IGREJA do Santo Condestável, no início das solenidades, deu-se o encontro do General Craveiro Lopes, novo Chefe de Estado, com o Cardial Patriarca de Lisboa.

Lisboa, todos os membros do Govêrno, do corpo diplomático, deputados e procuradores à Câmara Corporativa, alto funcionalismo civil e militar e outras individualidades de relêvo na vida portuguêsa. Desde Alcântara-Mar, na Avenida da Índia, até ao Palácio das Côrtes, postavam-se dois batalhões a três terços, da Brigada Naval e da Legião Portuguêsa; um grupo de duas companhias da P.S.P., e outras unidades militares. Em frente da Avenida de D. Carlos I, na Rua Sul do Caminho de Ferro do Estoril, localizou-se uma bateria do Regimento de Artilharia Ligeira, que deu a salva de 21 tiros quando, às 10 e 5 minutos, o novo Chefe de Estado proferiu o seu compromisso de honra.

Êsse compromisso traduz-se nas seguintes palavras:

"Juro manter e cumprir leal e fielmente a Constituição da República, observar as leis, promover o bem-estar geral da Nação, sustentar e defender a integridade e a independência da Pátria Portuguêsa."

Nessa manhã, Lisboa surgiu festivamente embandeirada, vendo-se não apenas os pavilhões nacionais nos edifícios públicos e oficiais, mas em muitas residências particulares e, de um modo mais expressivo, em muitas residências de estrangeiros, que hastearam simultâneamente os pavilhões de seus países.

Dirigindo-se à Nação, o general Craveiro Lopes teve ocasião de declarar:

— "O juramento que prestei perante Deus e perante os homens ficou profundámente gravado no meu espírito e na minha consciência. Não esquecerei que passei a ser o chefe de um grande povo, que, através de longa e gloriosa vida, escreveu páginas das mais brilhantes da história da Humanidade".

O primeiro ato oficial do novo Presidente da República foi de homenagem ao Marechal Carmona, seu antecessor. A cerimónia teve como cenário a beleza sem par da Sala do Capítulo do Mosteiro dos Jerônimos, onde o General Craveiro Lopes foi depositar uma coroa de cravos vermelhos, junto à arca tumular que guarda os restos do saudoso marechal. Foi um momento de rara emoção o do encontro dos dois presidentes, um

(Cont. na pág. 50)



OS RESTOS MORTAIS do vencedor da batalha de Aljubarrota, levados da Capela do Carmo, dão entrada no novo templo, solenidade que se levou a efeito no Dia da Infantaria.



O «PRÍNCIPE» DANILO, da nobreza futebolística, lendo na «Revista da Semana», a história do técnico que o orientou nos quatro últimos anos, quando conquistou 3 títulos de campeão no Vasco. Em baixo, entrando em campo para jogar.

DANILO - O PRÍNCIPE DA PELOTA

DA "PELADA" DA RUA CAMPOS SALES AO TIME DE AMADORES DO AMÉRICA ★ UM NATAL MARCA O DESTINO DE UM "CRACK" ★ AMÉRICA, CANTO DO RIO, AMÉRICA E VASCO, O ROTEIRO PROFISSIONAL DO MELHOR CENTRO-MÉDIO BRASILEIRO ★ OS TÍTULOS DO FUTEBOL E O TÍTULO DE NOBREZA ★ SUAS EMOÇÕES E SUAS MÁGUAS

Reportagem de LEVY KLEIMAN

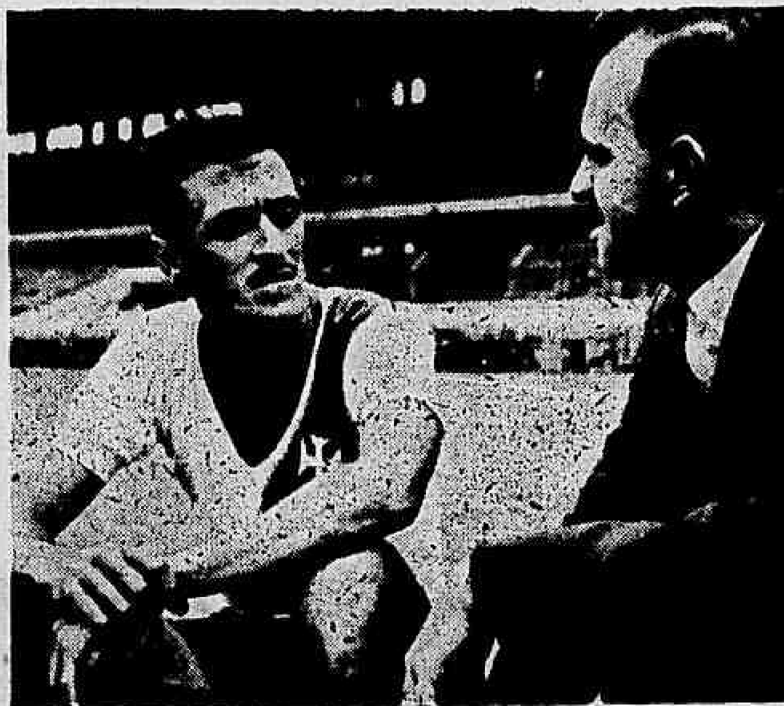
Fotografias de JOSE' SANTOS

O repórter ainda era "foca" na imprensa profissional, tinha apenas 15 dias de trabalho num matutino que deixou de circular há muitos anos, "O Imparcial", quando recebeu a incumbência de sua primeira reportagem de rua, com direito a levar fotógrafo. Hoje, isso nada significa para quem tem 11 anos de tarimba na crônica esportiva, mas, naquela época, reportagem externa com fotografia era sonho para o principiante. O chefe da seção informou que tínhamos que trazer uma história completa do atropelamento de um jogador do quadro de amadores do América, verificado na véspera, ou seja, no dia 25 de dezembro de 1940.

A imprensa esportiva não dava tanta importância a um jogador amador para mandar fotografá-lo no seu leito de hospital. Quem era o personagem tão importante? Apenas um centro-médio amador, que tinha sido convocado para treinar na seleção carioca de profissionais, e uma seleção era, realmente, uma honra, principalmente para o atleta que jogava por esporte.



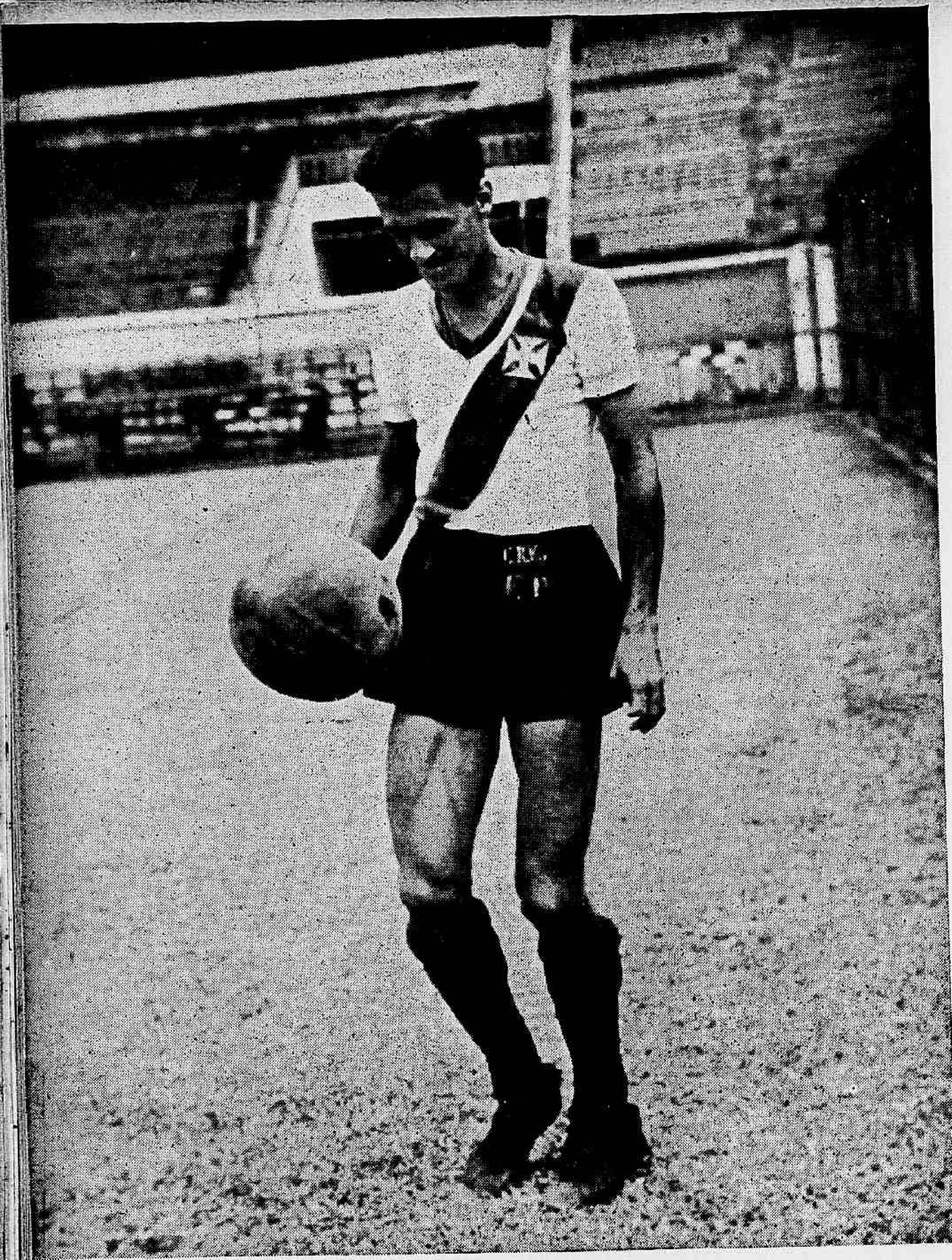
Danilo diz a Gifoni, médico do Vasco, que apesar dos 30 anos ainda pode dar vantagem aos novatos de mais fôlego.



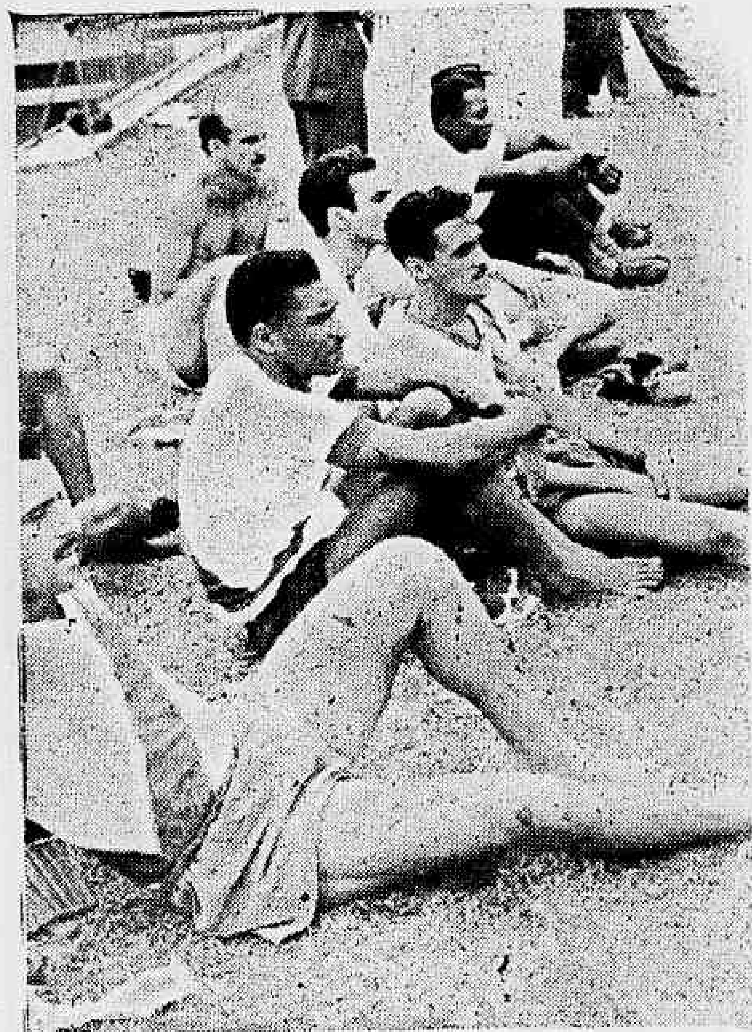
CONTANDO ao repórter a sua história, na qualidade de profissional, que começou com um desastre no dia de Natal.



O MELHOR centro-médio e o seu suplente, Lola. Apesar de ocuparem a mesma posição na intermediária, são amigos.



O ESGUIO rapazinho que começou na «pelada», na sua carreira profissional só defendeu três clubes, ostentando em 11 anos de futebol, quatro títu'os de ampeão carioca, quatro títulos de campeão brasileiro, e um sul- mericano!



DANILO entre os seus colegas de quadro titu-[illegible], Laerte, Tesourinha, Praça e Augusto, assiste a um treino coletivo.

PROFISSIONAL COM A PERNA QUEBRADA

Tratava-se de Danilo Alvim, carioca do subúrbio do Rocha. Começou a praticar futebol nas "peladas", o futebol que a garotada joga em qualquer lugar, na rua, em terreno baldio, com qualquer bola, seja de borracha, couro ou de pano. Lá foi buscá-lo um veterano caçador de talentos futebolísticos, o desportista Coelhão, para integrar o quadro de amadores do América. Naquele tempo, em 1939, o América possuia um time de amadores que num domingo brilhava e noutro decrescia de produção. A princípio, não fizeram fé naquele rapaz magro, alto, de pernas compridas e finas. Diziam que não tinha fôlego para aguentar 90 minutos. Dia a dia, jôgo a jôgo, o franzino centro-médio se firmava e, como o centro da linha intermediária é a mola de um quadro de futebol, o time americano foi crescendo de produção, e, um ano depois, conquistava o título de campeão carioca de amadores. O destino escreve direito por linhas tortas. O amador Danilo Alvim, que fôra convocado para o selecionado carioca, às vésperas de alcançar o estrelato era atropelado por um carro, ao querer atravessar à frente de um ônibus na Praça da Bandeira.

O repórter foi encontrá-lo, no dia seguinte, num leito do Hospital Grafrée-Guinle, com a cabeça enfaixada e uma perna engessada. O fotógrafo puxou a argola do magnésio, estourou o clarão. Danilo Alvim, centro-médio do Vasco, da seleção carioca,



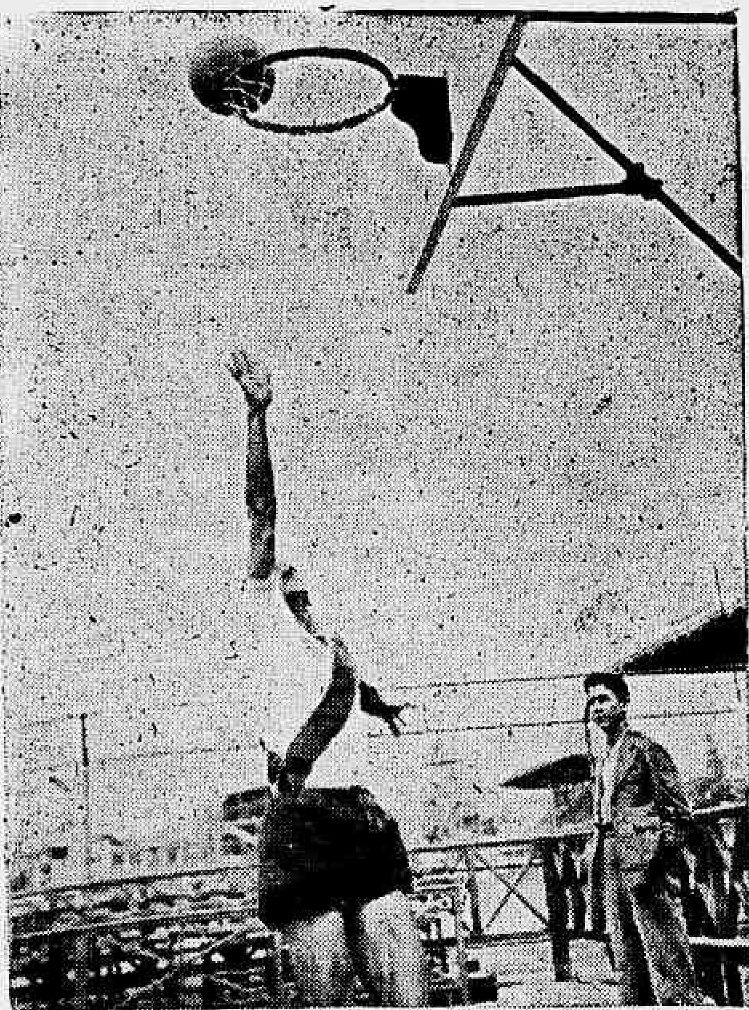
O «CRACK» não dispensa o trabalho do massagista Mário Américo no preparo de sua musculatura para 90 minutos.



POSANDO para a posteridade, faz pose mas é modesto. Tão modesto como quando foi fotografado no quarto do hospital.



OUVINDO os ensinamentos do novo preparador vascaino, Oto Glória, que chefiará a campanha pelo tri-campeonato.



MESMO SENDO francamente do futebol, êle não dispensa, no seu preparo físico, um pouco de basket. Ei-lo encestando.

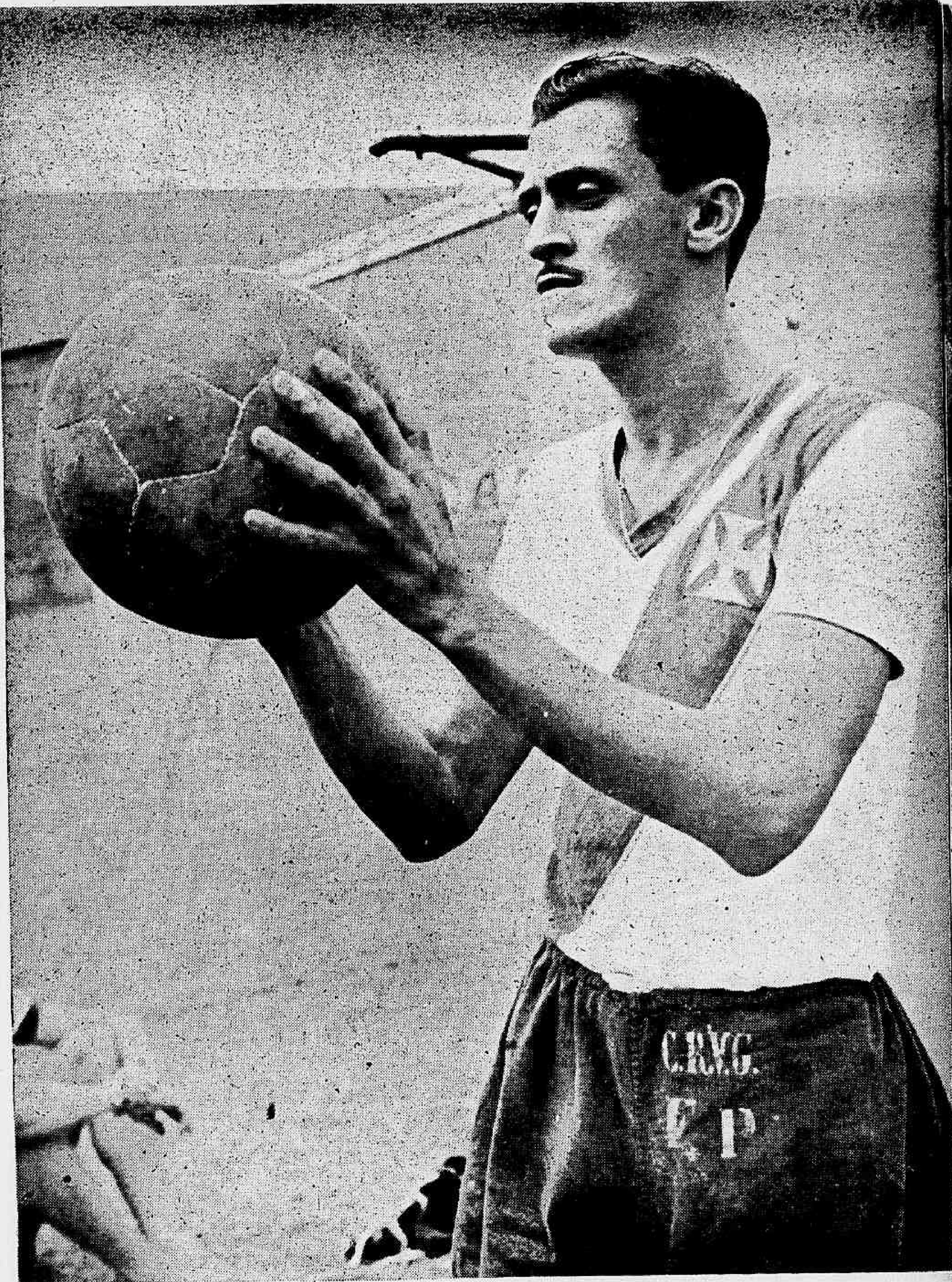
da seleção brasileira, bi-campeão carioca, várias vêzes campeão brasileiro, campeão sul-americano, e vice-campeão mundial, recordou tudo isso no dia desta reportagem para a REVISTA DA SEMANA:

— "Eu ainda estava com a perna enfaixada" e o América, que me havia convidado para integrar o quadro de profissionais, mesmo na incerteza de que pudesse voltar a jogar, fêz com que eu assinasse um contrato. Você ainda se lembra das assinaturas no gêsso da minha perna enfaixada, iniciadas com o *jamegão* do Ricardo Diez, que, naquela época, era o técnico do América? Aliás, você, também, deixou sua assinatura, não foi? — perguntou Danilo ao repórter.

TRÊS CLUBES NA VIDA DE UM "CRACK"

Na qualidade de profissional de futebol, Danilo só jogou em três clubes: América, Canto do Rio e Vasco. Em 1942 integrou o plantel dos "diabos rubros". No ano seguinte, em virtude de ter baixado de produção, foi cedido por empréstimo ao Canto do Rio. A cessão era pelo período de um ano, mas o clube de Niterói gostou da atuação do centro-médio e não quis devolvê-lo ao clube de origem, porque as leis futebolísticas não reconheciam o empréstimo, e o acôrdo tinha sido feito verbalmente. Mas o América fêz questão do cumprimento da palavra. Houve muito barulho, o caso foi discutido na Federação Metropolitana de Futebol e na Confederação Brasileira de Desportos, e

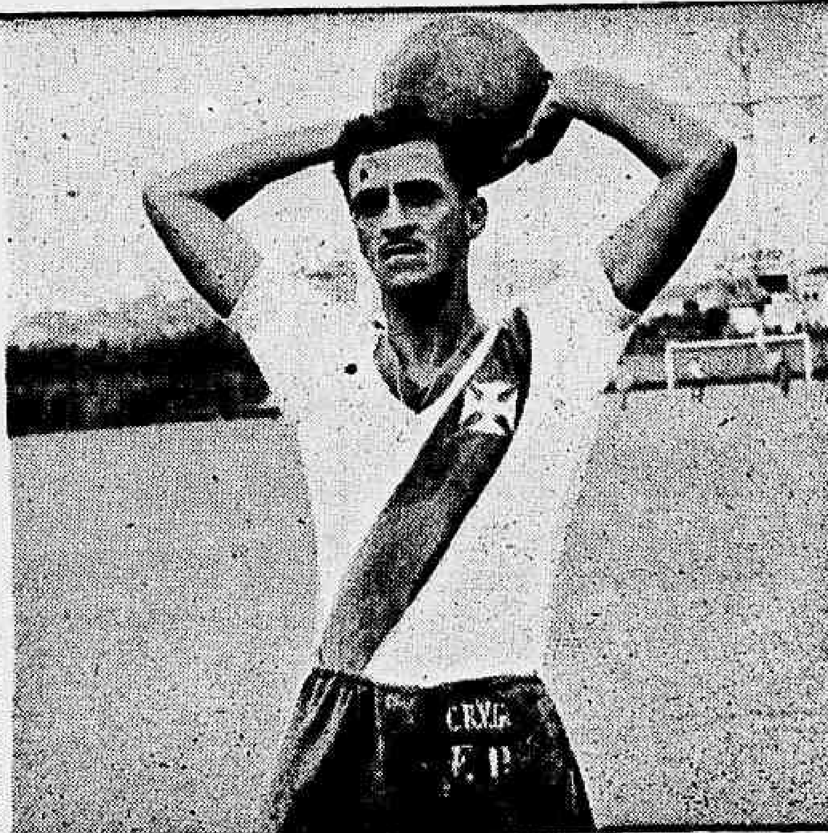
(Cont. na pág. 46)



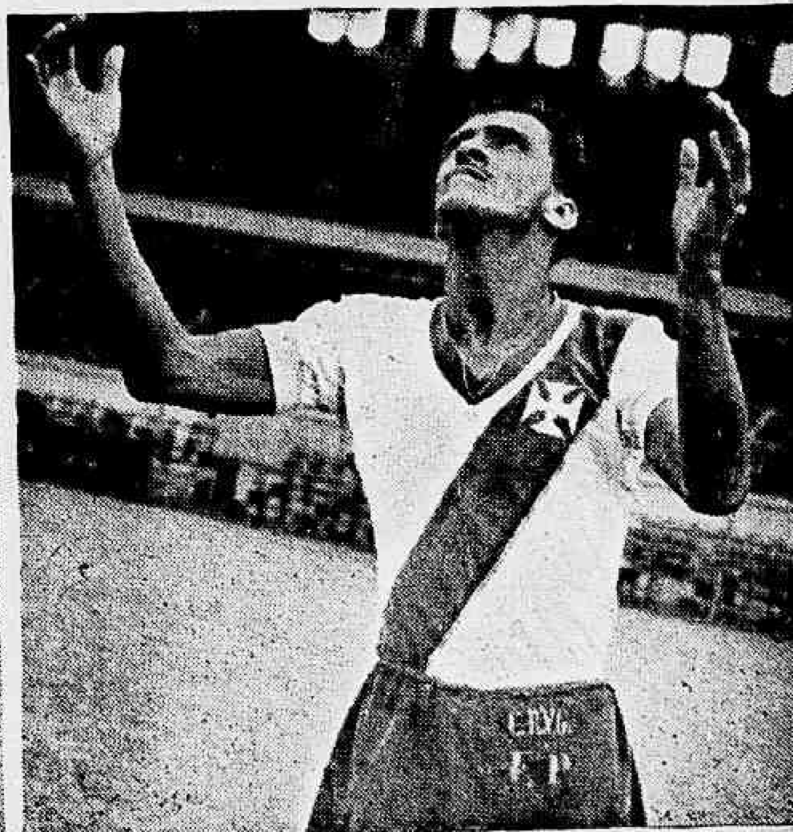
A BOLA não tem mais segrêdos para o centro-médio efetivo de tôdas as últimas seleções carioca e brasileira. A sua maior mágua foi não ter podido conquistar o título que mais ambicionava: o de campeão mun ial de futebol.



A COLUNA mestra do sistema defensivo vascaino é o termômetro da regularidade do seu time, num campeonato de fogo



TODO JOGADOR precisa ter bom conhecimento das regras do esporte que pratica. Ei-lo executando um out-side. O.F



DANILO NAO ESTA implorando aos céus mais alguns anos de futebol, mas apenas cabeceando uma bola. Aparências

"Sabem por que Kolynos embeleza"?



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por Universidades norte-americanas e européias, demonstraram que Kolynos destrói até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das caries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca purifica do o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Vocês gostariam de ter dores de dente, mau hálito, um sorriso desagradavel... ou dentes cariados?*



2. *Pensem nisso... Há milhões de bactérias que produzem os ácidos causadores das dolorosas cáries.*

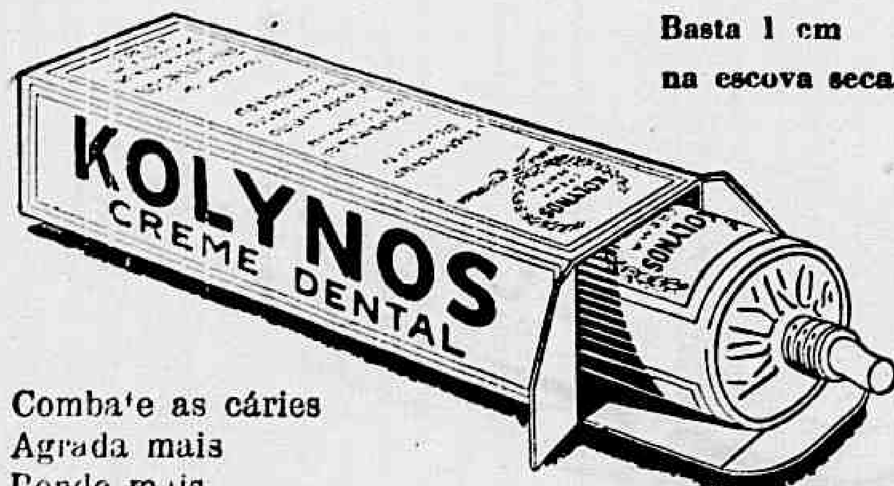


3. *Não sabiam?... Pois, aproveitem a lição!... Defendam seus dentes e a saúde, usando Kolynos depois das refeições, como eu faço.*



4. *E não esqueçam que o creme dental Kolynos também embeleza... porque torna radiante o seu sorriso, perfuma o hálito, clareia os dentes e os faz brilhar como pérolas.*

Basta 1 cm na escova seca.



Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-403-P

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL O PAIS DO MUNDO QUE, ATUALMENTE, CONSOME MAIS CAFÉ, POR PESSOA:
[illegible]
A Suécia?
Os Estados Unidos?

2 — ANTES DE SER LIVRE, QUAL O PAIS QUE DOMINAVA A GRÉCIA ATÉ 1829:
[illegible]
A Itália?
A Turquia?

3 — A ÁREA EM QUILÔMETROS QUADRADOS, DO DESERTO DO SAARA É:
Superior à do Brasil?
A metade?
Um têrço?

4 — EM QUAL DESTAS PALAVRAS HÁ A FIGURA DE GRAMÁTICA CHAMADA TMESE:
D'esta?
Mandar-lhe-ei?
Esperança?

5 — QUAL FOI O NOME PRIMITIVO DE LIMA, CAPITAL DO PERU, DADO POR PIZARRO:
Cidade dos Reis?
Andina?
Rainha Joana?

6 — CONTRA QUE CRUZADA, COMBATEU O SULTÃO SALADINO:
A quinta?
A terceira?
A primeira?

7 — A GRANDE FAÇANHA DE SANTOS DUMONT EM 1901, CONTORNANDO A TÔRRE EIFFEL EM PARIS, FOI EM:
Aeroplano?
Balão?
Dirigivel?

8 — DE QUANTOS QUILÔMETROS FOI A PROVA DA TÔRRE EIFFEL REALIZADA POR SANTOS DUMONT, AO RESOLVER A DIRIGIBILIDADE DE MÁQUINAS VOADORAS:
Trinta?
Vinte e dois?
Quarenta e cinco?

9 — QUAL O TEMPO GASTO POR SANTOS DUMONT NA PROVA DE IDA E VOLTA, DO AÉRO CLUBE DE PARIS A TÔRRE EIFFEL:
Meia hora?
Duas horas?
Uma hora e dez minutos?

10 — QUE VELOCIDADE DESENVOLVEU O DIRIGÍVEL DE SANTOS DUMONT NA PROVA DA TÔRRE EIFFEL:
Vinte e cinco quilômetros por hora?
Quarenta?
Cinquenta e cinco?

11 — QUANDO FOI CONSTRUIDA A PRIMEIRA MÁQUINA VOADORA A JATO:
Em 1930?
Em 1940?
Em 1937?

12 — DESDE QUE TEMPO DATAM AS INSTALAÇÕES DE RADAR NAS COSTAS DA INGLATERRA:
De três anos antes da 2ª guerra?
Durante a guerra?
Depois?

13 — A FAMOSA CIENTISTA Mme. CURIE, ERA:
Polonesa?
Francesa?
Belga?

14 — QUE NOME TEM O MEDICAMENTO QUE SERVE PARA CURAR A DIABETE:
Adrenalina?
Esterectipia?
Insulina?

15 — QUEM FOI O CIENTISTA QUE CRIOU O NOME VITAMINA:
Funk?
Hopkins?
Banting?

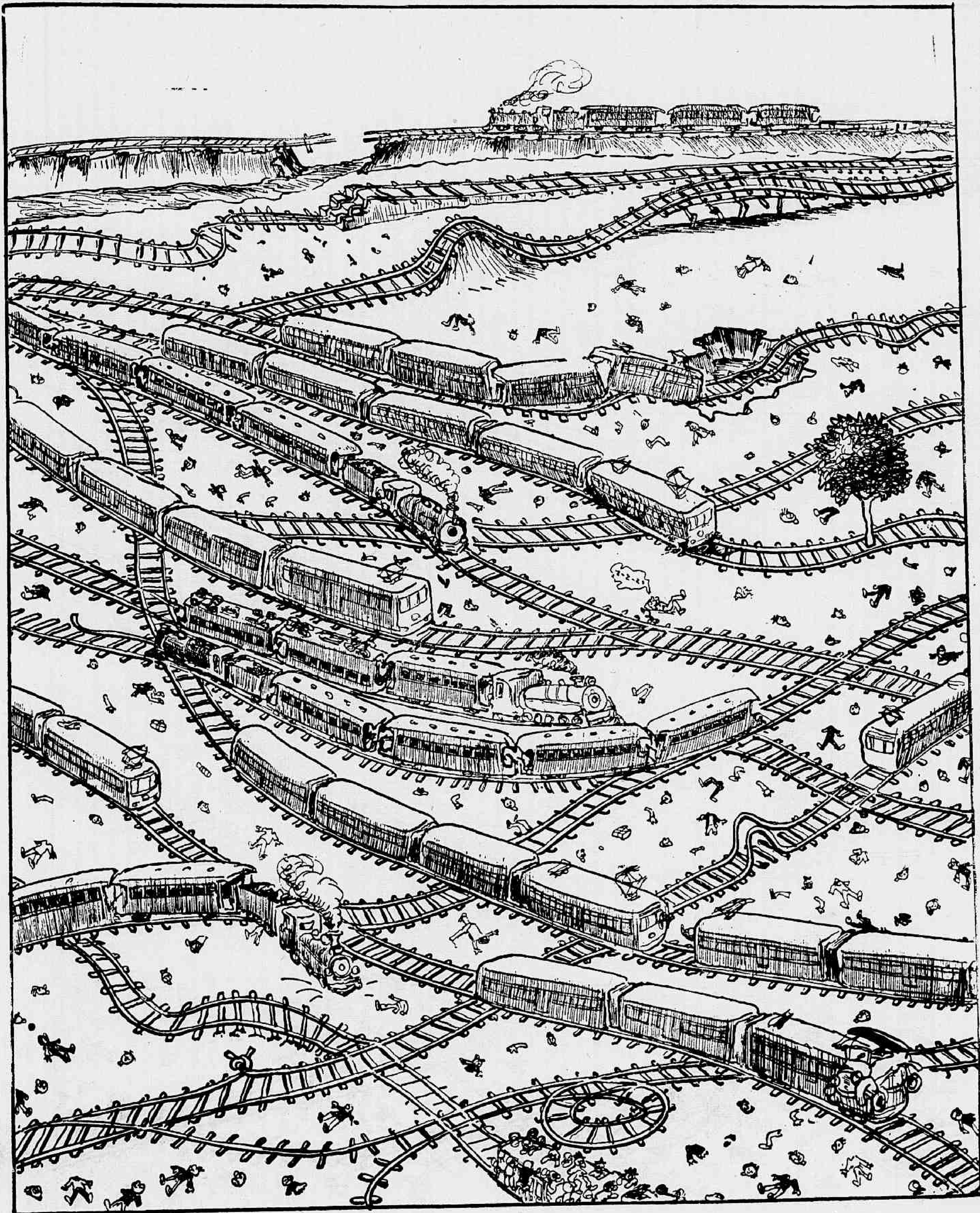
(Respostas na página 46)

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

TRENS DE SUBURBIO





MESMO SEM MARCAR AS CURVAS, QUANDO ELA APARECIA ASSIM, NA PRAIA DE SANTA LUZIA, VOVÔ FICAVA ESTRÁBICO, POBRESINHO!

QUANDO VOVÓ IA À PRAIA...

Os homens já faziam fiu-fiu!

E A CURIOSIDADE DE VOVÔ NÃO ERA MENOR QUE A NOSSA ★ DESDE 1920 APARECERAM OS PRIMEIROS "FIU-FIU" ★ NOS ÚLTIMOS 80 ANOS, NADA FOI ACRESCENTADO AS ROUPAS DE BANHO E MUITA COISA FOI SUBTRAIDA...

Por JOHN TERRY

HOLLYWOOD, Califórnia, agôsto — Os "maillots" têm sofrido, durante os últimos 80 anos, constantes modificações. Durante êsse tempo todo, nada lhes foi acrescentado, mas muita coisa foi subtraida...

Pela volta do século, os "maillots" tiveram o preço fixado em cêrca de 80 dólares, e pesavam, quando molhados, umas 15 libras. As de estilo moderno, chamados "de assobiar", ou também "Bikini", e confeccionados em tecidos leves e muito transparentes, pesam sòmente umas dez onças, quando muito.

Os "maillots" são tão diminutos, agora, que fazem os homens ficar pensativos. Isso é agora. O que acontecerá no ano 2.000?

Mas, seja como fôr, tanto nos tempos antigos, como nos de hoje, e, esperamos que também no futuro, as roupas de banho para mulheres se destinam a um mesmo fim: provocar "assobios" dos homens...

E a curiosidade do nosso avô em observar aquêles corpinhos de lindas moças, metidas nos "maillots" de calção comprido, com sobre-saia para baixo de joelhos, não era menor que a nossa, ao apreciarmos as últimos importações da França.

Estudando as modificações das roupas de banho, os criadores de modas norte-americanos dividem a época em treze periodos.

1 — As mulheres de 1870 pouco se importavam com as aparências, procurando vestir-se, usando calças compridas e cobrindo o busto, para se protegerem do sol, da areia e... dos olhares curiosos dos homens.

2 — Dez anos mais tarde, as damas já mostravam mais o busto, envôlto numa espécie de apertado colête. Também as mangas compridas não se faziam mais necessárias.

3 — Em 1895 as curvas das nossas então jovens avós ainda permaneciam ocultas, e elas tomavam o banho de sol quando fora de água. Se elas tentassem entrar na água e nadar, o pêso das roupas certamente as faria afundar.

4 — Os maiores decotes e roupas mais curtas começaram a aparecer pelos 90 do século passado.

5 — Oh! Como se tornaram mais lindas as banhistas, usando roupas mais curtas e mais leves, aí pelos 1905! Mas, assim mesmo, elas nada deixavam à vista, e continuaram a usar calças compridas.

6 — As filhas das nossas avós, aí por 1910, já tiveram os desejos de expor mais as suas belezas corporais. As calças foram consideràvelmente encurtadas, mas cobertas ainda por uma saia leve e flamejante.

7 — Em 1912, pela primeira vez apareceram nas praias, guardas de moral. Imaginem, tanta nudez à mostra! E elas não usavam mais roupa de banho com mangas! Apesar de todos os preconceitos, as roupas de banho, daí por diante, encurtaram-se polegada por polegada.

8 — Pouco antes da primeira guerra mundial, apareceram também os primeiros joelhos nus das banhistas. As linhas da cintura tornaram-se mais visiveis, acentuadas por largas fitas em volta do corpo. E desapareceu, enfim, também a calça.

9 — Os homens, realmente, começaram a "assobiar" em 1920, com o início do uso de "maillots" que deixaram transparecer as curvas naturais. Tinham já desaparecido as mangas, o pescoço estava mais recortado, e a sainha tão curta, que pràticamente não ocultava nada.

10 — Logo em seguida as americanas de 20 anos encurtaram mais ainda a saia já tão curta, alargaram o recorte em volta do pescoço e recortaram um decote nas costas.

11 — Os cintos desapareceram por completo em 1949, aparecendo, então, os modernos "maillots" de duas peças.

12 — A fatal influência francesa pesou mais e mais sôbre a mulher, e os "assobios" franceses ressoam num sem número de variedades em todos os balneários do mundo.

13 — E continua a permanecer, em 1951, a influência francesa, como demonstram os novos modelos de modernas roupas de banho, cada vez mais curtas, e cada vez mais transparentes, e nenhuma diferença há que sejam as roupas sêcas ou molhadas, a visibilidade, agora, é sempre a mesma...



HOJE TUDO MUDOU. Mas que revolução, senhores, se essa garôta aparecesse no Flamengo nestes trajes, há quarenta anos!



QUE HAVERIA por baixo de tanto pano? Os frequentadores do Boqueirão, contemporâneos de Abrahão Saliture e do Provenzano, suspiravam quando as «melindrosas» de antes de 1920 iam banhar-se, de madrugada, para não dar na vista...

Entremês do JOVEM ATOR APAIXONADO

(Conclusão)

CHOROU ainda copiosamente, encostadinha no meu braço (por que sòmente agora eu sinto que Joyce era uma atriz de tanto talento, com tanto futuro, e por que sòmente agora eu sinto quão macia era a sua pele?...) No palco, Ulisses, Armando e Jorge falavam em voz baixa com Palmira.

— Oh, Orlando! — chilreava Joyce. Eu a odeio! eu a odeio!

— Calminha, nêga. Sempre se dá um jeito. Eu também acho que ela é meio insuportável, mas a coisa tem que continuar.

— Ulisses está de pirraças com Joyce, Orlando — assegurou Irene.

— Talvez êle esteja apaixonado pela pirralha.

— Aquêle idiota! Só subirei naquele palco se essa sirigaita for reduzida à sua verdadeira posição. Será que o imbecil do Ulisses não vê que está estragando a peça com isto?

Para encurtar a história, direi que o ensáio não continuou. Joyce pediu que eu fôsse levá-la a casa. Ulisses não lhe dera a menor satisfação. Caminhamos até à casa de Joyce. Iamos pela Avenida Beira-Mar, silenciosos.

— Eu sei que Ulisses não me quer mais na peça, Orlando.

— Nem pense nisto. Você é a melhor de nós todos — disse eu.

— Êle não pensa assim.

— Mas... e o papel?

— Gosto dêle. Acredito mesmo que Ulisses tem talento, que vai longe. Mas está apaixonado pela sirigaita.

Não tive coragem de dizer-lhe que também estava apaixonado pela pequena voluntariosa.

— Pode ser... Você acha mesmo?

— Todo mundo vê logo.

A' porta de sua casa, Joyce agarrou-me, subitamente, pelo ombro e disse à queima-roupa:

— Orlando, eu gosto de você. Nós dois somos moços, temos futuro. Por que não organizamos um grupo? Os outros podem vir se reunir à gente. E' só chamar.

Nunca pensara em semelhante coisa. Entretanto, Joyce alí estava com os lábios a dois dedos dos meus, suplicante, os seios bem torneados subindo e descendo dentro da blusa grená.

— Nós dois juntos podemos fazer tudo, Orlando, tudo.

Não soube o que dizer. Beijei-a. Ficamos por certo espaço de tempo abraçados, como se nos amássemos como loucos. Mas, miserável que sou eu, naquele instante eu imaginava estar com Palmira entre os meus braços, como Joyce, rendida, dependendo de uma palavra minha...

Despedí-me de Joyce e prometi que no dia seguinte falaria com tôda a turma. A' saída, lavava o papel de Electra para devolver a Ulisses.

Quando eu recordo estas coisas tôdas, sinto-me imensamente sórdido. Joyce hoje está trabalhando numa companhia profissional de certa honestidade e tem conseguido muito sucesso. Palmira... bom, não antecipemos as coisas.

No dia seguinte, encontrei com Ulisses e não fiz nada mais que devolver o papel de Joyce. Êle me interrogou com os olhos.

— Fico com você. Tomei o bonde errado, vou até ao fim da linha, — disse eu.

— Ótimo, velho.

— Quem?...

— Claro que Palmira. Sempre imaginei que ela seria uma ótima Electra. Tem personalidade.

E assim foi.

Os ensáios prosseguiram por mais de dois meses. Palmira tornara-se quase intratável. No segundo mês de ensáios, apareceu com um tipo musculoso, bem tratado, metido num suéter branco. O sujeito ficou na platéia assistindo a tudo. No final, apanhou Palmira pelo braço e foram-se. Procurei Ulisses com os olhos. Êle evitou encarar-me. No café, tentou por tôdas as maneiras deixar de lado o assunto. Antes da hora normal, deixou o café.

No dia seguinte, o sujeito musculoso, desta vez de suéter amarelo, apareceu, assistiu ao ensáio, da última fila, e quando tudo acabou levou Palmira novamente. A coisa repetiu-se até três dias antes da estréia marcada. Estava escrito que Ulisses jamais teria sua peça em cena, ainda desta vez. Como eu ia dizendo, três dias antes da estréia, Palmira chegou quarenta minutos depois da hora marcada, chamou Ulisses para um canto, conversaram perto de vinte minutos. Depois, saiu. Ulisses chegou para nós, sentou-se à beira do palco e disse:

— Não vai haver estréia nem coisa alguma...



A princípio, não sabíamos o que pensar daquilo tudo. Depois, devagar, Ulisses contou que o noivo de Palmira (o tal gajo musculoso que aparecera alí há pouco mais de um mês) achava que ela não devia fazer papéis como êste em público. E ela, muito a contragôsto, resolvera "dar o teco".

Se você fosse ator, compreenderia o que significa ensaiar por mais de dois meses e, quando faltam três dias para a estréia, com tudo pronto, a protagonista dar o fora e tudo cair por águas abaixo.

Fui eu quem pensou salvar tudo.

— E se chamássemos a Joyce?

Houve um raio de esperança no meio do grupo todo. Mas isto não durou muito. Irene descobriu:

— Joyce viajou na semana passada, numa companhia profissional, para o Norte.

O espetáculo não subiu á cena. Nós nos dispersamos e cada um foi para seu lado. Palmira parece que se casou com o tal sujeito. E nunca mais soubemos dela, até àquela noite em que a encontrei, por um acaso, numa rua da cidade. Reconheceu-me. Estava elegantemente trajada, pintada com bom gôsto e acenou-me alegremente. Cheguei-me para ela (eu a amava, sempre disse, sempre a amei, Deus meu).

— Olá.

— Como vai o teatro?

— Assim, assim... Sem a sua Julièta...

Ela riu, bem humorada. Conversamos sôbre coisas banais. Entramos numa leiteria e tomamos qualquer coisa. Ela esperava o marido que fôra não sei aonde. Não sei como a coisa aconteceu, no final. Sei que de repente ela debruçou-se sôbre a mesa e o seu rosto ficou inundado de tristeza. E ela confessou:

— Sabe de uma coisa, Orlando? Sou a mulher mais infeliz do mundo. Tenho hoje tudo o que quero. Mas me falta a vida. Me falta o teatro. Foi a maior estupidez que fiz em tôda minha existência, ter deixado vocês... Oh, vocês devem ter-me odiado... Três dias antes da estréia!

Contei-lhe que, de fato, havia sido terrível para todos nós. Havíamos concentrado tudo quando nos restava de esperança naquele espetáculo. Dêle dependeriam todos os nossos planos futuros e ela... Só sei que Palmira estava mudada naquele instante. Senti que, dissessem o que dissessem, ela era uma artista. Disse-o.

— Não, não. Não adiantaria nada disto mais. Sinto que não posso viver sem o teatro. Por outro lado, sou muito covarde para abandonar todo êste confôrto para...

O tal gajo musculoso apareceu à porta da leiteria. Ela imediatamente escondeu a tristeza do rosto e sorriu um dos sorrisos mais belos e radiantes que já vi em tôda minha vida. O gajo, magnificamente vestido, chegou-se para nós. Palmira fêz as apresentações. E sairam os dois. A' porta, ela acenou. Foi a última vez que a vi.

Como vêem, esta história pode parecer um tanto idiota para muita gente. Muita gente pensará mesmo que eu me apaixone facilmente, que não havia nem mesmo motivo para me deixar enamorar da Palmira. Mas ela era uma artista, uma verdadeira artista. Eu senti isto na primeira vez que a vi. E a amei... como ainda a amo no instante em que escrevo estas linhas na velha Remington, enquanto a noite vai caindo suavemente por sôbre a cidade...

Novela de
PÉRICLES LEAL

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO



ELAS NÃO SÃO DE BRIGA



HÉLIO E MILITA ao iniciarem o treino de equilíbrio, na posição fundamental. Depois disso, o campeão foi ao chão. No detalhe, vemos o repórter que, não acreditando na história, recebeu êsse presente...

SÃO DE JIU-JITSU

AS IRMÃS MEIRELES APRENDEM O ESPORTE DOS FORTES ★ HÉLIO GRACIE APANHOU DAS FRANZINAS MOÇAS ★ COITADOS DOS GRACIOSOS E DOS EMPRESÁRIOS! ★ UM CONTRATO PARA CANTAR... NA CHINA

Reportagem de JORGE LYRA

Estávamos acabando as legendas de uma reportagem, quando o telefone tilintou. Atendemos:

— Alô, é da REVISTA DA SEMANA?

— Sim...

— Vocês querem uma notícia bombástica?

Claro que queríamos e disso demos ciência ao nosso anônimo informante. Não se fêz de rogado e, através do fio, ouvimos nada mais, nada menos que isto:

— As irmãs Meireles estão treinando jiu-jitsu com o Hélio Gracie.

Agradecemos e desligamos o telefone, entre incrédulos e ansiosos por verificar a procedência do telefonema. Dissera ainda nosso informante que, tôdas as têrças e quintas-feiras, elas poderiam ser encontradas na Academia dos irmãos Gracie. Por coincidência, era uma têrça-feira e para lá rumamos.

Apertamos a campainha e Hélio Gracie, em pessoa, recebeu-nos:

— Por obséquio, as irmãs Meireles estão?

Com um vasto sorriso, Hélio nos introduziu em sua residência-Academia e comentou:

— Você é um sujeito de sorte. Imagine que os seus colegas, de um modo geral, ainda não tiveram igual oportunidade.



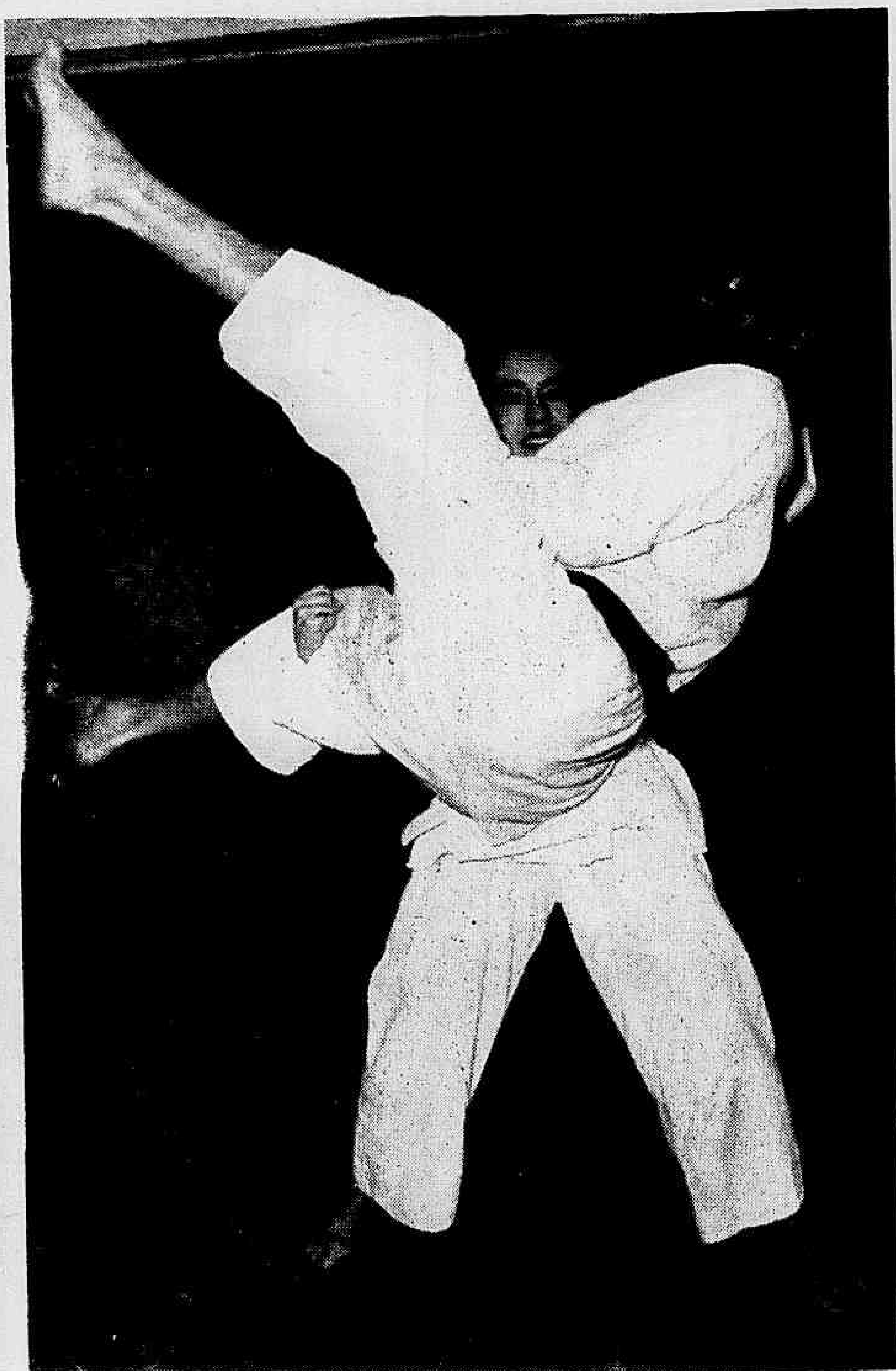
ANTES DE ENTRAREM no tablado, passam uma vista d'olhos no livro do seu avô no jiu-jitsu, Carlos Gracie.



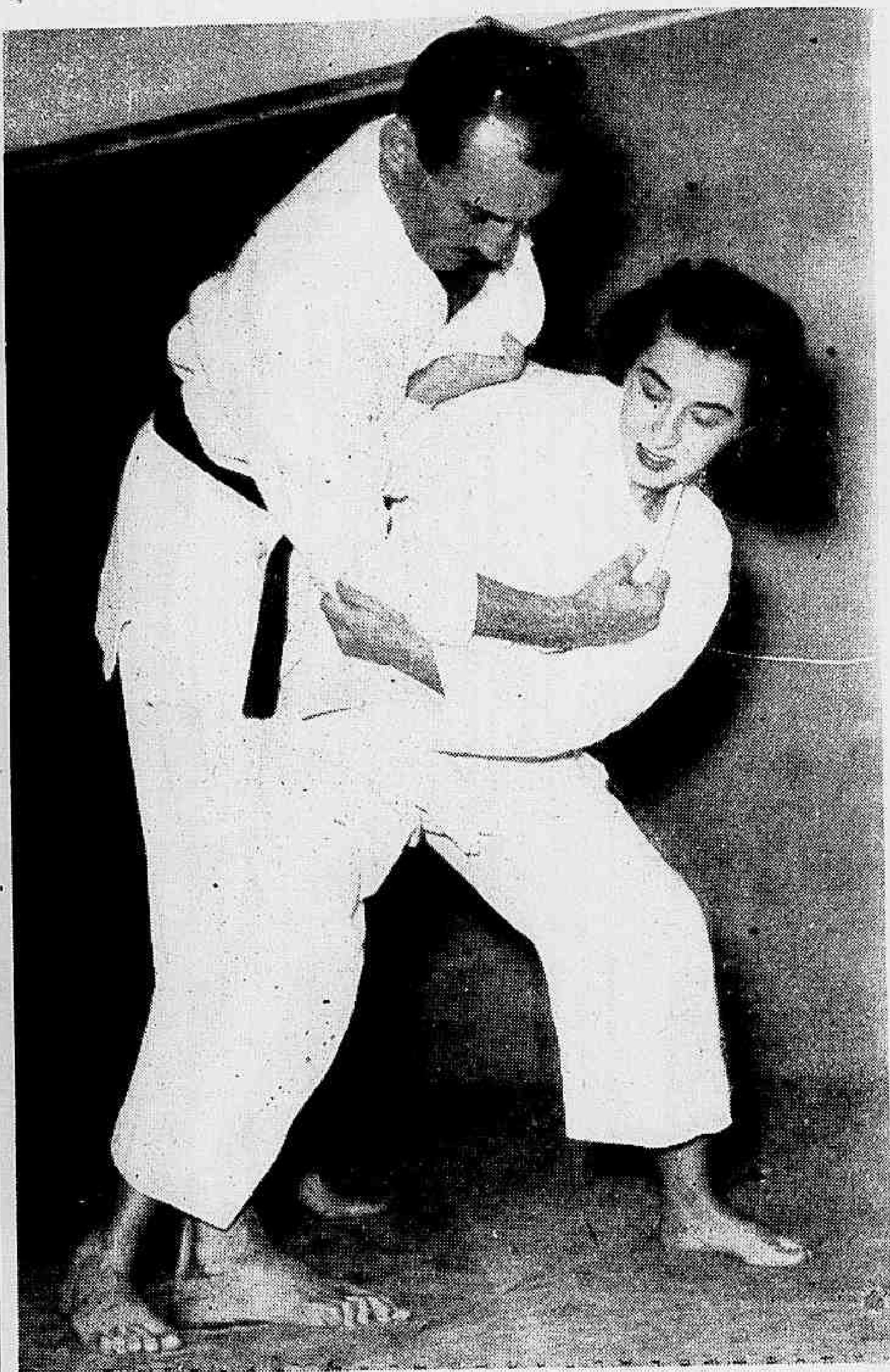
APÓS A LEITURA, escolhem seus quimonos e num segundo estarão prontas a dar «gravatas», quedas, etc.



APESAR DE EXÍMIAS lutadoras, não podem deixar de ser mulheres, vaidosas, como tôdas as filhas de Eva.



ROSÁRIA, A MENORZINHA das Meireles, defende-se de uma gravata de Hélio e vemo-la já no momento preciso em que ia arremessá-lo ao solo. «Comigo, não!»



NOVAMENTE a pequenina Rosária preparando-se para arremessar o campeão por cima do ombro. E êle foi direitinho beijar a lona. Aguenta, velho!

— E as moças...?

— Dentro de uns dez minutos estarão aqui.

Enquanto esperávamos, Hélio Gracie nos mostrou sua Academia, suas armas de treinamento, seus recortes de jornal; depois, o assunto girou em tôrno da sua próxima luta com o campeão japonês. Falava Hélio da classe do seu adversário, da palestra que manteve com os japonêses, quando a campainha tilintou.

— Devem ser elas...

Quedamo-nos sentados esperando e duas mocinhas franzinas deram entrada. Deviam ser visitas para Mme. Gracie, pensamos. Tiramos um cigarro, acendemo-lo, vimos Hélio recebendo-as efusivamente e se dirigir até aonde estávamos.

— Esta é Milita e esta Rosária.

Depois dos "muito prazeres" de praxe, observamo-las. Milita é alta, esbelta e expedita. Rosária é tipo "mignon", baixa e também desembaraçada. Ambas são bonitas, acrescente-se às nossas observações iniciais.

— Mas, perguntamos, vocês não são três?

— Somos, entretanto a terceira, Cidália, está gozando a lua-de-mel.

— Casou-se com brasileiro?

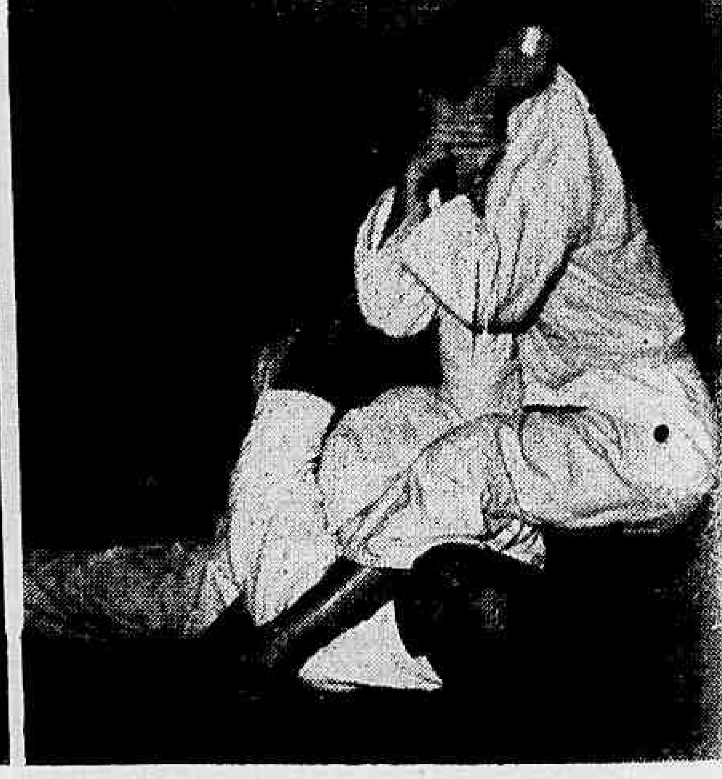
— Sim.



CANSADO DE APANHAR, Hélio pegou de uma faca e quis golpear Rosária por cima. «Não adianta, isso é pinto».



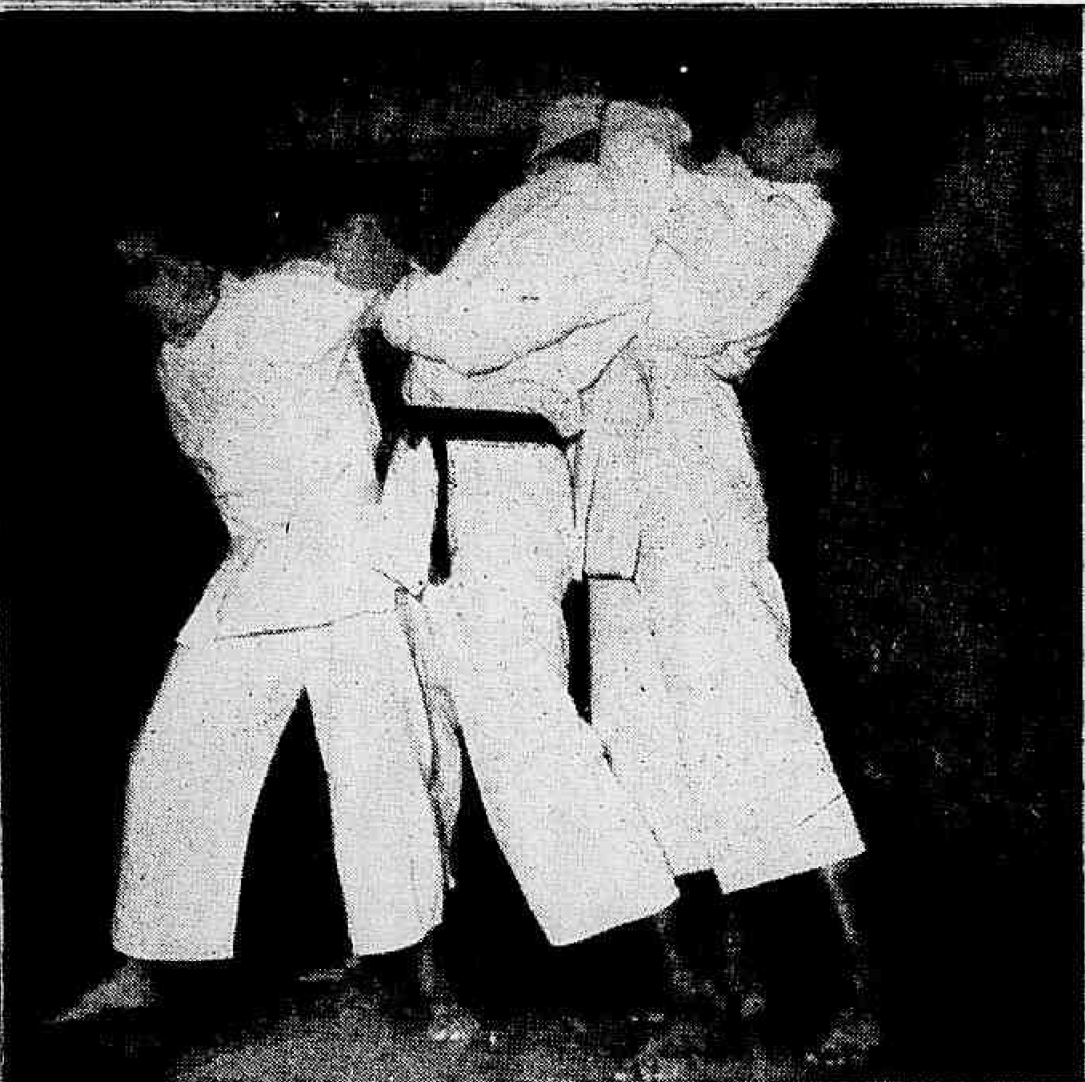
EIS O QUE ACONTECEU quando Hélio quis pegar Rosária distraída. A pequenina não é de briga, é de tontear.



AQUI MILITA APLICA uma chave de braço em Hélio Gracie que fê-lo ver estrêlas ao meio dia. Coitado do campeão!



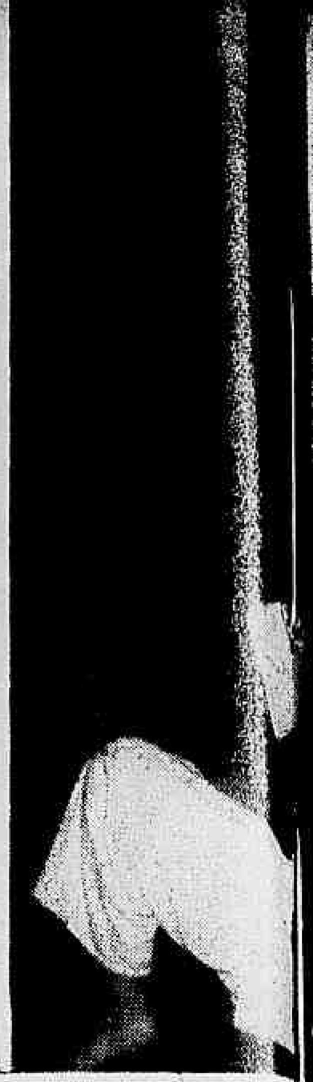
GRACIOSOS, REPAREM BEM na fisionomia desta moça porque pode acontecer-lhes o mesmo que a Hélio Gracie....



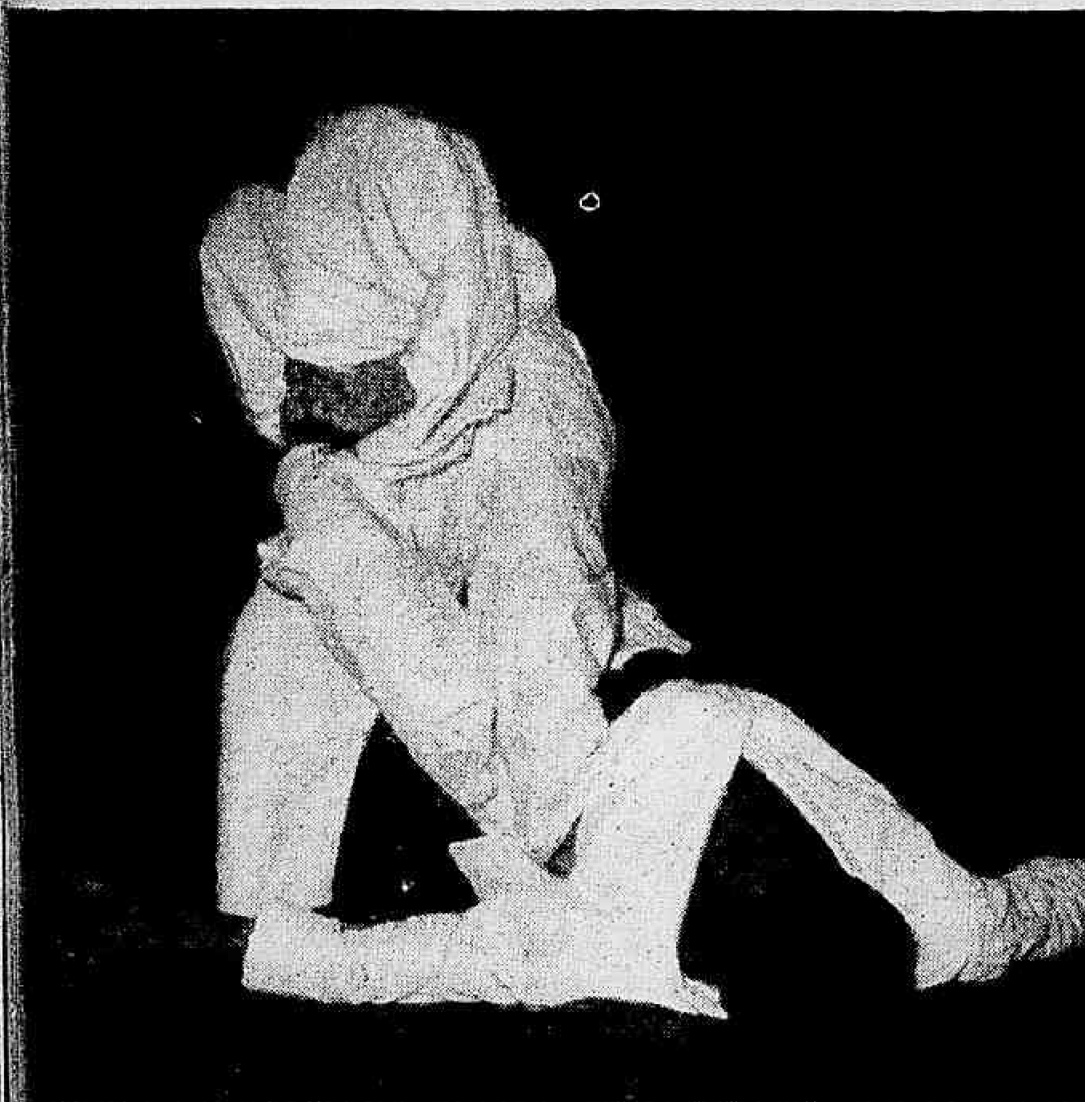
HÉLIO TENTAVA dar uma chave de braço em Rosária, quando Milita interveio e, aplicando uma «gravata» no campeão, fê-lo desistir de seu propósito.



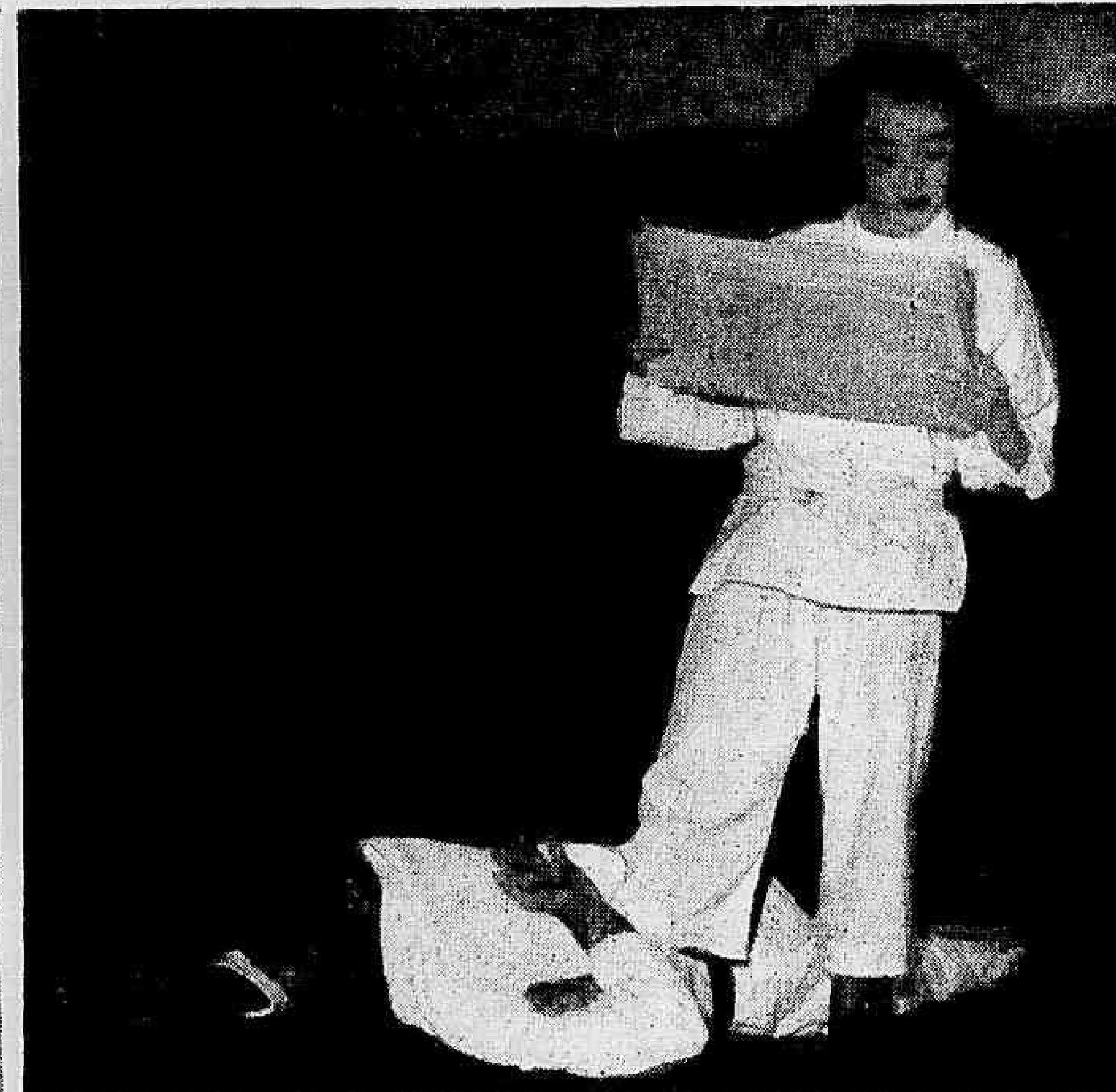
SÔLTA ROSÁRIA, Milita levou Hélio ao chão e aplicou-lhe êste tremendo estrangulamento que aqui vemos. Tivemos pena de Hélio e dos empresários...



NÃO FOI SÓ DE... tapé na barriga...



«E AGORA? Ainda vão querer bancar o forte p'ra cima de mim?» Hélio pagou caro o produto de seus ensinamentos.



ACREDITE SE QUISER... Rosária dá uma tremenda chave de braço simplesmente com o pé. E ainda sobra tempo para ler!



HÉLIO USOU de... Da...



COM UM ABRAÇO bem apertado, as Irmãs Meireles comemoram a vitória sôbre o campeão brasileiro. «Viva!»

Talvez temendo a indiscrição da reportagem, Milita interrompeu-nos:

— Já estamos atrasadas para a aula, depois continuaremos a responder suas perguntas. Certo?

— Certo.

COMEÇA A EXIBIÇÃO

As moças se retiraram, a fim de trocar os lindos costumes que trajavam pelos quimonos próprios para a aula de jiu-jitsu. Nós e Hélio Gracie volvemos a tratar da próxima luta com os japonêses. Mal reencetamos a conversação, as irmãs Meireles voltaram à sala, já paramentadas:

— Estamos belas?

Respondemos que sim, enquanto elas, por longos minutos, se quedaram em frente ao espelho, arrumando-se. Era sua feminilidade que se fazia presente, até na hora em que iam começar uma aula de jiu-jitsu...

Hélio interrompeu-as na sua faina de arrumar os cabelos:

— Meninas, vamos à luta. Vocês vão desalinhar os cabelinhos, comentou irônico.

Em silêncio os quatro nos dirigimos à sala de lutas. Aí pudemos verificar a procedência do telefonema do nosso informante. Sentados a um canto absorto, ficamos observando a agilidade das meninas. Ora uma, ora outra pegavam o campeão brasileiro e atiravam-no ao chão e davam-lhe tremendas *gravatas*. Por um instante nosso pensamento desandou dali e se instalou no escritório de um empresário qualquer.

— Darei tanto pela temporada.

— Isto é uma exploração.

— Ora...

Nessa altura, Milita e Rosária dariam umas "gravatas" no empresário, sacudiriam-no ao chão e perguntariam:

— Então, hein?

— Pelo amor de Deus, darei quanto vocês quiserem, mas larguem-me.

A exibição prosseguia e nosso espirito já saíra do escritório do empresário inescrupuloso e estava



ITA que o campeão apanhou, pois que êste ponaz graça para ninguém rir. E Hélio Gracie beijou a lona novamente...



s os recursos, até revólver, mas nada o salvou. ao chão novamente. Acostumou.

gora em plena Cinelândia, onde aquêles tipinhos, ue todos conhecemos, se plantam para mexer com ilhas-família. Um dêles diria uma das únicas racinhas que sabem dizer e nós leríamos, no dia eguinte, o convite da família do *gracioso* para a issa de sétimo dia.

Nosso espírito já se dirigia para outro lugar uando chegou uma nova personagem. Rosária, ndo recebê-lo, disse alegremente:

— Como vai, vovô?

— Vovô! — estranhamos nós.

Foi Hélio quem explicou.

— O negócio é o seguinte — êste é meu irmão arlos, que é meu pai no jiu-jitsu. Eu sou pai das eninas nesse esporte. Logo...

Às gargalhadas gerais, juntamos também as nossas. Muito espírito havia, realmente, na brincaeira.

Várias fotografias fizemos durante a luta que se travava entre Hélio e Milita ou entre aquêle campeão e Rosária.

Carlos, o campeoníssimo, ia-nos orientando e corrigindo posições das Meireles. Com tais professôres, no fim do próximo ano, estarão aptas a enfrentar até os japonêses...

Estávamos distraídos, guardando nossos apetrechos fotográficos, quando, sem que notássemos, Rosária, a menor, mancomunada com a sua irmã, e os campeões, pegou-nos e aplicou-nos um *balão*. Rodopiamos no ar; Hélio Gracie, bom fotógrafo, batera a chapa.

— Isto é para fazer com os *graciosos*.

Depois da queda que levamos, só temos de lamentar a sorte de tão peçonhentos indivíduos. Como, porém, não queremos ser responsáveis pela sua morte, deixamos aqui o nosso aviso: quando virem duas moças simpáticas, uma alta e outra baixinha, ambas frágeis (aparentemente), bem trajadas, bonitas ambas, não mexam com elas. Se insistirem, não se esqueçam de deixar, em casa, o dinheiro para os funerais...

UM POUCO DA VIDA DAS MEIRELES

Terminada a exibição, colocaram-se à nossa disposição para novas perguntas. Não nos fizemos de rogados e volvemos à palestra interrompida:

— Quando chegaram vocês ao Brasil?

Rosária tomou a palavra e respondeu:

— Em 1947, aportamos no Rio de Janeiro, onde cantamos, inicialmente, na Rádio Nacional.

— E depois?

Agora é Milita quem fala:

— Fizemos várias "tournées" — Argentina, Chile, Uruguai, bem como vários Estados do Brasil foram visitados.

— Em quantos idiomas vocês cantam?

— Tome nota, diz Milita.

Preparamos nosso caderno e Rosária informou:

— Português, francês, inglês, espanhol, italiano, alemão e... russo.

— Mas vocês estão sem contrato, agora, não?

Dando três pancadinhas na mesa, Rosária, suspirando, informou:

— Graças a Deus, contratos é que não nos faltam.

— Temos um até para cantar... na China, informou Milita.

— Você, Rosária, "Milita" há muito tempo no Rádio?

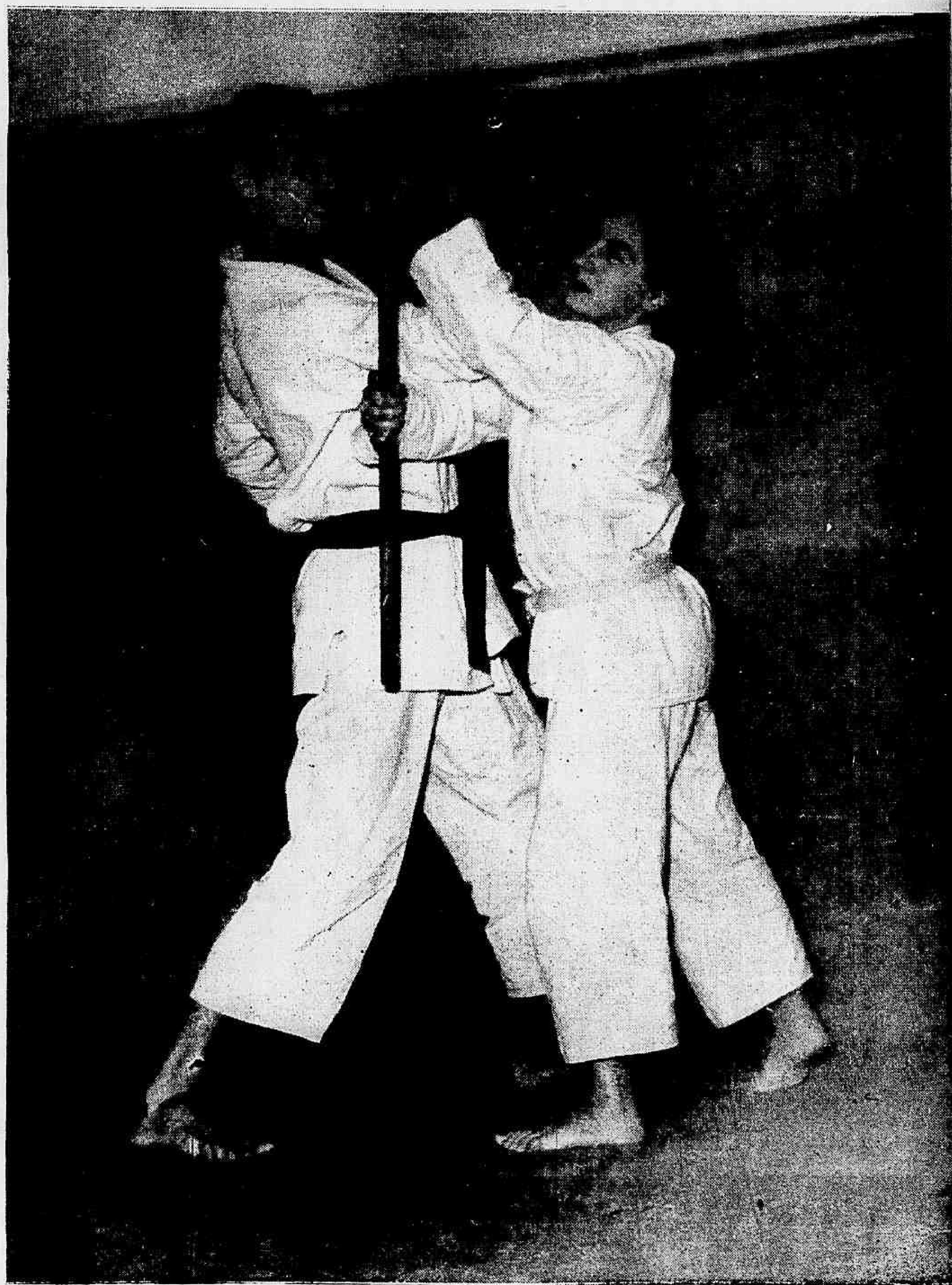
Não era pròpriamente uma pergunta, mas um trocadilho infame. Riram todos, por educação certamente...

— Mas, por que não está cantando atualmente?

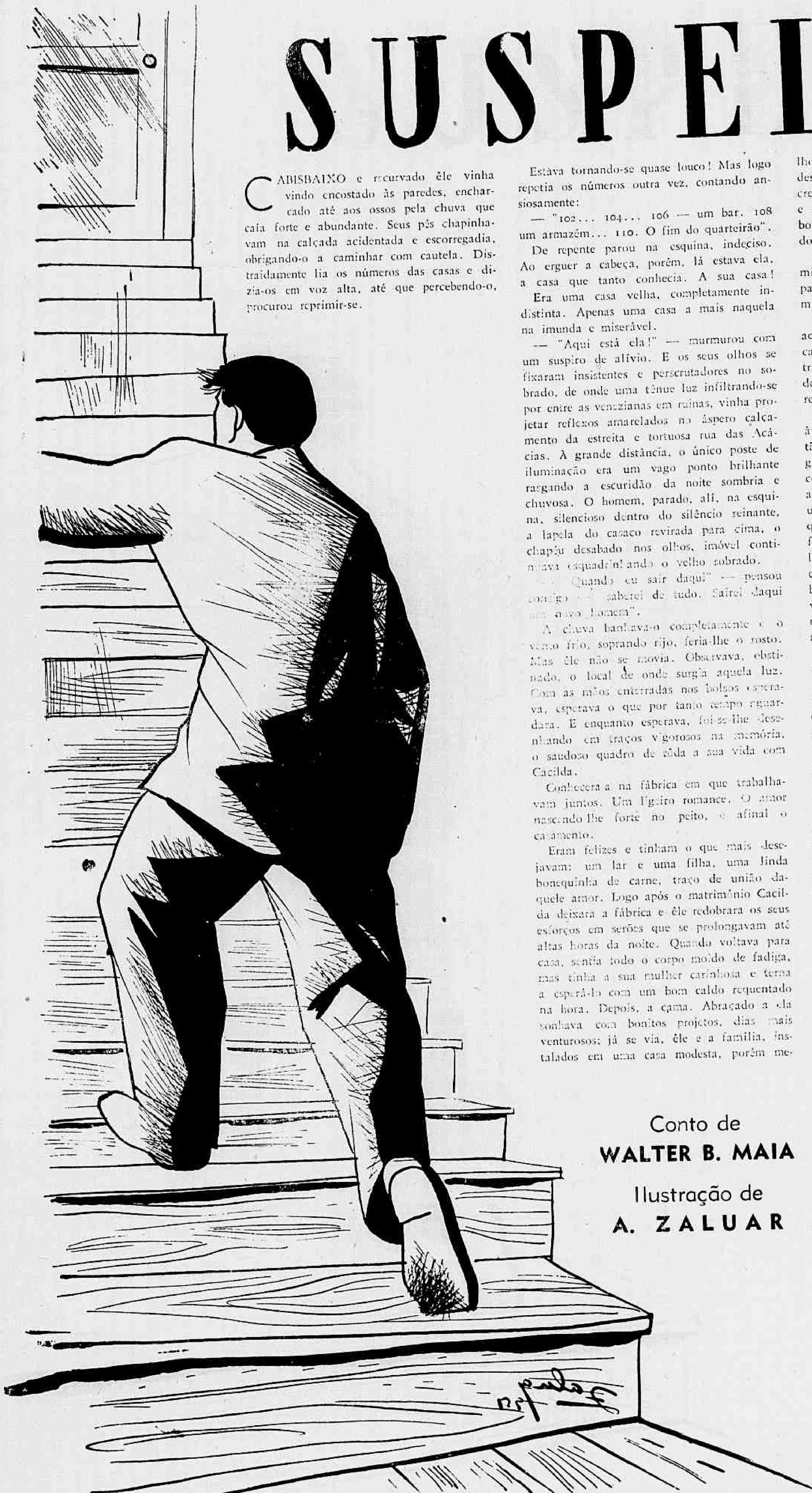
— Nossa irmã Cidália, responderam ao mesmo tempo, está em lua-de-mel. Tão logo acabe essa situação, iremos percorrer o mundo.

Agora é Rosária quem fala:

(Cont. na pág. 51)



AH! AINDA HÁ um recurso: cacete», mas, assim mesmo Rosária o desarmou com incrível agilidade.



SUSPEITA

CABISBAIXO e recurvado êle vinha vindo encostado às paredes, encharcado até aos ossos pela chuva que caía forte e abundante. Seus pés chapinhavam na calçada acidentada e escorregadia, obrigando-o a caminhar com cautela. Distraidamente lia os números das casas e dizia-os em voz alta, até que percebendo-o, procurou reprimir-se.

Estava tornando-se quase louco! Mas logo repetia os números outra vez, contando ansiosamente:

— "102... 104... 106 — um bar. 108 um armazém... 110. O fim do quarteirão".

De repente parou na esquina, indeciso. Ao erguer a cabeça, porém, lá estava ela, a casa que tanto conhecia. A sua casa!

Era uma casa velha, completamente indistinta. Apenas uma casa a mais naquela na imunda e miserável.

— "Aqui está ela!" — murmurou com um suspiro de alívio. E os seus olhos se fixaram insistentes e perscrutadores no sobrado, de onde uma tênue luz infiltrando-se por entre as venezianas em ruínas, vinha projetar reflexos amarelados no áspero calçamento da estreita e tortuosa rua das Acácias. À grande distância, o único poste de iluminação era um vago ponto brilhante rasgando a escuridão da noite sombria e chuvosa. O homem, parado, alí, na esquina, silencioso dentro do silêncio reinante, a lapela do casaco revirada para cima, o chapéu desabado nos olhos, imóvel continuava esquadrinhando o velho sobrado.

— "Quando eu sair daqui" — pensou consigo — "saberei de tudo. Sairei daqui um novo homem".

A chuva banhava-o completamente e o vento frio, soprando rijo, feria-lhe o rosto. Mas êle não se movia. Observava, obstinado, o local de onde surgia aquela luz. Com as mãos enterradas nos bolsos esperava, esperava o que por tanto tempo aguardara. E enquanto esperava, foi-se-lhe desenhando em traços vigorosos na memória, o saudoso quadro de tôda a sua vida com Cacilda.

Conhecera-a na fábrica em que trabalhavam juntos. Um ligeiro romance. O amor nascendo-lhe forte no peito, e afinal o casamento.

Eram felizes e tinham o que mais desejavam: um lar e uma filha, uma linda bonequinha de carne, traço de união daquele amor. Logo após o matrimônio Cacilda deixara a fábrica e êle redobrara os seus esforços em serões que se prolongavam até altas horas da noite. Quando voltava para casa, sentia todo o corpo moído de fadiga, mas tinha a sua mulher carinhosa e terna a esperá-lo com um bom caldo requentado na hora. Depois, a cama. Abraçado a ela sonhava com bonitos projetos, dias mais venturosos: já se via, êle e a família, instalados em uma casa modesta, porém melhor e mais limpa que aquêle tristonho e desolado casarão. A filha poderia, então, crescer em um ambiente dígno e salutar, e sôbre tudo isso pairando o amor de ambos, sempre maior, infinito na duração do tempo que passaria ameno.

Com o trabalho extra conseguira economizar alguma coisa, que entregara à mulher para guardar. Vislumbrava um futuro promissor e sorridente em suas vidas.

Certo dia, entretanto, não soube como aquilo aconteceu, viu-se despedido da fábrica e sem emprêgo de uma hora para a outra, juntamente com muitos outros. Motivos de economia, dissera-lhe insensível o gerente.

Sem dinheiro, preocupado errava os dias à procura de trabalho. Fôra-se a economia tão cuidadosamente e com tantos sacrifícios guardada. Ia-se passando o tempo e nada conseguia; a crise aumentava. Começaram a aparecer as primeiras rusgas no casal e uma atmosfera de angústia, colorário daquela situação de miséria, como que se fixou em seu lar. Foi então que ouviu falar da grande companhia estrangeira que estava contratando voluntários para o trabalho nos seringais do Amazonas. Pagavam bem. Mas o Amazonas era muito longe, uma terra desconhecida e as incertezas muitas.

A perspectiva de poder ganhar muito dinheiro, entretanto, encheu-o de novo ânimo.

O contrato estipulava dois anos, ao fim dos quais seria automáticamente renovado, conforme o êxito da emprêsa. Não estava em condições de escolher muito. Assinou-o e trouxe para casa, naquele dia, três meses de adiantamento do seu salário, para a mulher, que não poderia seguir com êle para as selvas.

E em breve lá estava no interior da Amazonia fabulosa dos livros e das lendas, àquela época, o novo Eldorado regorgitante de caçadores de fortuna e aventureiros. A borracha não dava vasão ao mercado importador e o dinheiro corria a rôdo.

No comêço tudo foi bom; ganhava bem, os negócios da companhia prosperavam a olhos vistos e êle agora sentia-se outra vez feliz e confiante na sua sorte. Cada mês que fazia as remessas do seu pagamento para Cacilda, enchia-se-lhe o peito de contentamento e orgulho. Duas vêzes por mês recebia cartas da família. Ela estava satisfeita com os seus progressos e a filha já caminhava os primeiros passinhos.

Aos poucos a borracha foi perdendo cotação, os negócios progressivamente decaindo e as emprêsas exploradoras retraindo-se, a maioria dos empregados da noite para o dia a braços com o infortúnio e o bilhete de volta nas mãos trêmulas.

Alguns tentaram, em vão, lutar ainda. Mas as doenças e os perigos das selvas iam minando-lhes a saúde do corpo e do espírito. E veio a esperada e temida debacle: depois do grande e áureo ciclo, desvalorizava-se por completo o látex, desfazendo um milhão de sonhos e aventuras.

Para maior desgraça sua, as cartas de Cacilda foram rareando, rareando até ao ponto de não ter mais noticias dela e da filha. Nenhuma nota sequer.

Seus temores aumentaram e um resquício de desconfiança e suspeita foi nascendo-lhe no espirito atribulado, ensombrando-lhe, ainda mais, a existência amarga.

À noite, enquanto aguardava a chegada do primeiro "gaiola" que o levaria de volta, não conseguia dormir. Sonhos impossí-

(Cont. na pág. 46)

Conto de
WALTER B. MAIA

Ilustração de
A. ZALUAR

AQUI TEMOS uma nebulosa, a «Messier 104», fotografada pelo «Hale» de Los Angeles. A faixa em volta é constituida de nuvens de polvora cósmica, segundo os sábios.

A LUA AO ALCANCE DE TODOS

O belo e cismarento satélite da Terra já pertenceu à lirica do romantismo. Hoje é um corpo celeste sôbre cuja superficie os cientistas assestam seus telescópios e varejam tudo em busca de surprêsas. Desde o dia primeiro de julho de 1949 que se está procedendo à maior busca através dos espaços sem fim, por intermédio do famoso telescópio de Monte Palomar, nos Estados Unidos. Êsse instrumento de incrivel alcance, ainda não está totalmente montado, e sua eficiência ainda não chegou a cento por cento. Contudo, os astrônomos que o manejam e dêle se servem, já têm conseguido coisas do arco da velha.

A lente do "Hale", de Monte Palomar, mede apenas cinco metros de diâmetro, o que o coloca no primeiro lugar entre os telescópios do mundo. Pesa nada menos do que 50 toneladas, e mil toneladas pesa sua cúpola. Com êsse miraculoso instrumento de ótica, de grande alcance, os astrônomos e cientistas americanos estão conseguindo resultados até agora não obtidos com as lunetas dos antigos telescópios.

A lua, por exemplo, quando focalizada pela enorme lente do "Hale", fica a quinze quilômetros de distância do observador. Muitas zonas daquele satélite são hoje mais conhecidas do que muitas regiões da África. Quer, naturalmente, o leitor saber se já foram avistados os habitantes lunares pelo grande telescópio. Ainda não. A superficie da lua é uma terrivel desolação. Crateras, desertos, montanhas desnudas, ausência completa de vegetação e, consequentemente, de sêres vivos. E' pena. Agora, que os cientistas dos vôos a longas distâncias estão preparando suas máquinas voadoras para passarmos um "week-end" por lá, não é agradável que se saiba com absoluta certeza que a lua não é habitada. Não terá graça nenhuma que cheguemos lá sem qualquer recepção e votos de boas-vindas. Tudo profundamente silencioso e abandonado. E água? E um bom restaurante? Nada. A lua, que já serviu de motivo poético e lirico aos nossos trovadores nada mais é do que um grande cemitério rolando pelos espaços. E a temperatura? Com a noite, na parte que não recebe a luz do sol, baixa a cem graus centigrados... negativos, isto é, abaixo de zero; e, na face sob a luz solar, sobe a cem graus positivos, ou seja a temperatura para ferver água!

Muita coisa ainda nos explicará a ciência auxiliada pelos olhos ávidos e curiosos dos astrônomos de Monte Palomar. E, brevemente, a lua estará ao alcance de todos nós, sabendo-se afinal, o que é que há pelo outro lado...



TURISTAS, ESTUDANTES e professores ouvindo dissertações no «Hale» do Monte Palomar, na Califórnia, Estados Unidos.

MARGARET TRUMAN A VOZ MAIS DISCUTIDA DA AMÉRICA

TRUMAN NÃO ACHA QUE SUA FILHA TRIUNFA APENAS PORQUE E' FILHA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ DEPOIS E' QUE SE VERA' SE ÊLE TEM RAZÃO

OS CRÍTICOS de arte dos Estados Unidos não se entendem em relação aos méritos desta cantora, Margaret Truman, filha do atual Presidente da América do Norte. Quando o crítico é do Partido Republicano, ataca-a; se milita no «Democrático», defende-a...

MARGARET Truman, filha do presidente dos Estados Unidos, depois de visitar a Inglaterra e a França, estêve na Itália. Como não podia deixar de suceder, repórteres e pessoas da melhor sociedade da península muito se interessaram pela visita da cantora mais discutida do mundo. Quem não sente desejos de ouvi-la? Só mesmo assistindo a audições suas se poderá ter idéia perfeita acêrca dos ataques e dos elogios à pessoa de Margaret Truman.

Essa moça, que, pela posição do pai, podia estar em elevadíssima situação política no mais poderoso país do mundo, não tem outra ambição que não a de sua arte. Ela canta e se dedica à arte, que a fascina, como se a vida se reduzisse a isso. Que lhe importam os casos políticos? Pouco se lhe dá que, amanhã, já não seja mais a filha do presidente dos Estados Unidos. Deseja, apenas, progredir no sentido do bel canto, ouvir os cantores mais afamados do mundo, visitar teatros de renome, ler críticos e aperfeiçoar-se, também.

Para tanto, não basta cantar em seu país e suportar críticas selartísticas, quase sempre baseadas em casos políticos. Ela bem sabe que, se o crítico é simpático ao partido do pai, tem ela elogios e amabilidades; se é o contrário, isto é, se o comentarista não topa outra facção política que não a dos Republicanos, então a coisa toma outros rumos e ela não sabe mesmo cantar... Tudo isso, de princípio, muito a aborrecia; mas, com o tempo, e como a sensibilidade está na superfície, ela foi achando até graça nas discrepâncias dos críticos e tirando suas verdadeiras conclusões.

E resolveu continuar sua estrada sem olhar para os que iam ficando à margem. Visitar os mais adiantados países da Europa, sempre foi um sonho de Margaret Truman. E ela, agora, o viu realizado. Inglaterra, França, Itália, a receberam com alegria, palmas e flores. Homenagem ao pai? E' natural, em parte. Mas, como Margaret Truman não viaja na qualidade de embaixatriz de sua terra e, sim, exclusivamente, como artista e turista que deseja ver e aprender, são de menor monta o que houver de mais "político" em tais manifestações à sua pessoa.

Fala-se que ela virá também ao Rio, devendo cantar no Municipal. Aí está uma notícia da maior importância. O público do Rio acompanha a carreira artística da cantora, cujo êxito tem poucos anos de evidência. Além do mais, a presença de Margaret Truman entre nós traria ao Brasil, o que proporcionou aos vários países da Europa visitados por ela: o aumento de nossas relações de amizade e artísticas com os Estados Unidos.

Pode-se discordar da cantora e até apontar defeitos na execução dos números de sua predileção e do seu repertório; mas ninguém pode dizer que ela não seja uma criatura afável, alegre, de maneiras simples e simpática. Encanta a quantos têm oportunidade de privar de sua amizade. Podendo ser orgulhosa e imponente, ela se mostra cativante, modesta e sem pensar que é filha do presidente do mais poderoso país do mundo. E isso, por si só, encerra uma das maiores vitórias de Margaret Truman, a vitória da simplicidade de espírito sôbre a vaidade muito natural nas mulheres que chegam às culminâncias a que ela chegou.

Também não gosta de falar de política. Os repórteres das grandes cidades por onde passa, procuram obter de Margaret Truman algum "furo" sensacional. Querem saber de assuntos privados do Departamento de Estado lá em Washington; procuram descobrir as tendências políticas da filha do presidente Truman, se tem romances, se não quer abraçar a política, se vai mesmo para o cinema lá em Hollywood. A tudo ela responde com muita graça, a sorrir, escapando ao cêrco da imprensa e de seus perigosos generais de primeira linha. No final, é uma criatura pacífica, amante da Arte pela Arte.



TRUMAN SE MOSTRA cada vez mais encantado com os sucessos de sua filha e aqui o vemos ao deixar uma das magníficas noitadas no «Metropolitan» da imensa New York.



MARGARET TRUMAN bem que podia ser hoje uma senadora, uma governadora de Estado, uma embaixatriz no exterior; mas prefere ser beijada pelo pai, após o teatro.



O PRESIDENTE TRUMAN também gosta de esporte. Aqui o vemos, fazendo fôrça para lançar a bola, no início de uma partida de base-ball, como convidado de honra

HARRY TRUMAN O PAI MAIS FOCALIZADO DA AMERICA

A PAIXÃO POLÍTICA NÃO DEVIA INTERVIR NO JULGAMENTO DA FILHA DE TRUMAN ★ QUEM É "DEMOCRATA" DIZ BEM; OS "REPUBLICANOS" DIZEM MAL.

TRUMAN é o homem que, tendo chegado ao mais elevado cargo de seu país, não deixou de ser o mesmo Harry de Independence, o filho do velho e bem-humorado John Truman. E êsse aspecto da feitura moral do presidente de república dos Estados Unidos da América do Norte se manifesta, sempre que alguém procura amolá-lo com certas impertinências. O Truman de Independence se esquece de que é o Truman, presidente dos Estados Unidos, e manda recados um tanto menos diplomáticos, mas muito de acôrdo com o feitio da gente simples do interior.

Os homens da cidade em que êle nasceu são conhecidos pela sua franqueza rude. Quando chegam a altos cargos no govêrno, na pedagogia, no judiciário, etc., embora se vejam obrigados a exibir uma compostura mais de acôrdo com o meio ambiente e a elevada função que exercem, êsses homens daquele "sertão" norte-americano não deixam de conservar as reservas do antigo e tradicional espírito de combate e franqueza que recebem, por meios biológicos, e que sòmente a morte pode anular.

Seu pai, o conhecido e respeitado "velho John", como era chamado, durante mais de trinta anos não perdeu um só comício de seu partido político, o Democrata, nem tão pouco suportou ofensas e indiretas à sua pessoa ou aos chefes do partido. Dedicado ao comércio e à lavoura, sempre teve muita confiança na fôrça do seu punho, não enjeitando parada, apesar de sua pequena estatura.

O "velho John", com um metro e sessenta e cinco centímetros, metia mêdo a certos "gigantes", não sòmente pela violência de seu braço, mas porque era êle um homem de "sim, sim — não, não", e estava acabado. Todos o respeitavam como a uma pessoa da família, a quem se devia atenção. Seus conselhos sempre eram para o bem, mas, se algum mal-criado procurava aborrecê-lo, o "velho John" perdia a paciência e sua amabilidade se convertia em ataque.

Ora, seu filho Truman teve razão de herdar êsse aspecto moral do velho de Independence. Por isso, não há que estranhar quando o presidente dos Estados Unidos manda certos

(Cont. na pág. 46)

EXAME DE CONSCIÊNCIA — 3

É VOCÊ UMA ESPÔSA PERFEITA?

VOCÊ, LEITORA, GOSTARIA DE SABER SE VOCÊ E O HOMEM DE QUEM VOCÊ GOSTA SE "PERTENCEM" REALMENTE? ENTÃO, RESPONDA A ÊSTE INTERESSANTÍSSIMO TESTE.

Por MARY DAVIES ★ (Reprodução proibida)



ESTAR "apaixonada" por um homem não é sempre uma prova insofismável de que êle é o homem com quem você devia casar. O casal feliz, ideal, deve ter uma completa compreensão mútua e uma verdadeira harmonia de pensamento, deve amar-se profunda e sinceramente. Êste teste tentará mostrar se você e o homem do momento se "pertencem", realmente, para tôda a vida, ou se a emoção que sentem um pelo outro é apenas uma paixão passageira, provàvelmente de curta duração. Responda a tôdas as perguntas feitas aqui — e honestamente, por favor! Examine depois o fim do teste, some os seus pontos da maneira indicada ali, e, com alguma sorte, você terá uma solução satisfatória para a pergunta: "E' êle o homem adequado para você?" As três perguntas básicas, abaixo, são as mais vitais, de seu ponto de vista, e quero que as considere sèriamente.

PERGUNTAS BASICAS

a) Ama-o?

b) Achá que é a mulher adequada para êle?

c) E' ciumenta?

Já decidiu as suas respostas? Quanto mais sinceridade, melhor! Agora responda a estas perguntas, que são igualmente importantes, de um ponto de vista diferente:

	SIM	NÃO
1 — E' completamente honesta com respeito a todos os seus sentimentos; não guarda segredos para êle e confia em que êle sempre a compreenderá?	1	2
2 — Discute sôbre casamento com êle?	1	0
3 — A presença dêle a faz esquecer o tempo, o ambiente, os pequenos desgostos da vida diária?	1	0
4 — Ficaria ao lado dêle e o apoiaria se lhe acontecesse alguma cousa, que, com seu auxílio, pudesse ser resolvida?	1	0
5 — Critica-o por pequenas falhas, como tomar um taxi quando poderia tomar um ônibus, ou comprar cousas caras para lhe dar prazer?	1	0
6 — Interessa-se êle pelas pequenas causas de sua vida, como uma dificuldade no escritório ou aquela discussão com o trocador de ônibus?	1	0
7 — Esforça-se êle para causar-lhe orgulho, ainda que tenha de lutar para isto?	1	0
8 — Quais são os seus sentimentos para com êle?		
a) Considera-o um menino grande, que precisa da sua proteção material?	1	0
b) Ou tem a impressão de estar completamente segura e protegida na companhia dêle?	1	0
9 — Nota o chapéu novo dêle, o novo corte de cabelo, a gravata nova?	1	0
10 — Discute com êle sôbre pequenas cousas, sem importância, como ir a um determinado filme?	1	0
11 — Fala-lhe sôbre aquêle homem que você encontra todas as manhãs no trem, o que lhe empresta um jornal de vez em quando, fala-lhe sôbre o jardim e acende-lhe o cigarro?...	1	0
12 — Tem a impressão, alguma vez, de que uma ligeira interrupção de seus encontros apenas fortaleceria sua amizade e sua paixão?	1	0
TOTAL:		

COMO FAZER A CONTAGEM

PRIMEIRO responda às três perguntas básicas. Se a resposta for SIM para tôdas as três, terá 10 pontos.

Um NÃO significa 8 pontos.

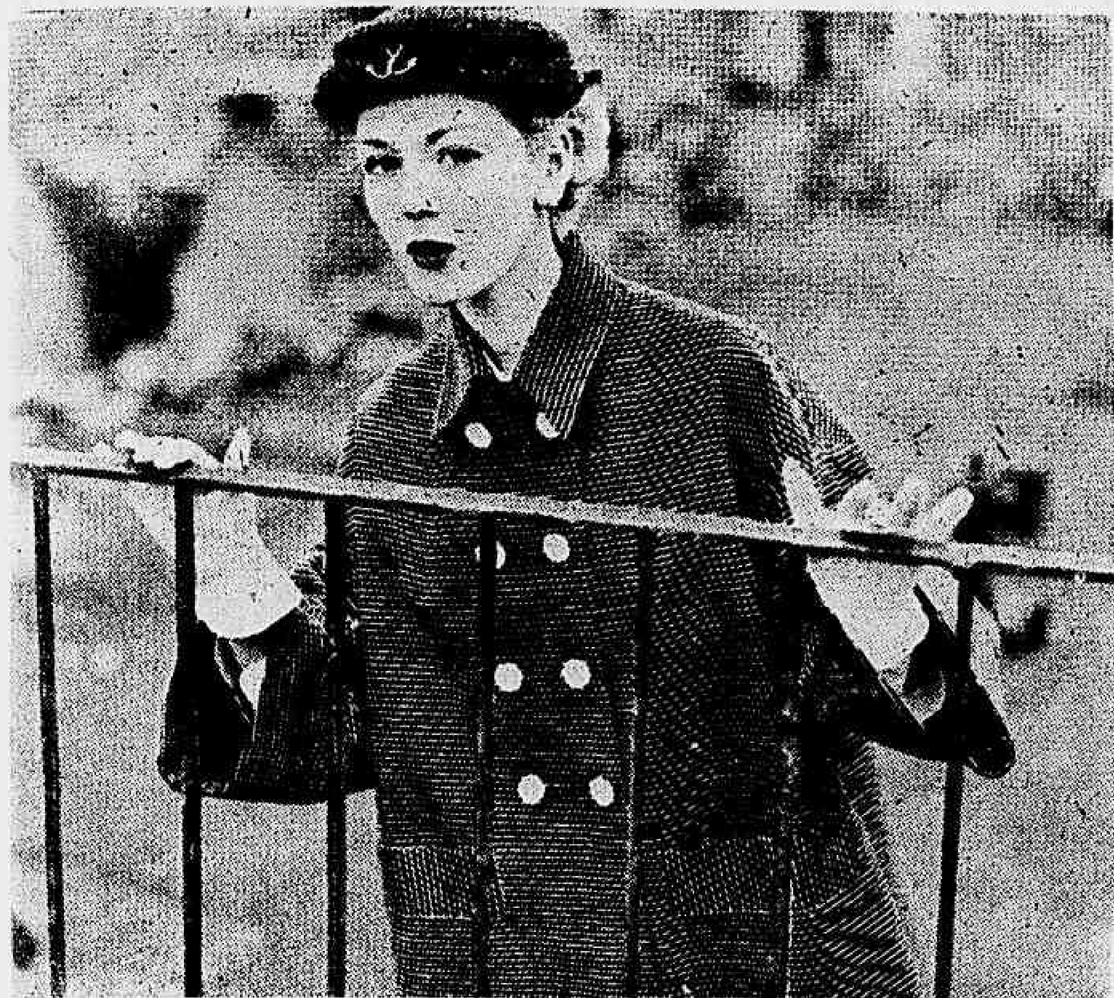
Com duas negativas, a contagem será de 6 pontos.

E se responder nÃO a tôdas, 4 pontos.

O número final deve ser somado aos pontos marcados com as outras doze perguntas. Para estas a maneira de contagem é a seguinte: Risque o número correspondente a sua resposta. Por exemplo, se a sua resposta à pergunta 1 é SIM, risque o 1. Finalmente, some todos os números riscados, e adicione ao total de pontos das três perguntas básicas.

SOLUÇÃO

PONTOS	
20 a 23	*Êle é o homem adequado para você. Embora não haja nenhuma garantia de que o amor ou amizade serão eternos, há muitas probabilidades de que o seu seja da espécie que dure. Felicidades.*
15 a 19	*Com um pouco de boa vontade de ambas as partes o seu casamento com ela poderá ser um sucesso, ainda que não haja perfeita harmonia. Muitas cousas doces precisam de uma pitada de sal para ficar, realmente, saborosas!*
11 a 14	*E' melhor você pensar novamente. Não posso prometer-lhe felicidade com êste homem e você deve evitar um casamento que poderá não dar bom resultado.*
4 a 10	*Pelo amor de Deus, fique solteirona!*



OUTRO POEMA DE PARIS

AS leitoras desta seção tiveram, em nosso número passado, o prazer de encontrar uma poetisa, Françoise, que de Paris nos enviou, para esta página, um lindo poema. Para renovar aquêles momentos de beleza, publicamos hoje outro poema de Françoise, enviado por ela à REVISTA DA SEMANA e com a particularidade de fixar a paisagem da Cidade Luz em um de seus momentos inesquecíveis:

Este o poema:

S E U L E

La grande ville-noire et éclairee. Il faisait nuit.
La grande ville et tous ses parasites, à roues et à pattes.
La grande ville avec sa civilisation ancienne, son art, tout
son art. La grande ville, avec sa modernisation trépidante, toutes ses
machines, toutes ses machinations. Les deux ensemble dans la grande ville,
partageant le même ciel — enfim — le ciel.
La grande ville et son bruit sourd, continu.
Et puis une oasis.
Une oasis d'un noir paisible, où gisent des verts sombres, étalés sur
des pelouses, avec les jeux des ombres dans les allées qui tournent.
Une certaine langueur venue de loin, des champs, et qui passe, et que
s'attarde, vaguement accrochée aux arbres lisses.
Des chaises de fer — Des bancs de bois — Des amoureux statiques.
Et dans un coin, dans un creux, les cheveux fous, une fille de vingt
ans, qui dans sa main — seule chose vivante — pleure, pesante, et seule,
inextricablement seule.
Seule avec le monde, le square, et tout ce qui existe.
Seule avec la laideur.
Horreur sainte de la laideur.
Sainte douleur de la laideur.
Laideur — oui — médiocre laideur, mais commode laideur.
Seule avec la beauté.
Nostalgie sainte de la beauté.
Sainte divinité de la beauté.
Beauté — oui — nécessaire beauté, mais impénétrable beauté.
Seule.

LYSE





LISTRAS E "POIS"



ESTES dois tecidos aparecem nesta coleção de modelos, dos mais variados feitios, provando a sua predominância durante esta estação. Vestido em sêda listrada, com a fazenda formando diversos e originais desenhos. Modêlo com a saia pregueada, corpo justo e mangas compridas, em tecido de «pois». Tafetá liso é de «pois» formam excelente combinação neste vestido para a noite. Amplo casaco, inteiro, com mangas largas, bolsos embutidos e adornado com grandes botões brancos.



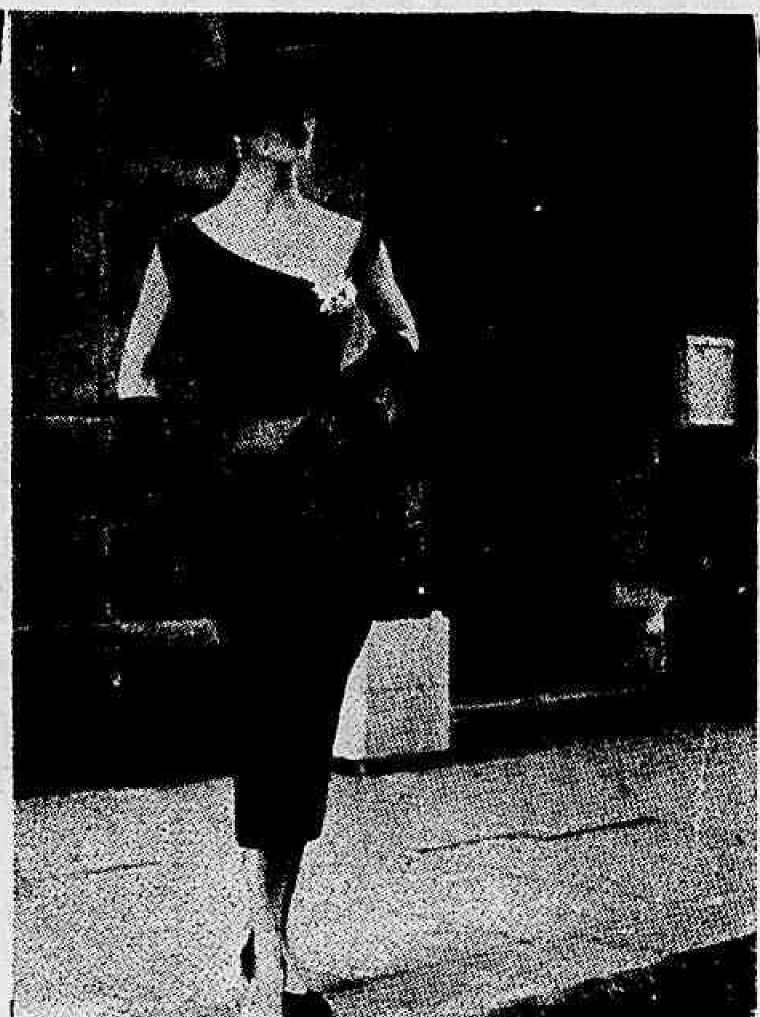
De Paris



AQUI estão modelos dos mais famosos costureiros de Paris, em criações para a presente estação. Três peças formam êste elegante conjunto. Saia justa, blusa enviezada, dando nó na cintura e bolero transpassado, com mangas compridas. Modêlo de gaze escura, inteiramente franzido: apenas as mangas são lisas. Tafetá é o tecido escolhido para êste modêlo exótico, bastante decotado e com a saia formando grande nó na frente. Vestido em organza branca bordada, sem mangas, usado com ampla capa de tafetá escuro. Finalmente, para noite, modêlo em organza com listras em lamê ouro.













Shantung

TECIDO empregado nos mais variados modelos, aparece aqui em interessantes sugestões para diversas horas. Vestido transpassado, com saia godé e uma única alça, enviezada. Simplicidade e elegância aparecem conjugadas num modêlo para a tarde, com corpo subido, saia justa e mangas japonêsa. Blusa de mangas japonêsa e saia abotoada na frente, com bolsos embutidos, formando recorte. Encantador vestido, saia pregueada e mangas japonêsa. Corpo e saia são adornados com bainhas abertas. Modêlo duas peças, saia justa, abrindo em machos, casaco bem curto, tipo bolero. Em shantung azul-marinho vocês encontrarão também uma interessante sugestão.





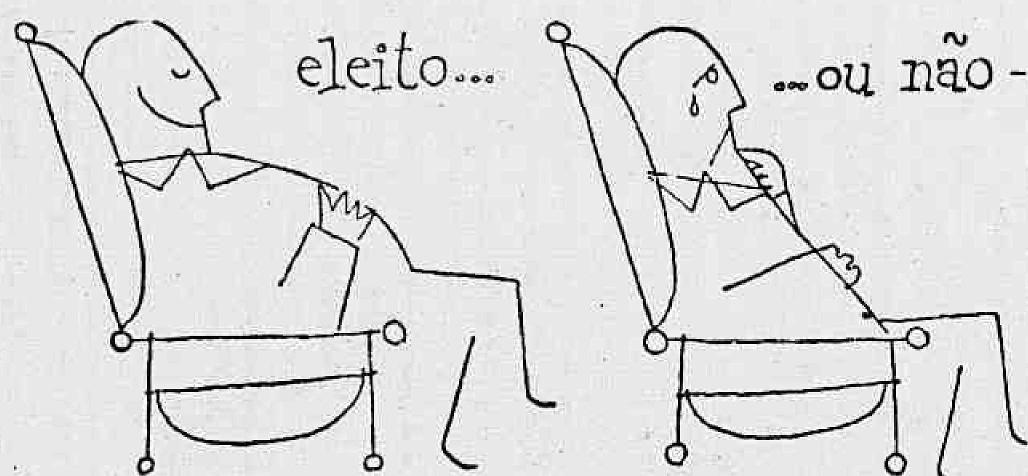




De hoje a duas semanas a Primavera estará chegando, e com ela um mundo de novidades para a gente moça e para a não mais muito, muito moça, pois a Primavera quando chega é para todos, a exemplo de Sua Excelência o Sol. Mas o sol da Primavera importa em programas para as festas de campo, bailes e reuniões elegantes em casa de Fulaninha, no solar de Dona Beltraninha, na residência de campo de dona Sicraninha. E tudo isso quer dizer chapéus mais alegres, encomenda de novos vestidos em estampados vivos, em côres que traduzam também a festa dos corações. Assim é a linha da Primavera — e para mantê-la bem na ordem do dia, aí estão êsses modelos. E' só escolher o mais próprio e mandar para a costureira — mais nada!

linha da Primavera





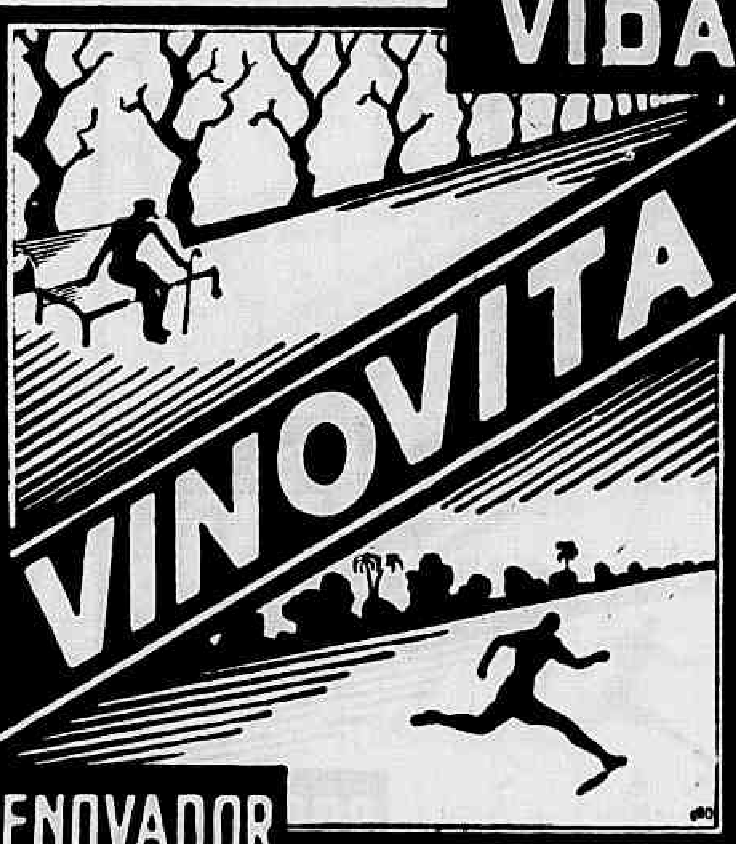
Cruzeiro do Sul



ESTÁ À VENDA
EM TODOS OS
PONTOS DE
JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE SETEMBRO

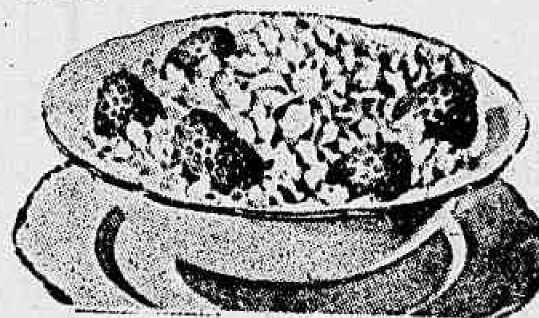




WEEK-END

CORAÇÃO REFOGADO:

Lava-se bem o coração, tira-se a gordura que tiver e leva-se a cozinhar em água com sal, um pouco de vinho branco ou vinagre (meia xícara) e cheiros verdes. Quando estiver macio, retira-se da água, pica-se em pedacinhos, levando-se a refogar em gordura quente com cebola picadinha, uns tomates, pimenta do reino e cheiros picados. Depois de tudo bem refogado, pinga-se um pouco de água e abafa-se para que o môlho engrosse. Serve-se sôbre fatias de pão torrado com manteiga. Se se desejar fazer um prato frio com o coração, basta cortá-lo em fatias depois de cozido e serví-lo simplesmente com môlho de maionese.



OVOS EM FORMINHAS COM PRESUNTO:

Escorre-se a água de 1 lata de petits-pois, junta-se 1 colher de manteiga e 150 grs. de presunto picadinho ou "petits-pois" escorrido e forra-se com essa mistura o fundo de várias forminhas, untadas de manteiga; quinze minutos antes de servir, quebra-se um ovo em cada forminha por cima da mistura feita e leva-se ao fôrno, sem deixar que as gemas endureçam muito. Desenforma-se uma a uma cuidadosamente, arrumando-se num prato sôbre fôlhas de alface intercaladas com tomates recheados.

CREME YAYA

Mistura-se muito bem 1 copo de leite, com 6 ovos bem batidos, 1 colher de manteiga, 1 cálice de vinho branco bom, 2 colheres de farinha de trigo (rasas), adoçando-se à vontade. Unta-se uma fôrma com açúcar queimado e misturado com um pouco de vinho e despeja-se a mistura, cozinhando-se, em seguida, em banho-maria.

SONHOS:

Tome 2 xícaras de farinha de trigo, peneirada, 6 ovos, 2 colheres de manteiga, 2 xícaras de água com 1 colher de chá de sal. Leve a água a ferver, quando levantar fervura, junte a manteiga e depois a farinha de trigo, de uma só vez. Mexa fortemente com 1 colher de pau até despegar do fundo. Retire do fogo e misture os ovos, um a um. Se fôr necessário, junte mais alguns. A massa deve ficar lisa mas que não alastre, como suspiro.

Modo de fritar: Deite numa caçarola bastante banha, que cubra os sonhos. Leve ao fogo e logo que estiver bem quente, vá deitando na banha pequenas porções de massa. Retire a caçarola para o lado, agite um pouco para que os sonhos fiquem bem fofos, e logo que estiverem bem crescidos, leve de novo a caçarola ao fogo forte, para que corem bem. Vá retirando para uma peneira, a fim de ficarem bem escorridos, depois arrume em taboleiro forrado de papel pardo, onde devem ser esquentados na hora de servir, sirva polvilhado com açúcar e canela ou se preferir, cobertos com calda, em ponto de espelho e refinada com clara de ovo.

CAMARÕES ENSOPADOS:

Cozinhe ligeiramente e descasque 2 quilos de camarões. Faça um refogado com banha ou azeite, 1 cebola picadinha e bastante tomates e cheiros. Soque as cabeças dos camarões, sem os olhos, junte ao refogado, molhe com 2 xícaras de água quente, leve a ferver, passe pela peneira e junte aos camarões. Desmanche 1 colher de chá, de farinha em 1 xícara de leite. Incorpore ao resto e leve a engrossar em fogo brando. Para variar: não aproveite as cabeças e junte mais farinha. Substitua o leite por leite de côco, descasque os camarões pequenos e leve ao fogo num refogado, molhe com 1/2 xícara de água e junte 4 pimentas.

ROLINHOS DE REPOLHO:

Cozinhe 1 repolho, descasque as fôlhas e ponha no centro de cada uma um picadinho de qualquer carne, ligado com ovos picados e 1 fatia de pão, molhada no leite. Enrole uma a uma num prato, regue com manteiga derretida, polvilhe de queijo e leve ligeiramente ao forno. Depois de frios, corte os rolinhos e vá arrumando numa fôrma untada de manteiga polvilhada de pó de pão, uma camada de ovos batidos, uns 4, outra de rolinhos e outra de queijo ralado, e assim até acabarem os ingredientes, terminando pelo queijo. Leve a tostar em forno, tire da fôrma, deite num prato e regue com manteiga derretida. Sirva arroz à parte.

NA COZINHA

RECHEIO DE FRANGO E QUEIJO:

Tome a carne de 1 frango assado, o fígado cozido, 2 ovos duros, 1 fatia de queijo de Minas, outra de pão dormido, tudo bem picadinhos. Junte o môlho do frango, leve ao fogo e empregue. Se preferir, suprima o pão e ligue um creme feito com 1/2 colher de manteiga, 1/2 de farinha e 1 xícara de leite.

PÊSSEGO COM CREME E NOZES:

Arrume num prato pêssegos em calda, porém escorridos. Cubra com um creme feito com 1/2 litro de leite, 1 colher de maizena, açúcar quanto baste e baunilha, salpique com 100 grs. de nozes picadas e guarde em lugar fresco. Pode também ser servido em pratinhos e gelado.

MÔLHO PELAGRAIA

2 colheres de azeite, 1 dente de alho, pimenta do reino, 2 fôlhas de cebola verde, pimenta da terra, sal, 1 colherinha de sumo de limão. Refoga-se em azeite um galho de salsa, cebola verde e alho bem picadinho, juntam-se os outros temperos e deixa-se dourar, acrescentando depois o sumo de limão. Serve-se com peixe.

PATÊ:

Aferventa-se ligeiramente o fígado. Passa-se na máquina, acrescentando uma parte de banha crua, para três de fígado. Tempera-se bem, acrescenta-se um pouco de gengibre. Não se deve pôr temperos verdes, mas apenas louro, alho, pimenta bem cortada, pimenta do reino e sal. Arruma-se em vidros e esteriliza-se durante 20 minutos ou 25, à temperatura de 90.º.

SOPA DE ERVILHAS

Pode-se fazer com caldo de carne, fica, porém, saborosa, quando feita com caldo de galinha. Cozinham-se ervilhas em grão, desmancham-se bem e misturam-se no caldo, que já deve estar coado. Corta-se um ovo cozido, bem miudinho e põe-se no centro de cada prato. Pode-se servir também com pão torrado na manteiga.

MASSA PARA TORTAS:

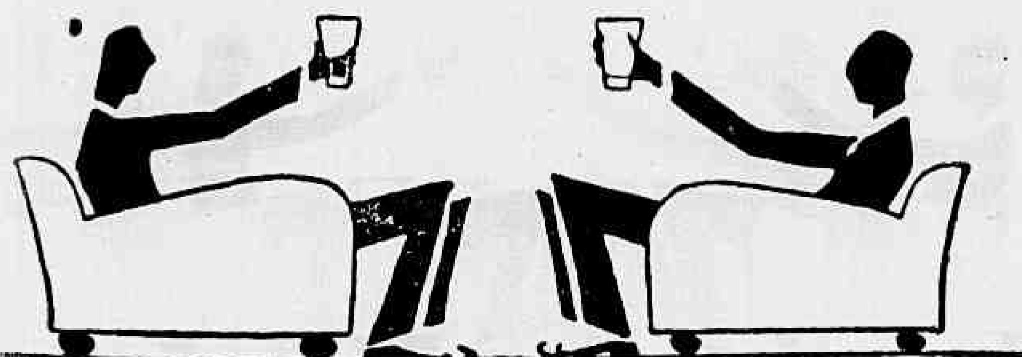
150 grs. de manteiga, 250 grs. de farinha de trigo, 2 ovos, 1 colherinha de sal. 1 colherinha de Royal, 1 gema. Amassa-se até ligar, junta-se uma colherinha de Royal, abre-se com o rôlo, põe-se em fôrma de torta, untada com manteiga. Tira-se da fôrma e enche-se com geleia de morangos ou geleia de qualquer outra fruta, ou doce de ovos, maçãs, etc.

SALMÃO SURPRÊSA:

12 gemas, 2 ou 4 gemas cozidas, 12 fôlhas de gelatina encarnada, guisadinho de camarão, maionese, alfaces, tomates, ervilhas, azeitonas. Batem-se as gemas como para maionese. Podem-se pôr 2 ou 4 gemas cozidas. Desmancha-se as fôlhas de gelatina, e, se por acaso se quiser que a côr fique mais pálida, trocam-se algumas fôlhas encarnadas por brancas. Faz-se um refogado de camarão, bem desmanchados com creme e temperado com todos os condimentos de modo que fique picante. Mistura-se na maionese e na gelatina e se deita em fôrma de peixe, untada com azeite. Vai gelar no refrigerador. Desmolda-se, enfeita-se com alface, ervilhas, tomates, ovos cortados, azeitonas, etc.

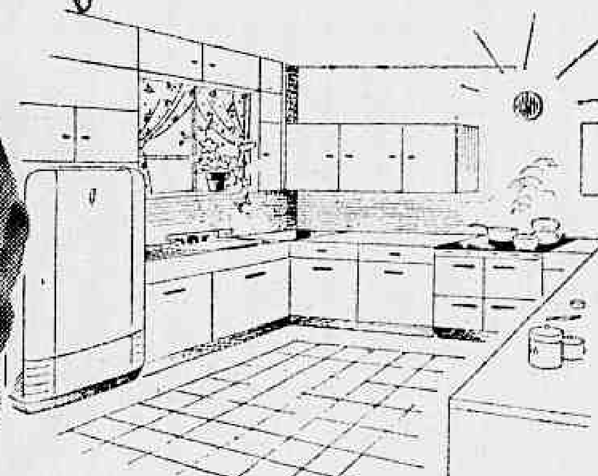
SOPA DE TARTARUGA

Leva-se ao fogo uma panela ou caldeirão com gordura, sal com alho, cebola picadinha, alguns tomates e meia fôlha de louro. Refoga-se tudo bem, junta-se um pedaço de carne de tartaruga, refoga-se mais e, por fim, junta-se água fervendo e um copo de vinho do Pôrto. Deixa-se cozinhar a carne de tartaruga até que fique macia. Retira-se, então, do caldo, pica-se, torna-se a juntá-la ao caldo, adiciona-se uma pitada de pimenta do reino, deixa-se ferver mais um pouco e serve-se sôbre fatias finas de pão, torradas com manteiga.



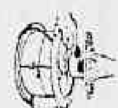
Cozinhas higiênicas e Confortáveis!



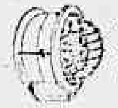


"Depois que mandei instalar o Exaustor Contact fiquei adorando a minha cozinha! Ela está sempre limpa, fresca e agradável, totalmente livre da fumaça e do cheiro das frituras. E nunca mais precisei pintá-la de novo. Comprei o aparelho com essa economia!"

O EXAUSTOR CONTACT É UM APARELHO FÁCIL DE LIMPAR



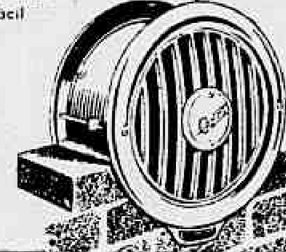
Grade frontal destacável para limpeza.



Veneziana externa articulável, fácil de limpar.



Gaveta aparadora de gordura.



EXAUSTOR Contact

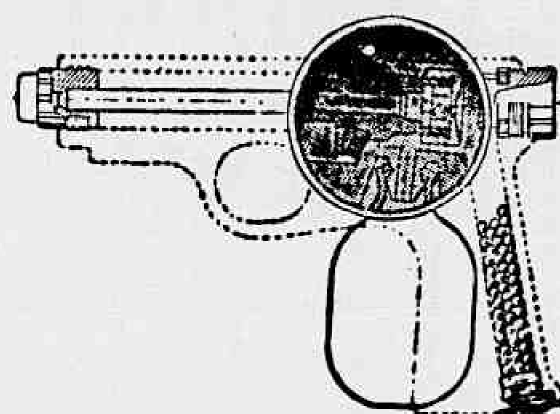
para o confôrto do seu lar

À VENDA NAS CASAS DE MATERIAL ELÉTRICO E ARTIGOS SANITÁRIOS, EM TODO O BRASIL

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

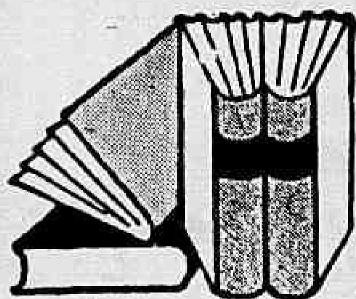
Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

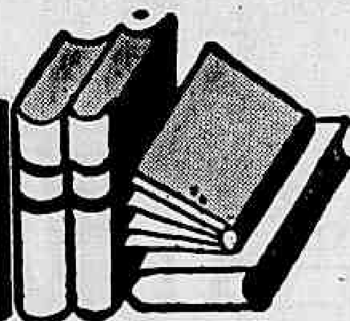
Cr$ 15.00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBOLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo.

Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



WALT WITHMAN

O retrato do «poeta da democracia», como é chamado nos Estados Unidos o poeta de longas barbas brancas que escreveu «The Leaves of Grass», deveria ser pintado, não em tamanho natural, ou miniatura, mas em grandes murais ricamente trabalhados, com Whitman dominando tôda a tela.

O quadro deveria apresentar diversos aspectos da vida norte-americana, suas fábricas, seus salões de festas, suas grandes cidades, as campinas floridas e os hospitais. Apresentaria também rios, lagos e montanhas, prados, fazendas e florestas com pássaros cantando. Pois tudo isto fazia parte dos sonhos de Walt Whitman, de seus cânticos e poemas, das exaltações ao seu país e do grande amor ao povo de sua terra.

Walt Whitman viveu através de quase todo o século XIX e pôde então observar seu país no vasto periodo de expansão. Como uma cobra velha lutando para desfazer-se de sua casca, os Estados Unidos lutaram para livrar-se dos velhos conceitos de puritanismo, de escravidão e da aceitação fatalística da pobreza e das aflições, como coisas naturais da vida.

O poeta foi o porta-voz do homem simples, no qual êle via valor e beleza. Mas o homem simples de Whitman ainda não figurava como tema principal da literatura. Nem o seu estilo tão vigoroso e sensual satisfazia o público leitor de seus dias, porque desde o princípio mostrou ser um poeta de corpo e alma. Mesmo seus amigos íntimos, escritores ou críticos que acabavam de conhecê-lo estavam sempre hesitantes na aceitação de seus trabalhos, enquanto admitiam, livremente, a benigna e vencedora personalidade do homem, em si.

Whitman nasceu em 1819, segundo filho de uma família de nove, numa fazenda em Long Island, Estado de New York. Os primeiros Whitman estabeleceram-se naquela região em 1660. Sua mãe, de descendência holandesa, os Van Velsors, emigrou de New York para uma fazenda das redondezas, onde contribuiu para a comunidade com sua aquiescência e tolerância, assim como com sua relutância à crueldade, sentimento aliás, bem acentuado em Walt.

Seu pai, descreve o próprio Walt, era um pretencioso e um injusto. Dois de seus irmãos eram completamente imbecis, e uma das irmãs, neurótica. Walt adorava sua mãe e suas avós, a quem visitava frequentemente.

Deixou os estudos com a idade de 11 anos e começou, em seguida, a trabalhar como «office boy» em Brooklyn. Quando tinha doze anos, entrou como aprendiz num jornal e, daí por diante, passou a morar sòzinho.

Com a idade de 20 anos já era repórter e editor de grandes possibilidades. Era uma pessoa, cuja educação foi adquirida com esfôrço próprio, o único membro da família que lia por prazer. Devorava todo livro que caia em suas mãos. Como disse um biógrafo: «Sua mente guardava o que êle queria, mas a sua originalidade continuava».

Nunca se casou. De acôrdo com o seu devotado biógrafo, dr. Henry Seidel Canby, «sua dependência emocional a sua mãe era uma das razões por que levava aquela vida solitária». Mas havia mulheres prendadas e inteligentes que o admiravam e apreciavam a sua marcante personlidade.

Passou a mocidade como jornalista de idéias liberais, tendo feito campanha politica a favor do Partido Democrata.

Em 1885, quando Whitman contava 36 anos, surgiu a primeira edição de «The Leaves of Grass», cuidadosamente elaborada e impressa por êle mesmo. A segunda edição incluia 32 poesias. Desde então, tôdas as poesias que escreveu até seus últimos dias, foram incorporadas nas edições seguintes. A última edição, publicada no ano de sua morte, em 1892, contava com 423 poesias. Nesse livro, que cresceu em tamanho e maturidade, juntamente com o autor, e que conservou o título de «The Leaves of Grass», êle disse, «quem o tocar, toca o homem».

Lá longe, no céu, havia um ninho,
E minha alma voou para lá, e de lá olhou para fora,
E viu o trabalho do sol e dos sistemas de sóis,
E viu que uma fôlha de grama não é menos importante que êles. .
E as amoras silvéstres podem adornar os salões do Céu
E sou o poeta da igualdade.

Dois contemporâneos de Whitman opinaram a respeito de suas poesias: Ralph Waldo Emerson, que disse serem elas o mais extraordinrio, trabalho de espírito e sabedoria com que a América podia contribuir para a literatura. Henry David Thoreau disse que «apesar de rude, e algumas vêzes sem grandes efeitos, a obra era um grande poema primitivo — um clarim ressoando pelos campos».

Whitman criou uma nova forma de poesia, completamente sem metro e onde imperava o surrealismo. Seus versos são longos e algumas vêzes estrondam como um trem sobrecarregado, em disparada. E' dificil determinar quanta responsabilidade cabe a Whitman na introdução do «verso livre» na literatura do século XX. Êsse movimento começou em 1890 contradizendo a esterilidade da tradição de outros escritores.

Walt Whitman faleceu em 1892, deixando uma vasta coleção de poesias, nas quais havia sempre um forte protesto às injustiças sociais e à favor dos direitos de igualdade atribuidos aos homens livres.

CONSTANCE NELSO — (USIS)

Gioconda

CARLOS PELICIER

Século XVI. Cabe-lhe a glória
Que o teu sorriso eterno concretiza,
Pois descerra ao teu passo, oh! Mona Lisa,
As amplas portas fúlgidas da História.

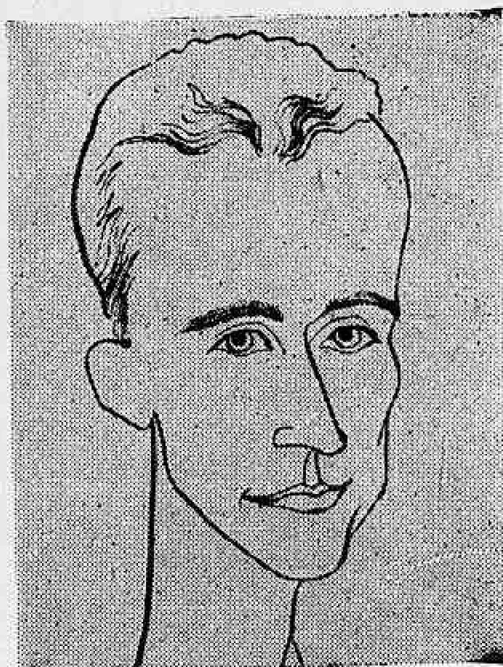
E, sorrindo, pressentes a vitória
Com clara previsão de profetiza.
A essa expressão hermética e concisa
Confias tua universal memória.

Mas o sinal da cruz de tuas mãos
Contrasta com teus olhos cortezãos
E com teu modo de mirar sem pejo.

E, ante o mudo sorriso singular,
Quem te contempla treme, a duvidar,
Entre erguer-te um altar ou dar-te um beijo.

(Tradução de Xavier Júnior)

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO



O poeta paulista Domingos Paoliello, autor de «Penumbra Murmurante», num desenho de Darcy Penteado.

A CAPITAL bandeirante recebeu a visita ilustre do «Angelicum» de Milão. Em récitas diferentes, constou do programa peças de J.S. Bach, Vivaldi, Cimarosa, Pargolesi, E.F. Dall'Abaco, Veracini, Sradella, Mozart e muitos outros compositores clássicos e primitivos. ★ SOB OS auspícios da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, a Sociedade Paulista de Teatro levou à cena, com grande sucesso, a comédia em três atos, de Goldoni: «Arlequim, servidor de dois amos». A tradução estêve a cargo de Carla Civelli e a direção artística coube a Ruggero Jacobbi. Os cenários foram desenhados por Irênio Maia e o elenco estêve assim constituido: Madalena Nicol, Jackson de Souza, Sérgio Brito, David Carofalo, Vera Nunes, Jaime Barcelos, Elisio de Albuquerque e Mairlu de Vasconcelos. ★ NA FACULDADE de Filosofia, o professor Paul Rivet pronunciou uma conferência sôbre o tema: — «História Cultural da Humanidade». Resumindo a hábil palestra, disse o prof. Rivet que a grande lição que nos transmite a história cultural da humanidade é de fraternidade e de amor, que tanto se fazem necessários nos dias presentes. ★ A EDITÔRA Saraiva publica mais dois livros de palpitante interêsse público: «O Brigue Flibusteiro» de Virgílio Várzea e «A Morte Ronda os Herdeiros», de François de Téramond, obras de caráter popularesco. ★ MAIS TRÊS livros de literatura infantil, recentemente publicados pelas Edições Melhoramentos. Intitulam-se: «Pedrito — o anjo da rua Olvera», de Leo Politi; «O burrinho de Nossa Senhora», de Marguerite Vance; e «Eu, Serafim e o Zeca», de Baltasar de Godói Moreira. ★ DENTRO de alguns meses, José Tavares de Miranda publicará o seu anunciado «Compasso de Espera». Êste livro de poemas terá uma introdução de Oswaldo de Andrade, intitulada: Carta-Prefácio a «Compasso de Espera»... ★ SÃO PAULO aplaudiu irrestritamente, no Teatro Cultura Artística, os espetáculos «Rive Gauche», organizados por Yves Robert. Êstes espetáculos foram assim constituidos: Declamação de poemas de Charles Baudelaire, Jean Cocteau, Jacques Prevert, Raymond Queneau, Robert Desnos (por Yves Robert e Jacques Hilling); «Les Pantomines de Style», por Marcel Marceau; «Chansons de France», com «Les Freres Jacques»; «Les Pantomines de Bip», por Marcel Marceau; «Les Exercices de Style», pequena peça de Raymond Quenau, por tôda a companhia. A música, da autoria de Erik Satie, de Joseph Kosma, de Francis Poulenc e de Pierre Philippe, estêve à altura da representação. Os costumes traziam a marca de Serge Cruez. Como podemos ver, um espetáculo de grande sentido estético, vindo diretamente da «Rose Rouge» para nós. ★ SAIU o terceiro número da revista «Habitat», publicação de arte, dirigida pelo arquiteto Lina Bo Bardi, espôsa do diretor do Museu de Arte de São Paulo. ★ REALIZOU-SE, na Pinacoteca do Estado, uma conferência de Alípio Dutra sôbre «A pintura de Almeida Júnior». Aliás, Luís Martins há alguns anos publicou um ensaio crítico sôbre o grande pintor paulista em questão. ★ NO «Foyer» do Teatro Municipal, foi inaugurada uma exposição de Arte Sacra, organizada pelo «Angelicum» de Milão, cujo conjunto artístico está desenvolvendo significativa temporada de concertos e óperas em São Paulo. As peças apresentadas, escultura e pintura, pertencem em sua maioria aos mais conhecidos artistas modernos da península e constituem representativa síntese do que se fêz na Itália nestes últimos vinte anos, no gênero. ★ E, A PROPÓSITO de uma notícia que demos sôbre o Clube de Poesia de São Paulo, temos uma retificação a fazer, referente ao nome de Helena Silveira entre os excluidos. Soubemos da autora de «A Humilde Espera» que ela não poderia ter sido excluida do quadro de sócios do Clube de Poesia de São Paulo, uma vez que nunca pertenceu ao referido Clube. Entretanto, a notícia de sua exclusão nos foi dada por pessoa bastante chegada à diretoria do Clube de Poesia de São Paulo e também bastante chegada à própria Helena Silveira. Como vemos, a «futrica» entre os escritores é feita até entre os que se dizem amigos...

Fora do Prelo

AUTORES CONTEMPORANEOS BRASILEIROS — Dulce Salles Cunha - S. Paulo

O título desta obra, mesmo com o auxílio de uma sub-epígrafe — «Depoimento de uma época» — não esclarece o leitor sôbre seu conteúdo. O que realmente encontramos aqui é uma notícia da poesia brasileira a partir da geração modernista, até a nossos dias, incluindo já os representantes da novíssima geração, a que tomou como data 1945.

A autora se nega a fazer crítica, oferecendo-nos meras indicações, nem por isso menos preciosas, sôbre nossos poetas atuais, proporcionando-nos um bom roteiro sôbre uma fase ainda pouco estudada de nossa poesia. E' verdade que encontramos neste livro, por motivos óbvios, alguma deficiência de informação, muitas omissões indesculpáveis — como sempre acontece em obras dêste gênero — e alguns pontos de vista estritamente pessoais, a respeito de problemas da poesia moderna, bem como de alguns de seus representantes. Poderíamos citar muitos trechos dêste estudo que a autora deverá rever em uma segunda edição. Como, por exemplo, o capítulo que dedica a Ribeiro Couto, em que ela acha que falta «o trabalho do artesanato». Também no que toca a Manuel Bandeira, não estamos de acôrdo com a situação em que ela o coloca. Menos ainda, quando ela fala de Murilo Mendes, achando que êle não consegue resolver o problema da forma, em «O Visionário». Outro equívoco, motivado por necessidade de classificação, é a inclusão de Murilo Araújo no movimento modernista mineiro: Murilo, do aspecto geográfico, é o menos mineiro dos poetas nascidos em Minas. Entre as omissões, citemos a mais clamorosa, a ausência de Enrique de Rezende, como o capitão do movimento da «Verde», de Cataguases. Sua apreciação da poesia de Drummond nos parece, também, pobre de alcance e, como ela a inicia falando da «pedra no meio do caminho», estamos em que temos o direito de dizer que ela não compreendeu êsse discutido poema. Como não compreendeu outras coisas no poeta, sôbretudo nos seus primeiros livros: as restrições que opõe à poesia de Ddrummond, nessa fase, são tôdas vãs.

Estamos apontando êsses tópicos para demonstrar o merecimento enorme da obra: realmente se êste fôsse um livro sem importância, não perderíamos mais tempo com êle. Ao contrário, trata-se de obra do mais alto valor, para ser lida e discutida, coisa que de certo lhe acontecerá. Nós mesmos, se o tempo andar propício, faremos uma série de comentários a alguns capítulos desta obra, excelente contribuição à inteligência de nossa atualidade poética, merecedora, principalmente, pelo que nos comunica, a respeito dos novos e novíssimos até hoje ainda menos estudados. De tôda maneira, «Autores Contemporâneos», reunião de conferências que a autora pronunciou em São Paulo, sôbre poesia contemporânea, é obra imprescindível a quem quer que deseje se informar a respeito de nossa história literária, a partir de 1922.

★

RUA — Miguel Torga — Coimbra (Portugal).

Temos todos a impressão de que a geração que sucedeu a dos grandes prosadores de Portugal era uma geração principalmente de poetas, no sentido de que os grandes nomes da literatura portuguêsa contemporânea eram nomes de poetas. Entretanto, a presença de alguns prosadores eminentes, nesse grupo de poetas, entre os quais é imprescindível citar Ferreira de Castro — está a dizer que a prosa não fez má figura na geração dos poetas, e que, talvez, o que tenha acontecido haja sido uma maior receptividade nossa para os poetas, porque mais audaciosos, mais originais, mais brilhantes, enquanto os prosadores permaneceram fiéis à grande arte literária, mais próximos da tradição, menos sensacionalistas.

Miguel Torga é também poeta. Sua extensa lista de volumes publicados inicia-se pelos livros de poesia, que êle continuou, mesmo depois que iniciou sua obra de prosador e teatrólogo, depois que começou a publicação de seu «Diário», onde há muitas páginas escritas em versos. Mas, o ficcionista de «Rua» nada fica a dever ao poeta, até porque seus contos se recheiam de substância poética, melhor, podemos dizer que o núcleo essencial de sua prosa é sempre elemento poético. Êle trata seus assuntos em prosa, em boa, ótima prosa, sempre, impossível de ser confundida com poesia. Entretanto, seus assuntos se prendem a temas líricos e, assim, mesmo o prosador dêstes contos é, no fundo, o poeta. Buscando no simples cotidiano o motivo de seus enrêdos, de suas histórias, que prodigiosa vida êle lhes empresta, como sabe penetrar êsse drama anônimo, buscando-lhe todos os reativos de poesia e de emoção! Suas figuras aparecem em dois traços, precisas, põem-se a andar, a mover, a falar, a sofrer: vêm para o nosso lado e ficam conosco, povoando o mundo ao redor. Suas paisagens são manchas em poucas pinceladas — mas como adquirem contôrno e côr, linhas precisas, nesse quadro apressado que o autor esboça, aflito para contar o que tem a contar e certo de que o elemento humano é que importa. Miguel Torga é um dos prosadores que salva a prosa na geração dos poetas: êle a coloca no justo nível em que poderia estar, quando a poesia atingiu, com tantos grandes poetas, inclusive êle mesmo, uma altitude que antes não registrara a história das letras portuguêsas. «Rua» é um dos grandes livros de contos que já foram escritos em nossa língua.

★

AS CONTRADIÇÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA — Gil Agrobom — Alba — Rio. —

Um espírito polêmico, servido por sólida cultura, com um estilo brilhante e uma combatividade incomum, eis o que encontramos no autor desta obra que, além do bem informado estudo que lhe dá título, reúne mais algumas páginas de não menor interêsse, em que Gil Agrobom — um pseudônimo, naturalmente — revida aos detratores de Camilo, no caso, João Dornas Filho e Afrânio Peixoto, discute os louros de Capistrano de Abreu e reduz a proporções bastante ínfimas o historiador padre Serafim Leite.

E' uma coletânea de estudos críticos de inestimável valor, a que temos em vista. Entretanto, a obra, que não é nova, parece não ter tido a merecida repercussão. Pelo menos, nós não sabíamos dela, nem tão pouco que possuíamos um crítico e um polemista de tão alto valor, capaz de liquidar, em algumas páginas, à maneira queiroziana, todo um livro e, mesmo, tôda uma reputação, mostrando os cordéis dos fantoches e rompendo os polichinelos, para lhes fazer escorrer a serragem que muitos tomavam por alguma substância menos inconsistente. O que nos revela aqui, em face de abundante e insofismável documentação, a respeito do escravagismo do Padre Vieira, constitui roteiro que está a indicar uma revisão histórica das mais importantes. Outra revisão que êle inicia e indica, para obras mais largas, é a do renome de historiador do jesuíta Serafim Leite. Quanto aos revides que faz aos detratores de Camilo, embora desconheçamos as obras inquinadas, tudo faz crer esteja o autor coberto de razões, tão segura é a defesa que produz do romancista de São Miguel de Seide, provando-nos, por exemplo, no caso de Afrânio Peixoto, que o romancista baiano não estava evidentemente à altura de investir contra o mestre luso, para o que lhe faltava tanta competência literária como o indispensável lastro de cultura, para uma crítica de tão elevada responsabilidade.

Situando-se em um ângulo de simpatia, porém isento, tratando os antagonistas com a urbanidade indispensável, falando com os documentos em punho, eis que Gil Agrobom nos aparece perfeitamente armado para enfrentar êsse campo, quase deserto hoje, da crítica, essa tarefa punitiva da crítica, tão abandonada, na indiferença e no compadrio que dominam essa atividade, atualmente.

★

OS DEZ MELHORES SONETOS MINEIROS — Edições Mantiqueira — Belo Horizonte

Por iniciativa do atual prefeito de Belo Horizonte, sr. Américo René Gianetti, aparecem em volume os dez sonetos de poetas mineiros que concorreram ao concurso nacional de sonetos, realizado pela Federação das Academias de Letras, sob o patrocínio da «Ilustração Brasileira». Como se sabe, a seleção dos trabalhos, especialmente escritos para o certame, foi realizada pelas Academias estaduais. A Academia Mineira designou para isso uma comissão de que fizeram parte Djalma Andrade, Eduardo Frieiro, Abgar Renault, Heli Menegale e Alfonsus Guimaraens Filho. Os dez sonetos que mandou ao concurso, dois dos quais foram classificados, são da lavra de Vinicius de Carvalho, Da Costa Santos, Austen Amaro, Valdemar Pequeno e Soares da Cunha, nomes todos conhecidos dos leitores desta página, sendo que a maioria dos sonetos do volume também já foi publicada por nós. A reunião dos sonetos nesta «plaquette» foi realmente uma ótima idéia. Pena que não se tenha completado com notas biográficas e pequenas indicações críticas sôbre a obra dos poetas, entre os quais encontramos, por exemplo, Austen Amaro, cuja presença nas letras mineiras é das mais importantes, tendo sido êle um dos poetas do grupo montanhês que mais influiram no movimento modernista.

O LIVRO ILUSTRADO

Ilustração de J. Van Gucht para o «Paris», de Alped Leroy.

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

HARRY TRUMAN . . .

(Cont. da pág. 35)

:ecados desaforados aos seus detratores. O que êle faz é deixar de ser o ocupante da Casa Branca, em Washington, para voltar a ser o filho do "velho John" lá da cidadezinha poética do interior de sua terra, e mostrar ao atrevido que o punho vingador do velho Truman não desapareceu com sua morte, mas continua perfeitamente em forma, na pessoa do filho.

Muita gente pensa que um homem na sua posição não devia agir assim. Mas, a voz do sangue é uma coisa que não pode modificar-se pelos meneios da diplomacia...

SUSPEITA

(Cont. da pág. 32)

veis, cheios de visões de Cacilda com outro homem, faziam-no acordar banhado em suores frios, a cabeça transtornada, e sair à porta da cabana, onde postava-se a fitar a densa negridão da floresta inhóspita e agressiva, que o separava do mundo.

Gradualmente foi analisando os fatos. Recordava-se, agora, do despeito de Cláudio, o gerente da fábrica, depois do seu casamento. E de como todos haviam murmurado: "Que tôla a Cacilda, em se casar com um sujeito mais velho que ela dez anos, quando Cláudio, o gerente, rapaz jovem e com o futuro feito, um bom ordenado, adorava o chão que ela pisava!"

Sabia agora por que ela deixara subitamente e sem uma explicação, de escrever-lhe. Aquela diferença em suas idades tornara-se uma cortina de ferro entre êles. E êle no interior da selva, comprometendo a saúde e a vida, trabalhando de sol a sol à procura de melhor sorte para ela e a filha...

Mas voltara, enfim. Derrotado, os sonhos desfeitos, mais pobre que dantes, é verdade, porém estava alí em frente da sua casa, para vingar-se.

Suas suspeitas cresceram ao avistar um vulto embuçado esgueirando-se pela calçada defronte e de repente entrar na casa. Pelo modo de andar, não tinha mais dúvida. Era Cláudio, o gerente da fábrica! A mesma altura, aquêle movimento peculiar dos ombros largos, tudo isso dizia-lhe, apesar de não ter podido perceber as feições do vulto, tudo isso confirmava-lhe a monstruosa certeza. Era então a verdade.

O revólver saliente no bôlso agitava-lhe a cabeça. Atravessou a rua com cuidado e empurrou a porta, parando à escada, ante o irresistível desejo de sair daquele lugar que lhe parecia sinistro e fugir para longe de tudo e de todos.

Era horrível aquela coisa que êle ia fazer.

Uma torrente de sangue em sua cabeça fê-lo cambalear. Encostou-se contra o corrimão. Não admitia a si mesmo que estivesse, agora, com mêdo, mêdo de saber...

Limpou o suor da testa e respirou profundamente. Ao repor o lenço no bôlso, notou que era o mesmo que Cacilda bordara para êle, antes de embarcar. Era horrível! Não podia tolerar aquêle pensamento.

Meio alucinado, procurando conter o impulso de subir correndo, foi galgando silencioso como um gato os degraus. O revólver firme em sua mão.

Por fim, a porta. A porta do quarto. Perdida nas sombras ao fim do corredor. Avançou para perto vagarosamente. Escutou.

A voz de sua mulher. A voz de Cacilda! Mal podia respirar. Sentia o sangue gerar e um mundo fantasmagórico bailava doidamente em sua frente. Numa última tentativa procurou, ainda, banir aquela repugnante suspeita. Não queria crer. Não podia ser; sua mulher sempre fôra-lhe fiel e honesta. O vulto que avistara entrar, devia ser o de alguma outra pessoa. Talvez o senhorio. Quem sabe se Cacilda havia atrasado os alugués — êle últimamente remetera-lhe quase nada — e então o senhorio fôra cobrar-lhe pessoalmente, como costumava às vêzes fazer?

Mas àquela hora! Não. Êle não se enganara. Era Cláudio, o amante de sua mulher e êle não teria piedade agora. Ele o traira miseràvelmente; saberia dar-lhe o que bem merecia.

Ouviu a voz do homem e aguçou com mórbida satisfação os ouvidos. Contudo não pôde reconhecer aquela voz. Mas era Cláudio, estava certo. O bandido!

Uma outra nuvem passou-lhe pelos olhos. O suor frio e o ódio insano faziam-no tremer. Mas sua mão não erraria. Nunca errara um tiro. Aquêles dois anos no interior da Amazonia, entre feras indomitas e bandoleiros, forjara-lhe uma nova têmpera. Sua mão sempre fôra certeira.

Cacilda estava falando de novo. Agora a voz alterada e nervosa, quase histérica, era um grito súplice de angústia. E êle ouviu uma coisa espantosa. Sua mulher suplicava:

— "Doutor, salve a nossa filha! Salve-a doutor, pelo amor de Deus!"

Aquela voz lancinante foi tomando corpo, dando-lhe um significado diferente, arrasando-o e ao mesmo tempo rasgando lhe o subconsciente. Escutava-a apavorado, imóvel.

— "Meu marido está longe. No Amazonas..." na borracha. Ficará louco, meu Deus! Teremos dinheiro quando voltar... Mas salve a nossa filha, doutor!"

A arma caiu-lhe da mão trêmula, rolando com sinistro ruido pelos degraus da escada. Êle apenas pôde deixar escapar um grito rouco e abafado.

— "Meu Deus!..."

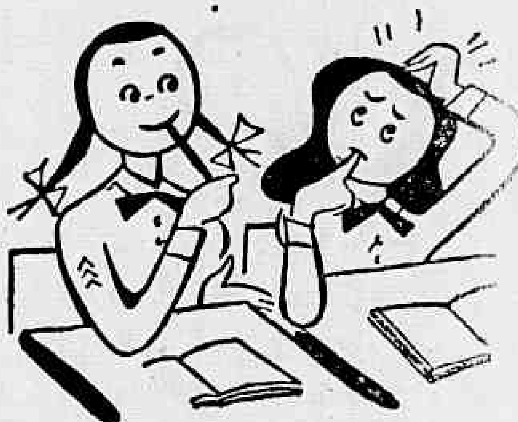
E caiu ajoelhado contra a porta do quarto.

Respostas ao teste:

1—Suécia
2—Turquia
3—Superior à do Brasil
4—Mandar-lhe-ei
5—Cidade dos Reis
6—Terceira
7—Dirigível
8—Vinte e dois
9—Meia hora
10—Vinte e cinco
11—1937
12—Três anos antes da segunda grande guerra (1936)
13—Polonesa
14—Insulina
15—Funk

"As crianças são as vítimas"...

... porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor do que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso

UM CARTAZ QUE SOBE SEMPRE

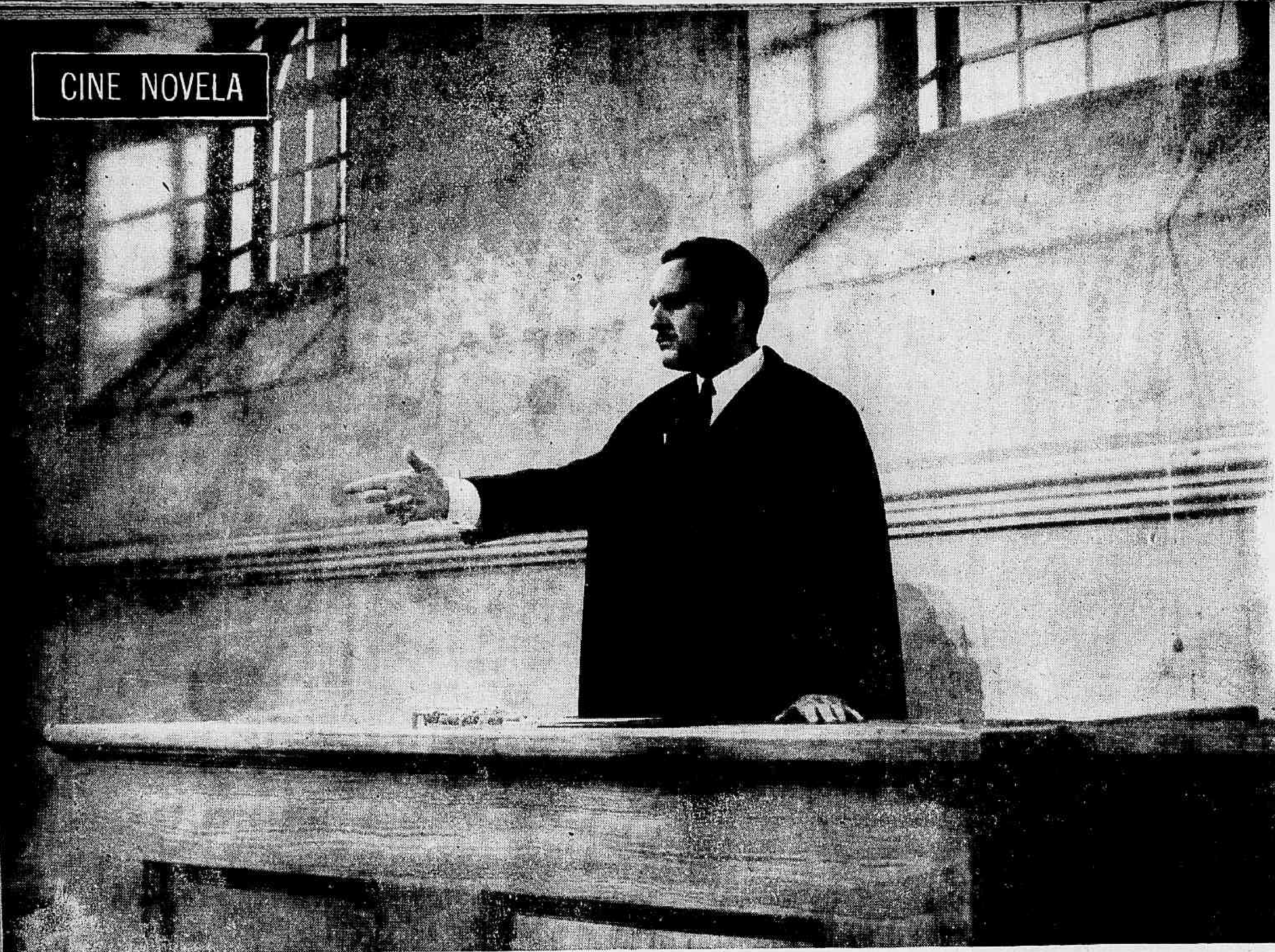


RADIO BANDEIRANTES

A mais popular emissora paulista

840 Kls.





CAPAS NEGRAS

UMA velha tasca de Coimbra, onde se alinham, colados à parede alguns quintos do bom vinho. Nêles se lê, em caracteres toscos, os preços que são cobrados por litro. Barato para os homens de negócio, mas caríssimos para os estudantes. O balcão, que viu gerações debruçarem-se sôbre êle, em libações inocentes, tem, atrás, uma senhora já entrada em anos. Do lado, uma linda jovem de cabelos negros e olhos profundos, bôca rasgada, emoldurada com lindos dentes, é a encarregada de servir. Ela vai e vem, no afã de levar e trazer as canecas cheias e vazias, onde borbulha o dadivoso vinho verde, maduro, velho ou novo, mas sempre o vinho. No salão, uma modesta mesa tem ao seu redor uma dúzia de homens já encanecidos, mas de aspecto senhoril. Riem, relembram, discursam. São estudantes de Coimbra, graduados há vinte anos. Aquela reunião era uma comemoração de aniversário de formatura. A alegria que invade a alma daqueles homens, carregados de responsabilidade, é a revivescência do espírito de Coimbra; do espírito dessa velha e famosa universidade, que resiste ao roar impetuoso do tempo, que resiste a guerras e afronta aos séculos, sem perder a sagrada tradição. Após ao discurso do mais respeitável dos velhos, surge no salão uma anciã, mulher que tem sôbre os ombros o pêso de setenta primaveras, mas, entre suas pronunciadas rugas brilham ainda, uns olhos joviais e no canto da bôca há uma ponta de sorriso, denunciando sua passada beleza. E' a dona da tasca, outrora jovem e linda, contaminada pela alegria dos estudantes, fôra ena-



[illegible]

Duarte .... Alberto Ribeiro
[illegible] de Lisboa .... Amália Rodrigues

com:

[illegible] — Humberto Madeira — Artur [illegible] — [illegible] Miranda — Graziela Mendes — Gênia Silva — [illegible] Bonito — Regina Montenegro — Passos Pereira — Maria Emília [illegible] — Carlos Veloso — João Calazãns — Afonso Branco — Aduzinda Mariano.

Tenor: Domingos Marques — Bailarinos: Cremilda Souza e Antônio Gonçalves.
Partitura musical de Jaime Mendes.

Músicas de:

[illegible] Ferrão — [illegible] Valério — Jaime Mendes — Dr. Angelo Araújo Alberto Ribeiro e Santos Moreira.

[illegible] de Armando Miranda

Produção de Produtores Associados Armando Miranda e Ferreira de Almeida.
Distribuição de Globo Filmes.

morada de três gerações. Muitas lágrimas e muitos sorrisos marcaram a sua juventude, muitos corações por ela palpitaram, e ela a muitos amou inocentemente, mas todos se foram.

Súbito, no silêncio da noite clara, ouve-se uma voz maravilhosa, que parte de entre o arvoredo espêsso. E' a voz de um rouxinol apaixonado. Nas mãos o cantor tem uma guitarra, no peito um amor, nos ombros uma capa negra. E' um estudante de Coimbra, que repete sua serenata naquele lugar, esperando que Maria de Lisboa, a jovem que serve à mesa, reponte à janela para ouvi-lo e depois responder-lhe, nas palavras de um sentido fado, o amor que êle, José Duarte, expressa no seu cantar. E' uma cena que se repete e se repetirá pelos tempos em fora. Os velhos cessam a garridice e ouvem, com unção, o desafio de corações que se amam; desafio de que êles mesmos já foram protagonistas vinte anos antes. José Duarte comove, mas não demove a bela jovem, que sabe, por sua avó, que os estudantes são como os marinheiros. Uma namorada em cada esquina, juras de amor, paixões violentas. Depois vêm os exames. Os doutôres partem, já não se lembram das jovens que os animaram nos dias de estudo, outros mundos os esperam lá fora. Outros amôres e outros destinos os fazem esquecidos... é a vida!

Enquanto José Duarte, canta, os seus colegas de república matam o tempo jogando o sete e meio, bebendo de um vinho armazenado num irrigador suspenso à parede, de onde um tubo, com uma torneirinha, serve para encher os copos. Moram êles na mais famosa e característica das repúblicas de estudantes, que batizaram com o nome de "Raz Ta Parta", onde as paredes dizem histórias, dizem poesias, crítica e ciência. A giz e carvão se lêem rimas célebres, puros alexandrinos ao lado de pesadas piadas, desenhos de deusas, de demônios e até de armários com louças e pratarias. Assim é a república, tudo em desalinho, mas é o lar do estudante. E' ali que êle dorme, come, sonha e chora; chora de saudades dos seus, chora por um exame infeliz e, principalmente, quando leva o "fora" de uma namorada. E' o seu mundo. No momento da volta de José Duarte, da serenata, a república sofria mais uma das suas tremendas barulheiras — festejava-se a aquisição de um relógio, trazido por um colega — porque o que existia era uma velha panela, onde se lia "Big-Ben", suspensa por um cordão — a hora era batida com uma imprestável colher de pau. O regozijo, assim, não seria só pelo relógio, mas pelo o que o mesmo daria no penhor. José Duarte traz uma garrafa de vinho espumante; com ela festejariam a próxima conquista do coração de Maria de Lisboa.

Dias depois, os capas negras estão de novo alvoroçados. E' que terá lugar a antiga cerimônia da queima das fitas. Isto quer dizer que os estudantes são doutorandos. Os moços não se contêm de satisfação, a cidade vibra de alegria, nas ruas a multidão exulta. E' como se fôra um carnaval para o povo, que assiste a um dos mais tocantes e mais belos espetáculos da expansão da mocidade despreocupada e feliz. Carros alegóricos puxam o cortejo, onde os estudantes, loucos de alegria, dão largas à pujança de suas vocações artísticas, bailando, cantando, beijando e fazendo música. Para Maria de Lisboa êste dia foi de tristeza, porque seu coração vislumbra o dia da partida de José Duarte, o seu amado. Êle se irá deixando só recordações e saudades, tal como outros fizeram com sua avó. José Duarte, promete que não a deixará, jura que seu amor é sincero e duradouro.

A vida em Coimbra, "a cidade do amor em Portugal", não fica muitos dias sem uma festa, porque se não houver estudantes a fazem, com ou sem motivo algum. Desta maneira, estão agitados, outra vez, os capas negras, pela aproximação da célebre festa de São João, noite sempre romântica, cheia de poesia. Haverá gastos em bebidas e fogos, é preciso arranjar dinheiro; dinheiro, êsse fantasma que foge do estudante como o diabo da cruz. Vão-se, então, os relógios e tudo o mais para o "prego". Um dos estudantes da república, é o encarregado do numerário — ministro da fazenda — cargo de difícil desempenho, pois que não há receitas, só despesas. Mas o jovem se desempenha com um encanto irresistível. Êle engendrou um expediente infalível e, às vêzes, agradável. Consiste em namorar moças já maduras, quando sabe que em casa delas há algum objeto antigo ou alguma obra de arte que represente valor. Promete-lhe casamento, obtendo estatuetas, quadros, vasos, móveis, dizendo que, com êsses objetos, está preparando o solar "cheio de objetos de arte", onde morarão quando casarem. Quase tôdas as semanas o Maneca, assim se chama êle, descobre novas conquistas e novos objetos de arte que vão direitinho para o penhor. Para as festas de São João, houve verba razoável.

A noite estava linda, quase quente, o pipoquear dos fogos, o clarão das labaredas da fogueira desenhando figuras informes no chão, os acordes dos fados sentidos, os namorados de mãos dadas pulando a fogueira, os desafios dos cantadores, tudo trazia àquela festa o encanto, êsse encanto que só sentimos uma vez. Depois, só a saudade. Lá estavam, também, Maria de Lisboa e José Duarte. Êles também dançaram, cantaram, pularam fogueira e consolidaram o amor. Meia-noite, cada qual para as suas casas. Maria e José, não o foram, entretanto; procuraram os encantos da beira de um rio, onde a lua refletia num espelho descomunal a sua luz que inebria a quem ama. Ali o casal passa a noite, o resto daquela noite, e o amor realiza os seus desígnios. Seis horas da manhã. Maria corre para a casa. À porta da tasca encontra Jorge, um companheiro de José Duarte, que passara a noite bebendo. Jorge tem por Maria, alguma simpatia e verbera o seu procedimento de vir para a casa àquela hora. Meio embriagado, êle impede que ela entre, segurando os seus braços. Nesse momento percebem um clarão. Maria aproveita a oportunidade e entra em casa. O incidente fôra esquecido. Passam-se os dias.

A turma regozija-se pelos exames finais, os resultados são animadores, José e seus colegas são doutôres. Os que partem, realizam, antes, uma passeata, cantando pela cidade. Êste o único momento, talvez, porque é a despedida, que os estudantes têm a alma triste e começam a passar para a realidade da vida; vão deixar Coimbra.

Maria Lisboa sabe que José Duarte não irá, ficará para casar-se com ela, como prometera. Está radiante, porque já pode realizar o seu sonho. Interrogado, responde que se casará breve. Um colega procura demovê-

(Cont. na pág. 53)







SAÚDE DO BEBÊ

COMO CONDUZIR A AMAMENTAÇÃO AO SEIO

Dr. SABOIA RIBEIRO

A verdadeira secreção lática (porque antes o que existe é o **colostro,** um líquido amarelado, de ação laxativa), só se estabelece em definitivo do quarto ao quinto dia por diante, adquirindo o leite então seu aspecto característico, isto é, um líquido branco e opaco, umas vêzes com reflexos azulados ou amarelados, de leve e agradável odor e gôsto adocidado.

E' êsse leite que, muitas vêzes, falta, umas por defeitos na maneira de amamentar a criança, dentre as quais sobreleva a falta de um horário bem observado entre as mamaduras, outras por defeitos, quer funcionais da mulher (pouco leite ou agalaxia), quer por má conformação do mamilo, os primeiros menos raros, os últimos pouco frequentes e aliás passíveis de correção por meio de trações diárias do bico dos seios.

A observância das boas normas na amamentação do bebê garante, na maioria das vêzes, a persistência da secreção até, pelo menos, os três primeiros meses da criança, os mais delicados na criação do petiz.

Uma das causas pelas quais o leite se some é a irregularidade no horário, ou quando se suspende a amamentação por alguns dias ou prolongadas horas, como nas inflamações do seio tais as rachaduras do mamilo e a mastite; nesses casos, haver-se-á que recorrer às chupadeiras de vidro ou máquinas de extrair leite. Assim, a extração manual garante a secreção até que a inflamação cure, sendo o leite dado à mamadeira, e mais tarde voltando a criança a sugar diretamente no seio.

Jàmais suprimir a lactação ao seio por mero palpite, como em desconfiando que o leite está fraco,ou gordo de mais, ou por causas que a técnica ensina a contornar, como nas inflamações do seio.

Além da questão do horário, tão importante para permitir um esvaziamento completo dos seios, é necessário alternar êstes, dando de uma vez um, de outra vez outro.

A duração de cada mamada, qual deve ser?

Se a criança é boa sugadora, isto é, mama seguidamente ou com ligeiros intervalos, bastam dez a doze minutos em média; se mama vagarosamente, parando por vêzes, então se prolongará até a vinte minutos, no máximo, cada mamada.

Quando, após as mamadas, a criança regurgita, ou o faz mesmo, durante as mamadas, reduz-se, no primeiro caso, a mamada para seis minutos, e no segundo caso, interrompe-se a mamada a certos intervalos.

Um bom sinal que o leite está sendo suficiente está nas condições da moleira: sendo suficiente a moleira está levemente abaulada; sendo pouco, ela afunda. E é evidente que ela não está com um desenvolvimento satisfatório e não espera, sem chôro, entre uma e outra mamada.

Um cuidado, nem sempre observado pelas mães, é o que se refere a uma alimentação sadia e completa, durante a amamentação.

A alimentação da nutriz deve ser abundante e substanciosa, dando-se preferência aos pratos simples e de digestão fácil, mas agradáveis ao paladar, sendo que o leite, nesse período, parece possuir uma função estimulante e como tal devendo ser consumido, ou os seus derivados. Tomar ½ a ¾ de litro de leite, por dia, é uma boa média de consumo dêsse alimento.

Os ráios ultra-violeta parecem também estimular a secreção do leite e os banhos de sol são justificáveis como fonte que são dos referidos ráios 2 a 4 horas ao ar livre. Nada de trabalhos pesados e estafantes. Sono de 8 a 9 horas.

«O leite materno pertence ao próprio filho».

Estas palavras do professor Pinard constituem um como dogma em Pediatria.

Daí, aos olhos do pediatra, a obrigação moral de tôda mãe, com saúde e dispondo de leite, de amamentar o seu bebê, e inescusàvelmente até pelo menos, êste completar três meses.

Voltando a insistir sôbre as vantagens de um horário rigorosamente cumprido nas mamadas, citaremos as palavras de um pediatra: «A experiência demonstra que, entre nós, os intervalos de 3 horas são os mais acertados, portanto: 7 — 10 — 13 — 16 — 19 — 22.

Se o teu filhinho estiver dormindo, deves acordá-lo na hora certa; procedendo assim, terás ao cabo de poucos dias um relógio em casa.

Durante a noite não mamará sob nenhum pretexto».

A REVISTA EM LISBOA

(Cont. da pág. 18)

vivo, o outro morto, ambos artífices do alto pensamento de bem servir

★

Outra solenidade que se registrou com grande brilhantismo nesta capital, foi a da trasladação das relíquias de Nuno Álvares Pereira, da Igreja do Carmo, para o novo templo do Condestável, a Igreja do Santo Condestável, do qual publicamos nestas páginas algumas ilustrações muito expressivas. Os restos de Nuno Álvares repousam, agora, para a eternidade, no seu lugar mais próprio, e a cerimônia deu margem a que um cortejo cívico de alta expressão desfilasse pelas ruas da metrópole, com a presença de altas autoridades do país, inclusive o Chefe de Estado, S. Excia. o sr. general Craveiro Lopes participou dêsse cortejo, sendo recebido, à entrada do templo, pelas altas autoridades eclesiásticas e fazendo a sua visita ao local em que se encontram, agora, depositadas as relíquias da terra portuguêsa.

NA CASA DAS. . .

(Cont. da pág. 15)

Danny Dauberson, 150 mil por 30 dias, livre de despesas... e assim por diante. Isso sem recordar os tempos áureos do jôgo, em que Pedro Vargas ganhava 15 mil cruzeiros por dia e ficou aqui 6 meses.

"E há mais. Acreditem ou não, a Ilna Massey ganhou 80 mil cruzeiros diários e ficou só um mês, pois não correspondeu à expectativa. Mistinguete e sua companhia, na Urca, 100 mil cruzeiros por dia.

"Enquanto isso, na mesma ocasião, Alvarenga e Ranchinho, a dupla, recebiam 150 cruzeiros por dia e Grande Otelo, 200... e eu que estrelava o *show* ganhava 100 cruzeiros por dia. E no entanto era nosso time que salvava muito fracasso estrangeiro. O maior ordenado que ganhei na Urca foi de 15 mil cruzeiros mensais.

"Mas não há de ser nada... A gente vai "se virando..." junta daqui, junta dali, compra tudo à prestação e no fim dizem: — *Lá vai a milionária*".

★

Deixamos Linda e saímos com Dircinha. Fomos ao *Gran Circo Norte Americano*, na ponta do Calabouço. Os elefantes estavam em forma. Paramos, olhamos o ambiente e perguntamos:

— Então, Dircinha, está na hora... Você disse que vinha montar no elefante...

— Eu, hein, que mêdo ó! — disse e acrescentou: Eu sou artista... mas não sou de circo!

— Então monta num camelo, que é mais manso — insistimos.

— Nêsse, não. Só se fôr no que está embalsamado no Museu da Quinta da Boa Vista...

— E na girafa?...

— Bem, na girafa eu monto. Peça uma escada.

O gerente do circo mandou buscar uma escada. Dircinha sorriu, colocou as mãos na cintura, e disse: "Você ou eu... Um de nós dois é ingênuo... Então, você acha que eu vou subir no lombo dêste bicho. Não vê que êsse repórter quer dar um furo sensacional !... Seria de fato uma *manchete* formidável: — "*Dircinha caiu da girafa!*". Não, meu caro, comigo o negócio tem que ser cá em baixo, em terra firme. Êste bicho é muito alto!... Até parece um arranha-céu!

Do Calabouço rumamos para o Circo Serrazani e depois para os dos anões, ambos na Avenida Presidente Vargas. Chegamos numa hora de espetáculo. Foi preciso que Dircinha entrasse disfarçada. Mesmo assim foi reconhecida e a assistência vibrou em saudações. Se ela permanecesse alguns mi-

(Cont. na pág. 52)

Por que precisam as mulheres de dois Reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, êles exigem remédios diferentes. Êste é o critério científico a que obedece o REGULADOR XAVIER, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O REGULADOR XAVIER Nº 1 — para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O REGULADOR XAVIER Nº 2 — para a falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com tôda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a êle. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acôrdo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem estar das mulheres.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa

HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



Hemo-Virtus

A ATUAL CAMPANHA FINANCEIRA EM PROL DA FUNDAÇÃO DO ABRIGO CRISTO REDENTOR

A "Fundação do Abrigo do Cristo Redentor", nasceu em 1938, ao tempo da passada gestão presidencial do sr. Getúlio Vargas. Nasceu para vencer porque teve e ainda tem à sua frente essa grande alma de idealista, que sabe realizar e que é o sr. Levi Miranda. Várias campanhas financeiras foram levadas avante. E nunca uma delas teve início sem que o público tivesse conhecimento do que já fôra feito. Agora teve comêço a sexta campanha. E quanto já se realizou? Uma obra que talvez se possa chamar ciclópica. Isso animou o Presidente da República a aceitar o convite que lhe foi feito para o almôço em que seria, como foi, lançada a campanha.

Nesse ágape, quando foi apresentada a lista para as doações, essas se traduziram por grandes quantias.

Várias entidades contribuiram. Aqui está o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, entregando à comissão da campanha, em nome da prestigiosa entidade, um cheque de meio milhão de cruzeiros. E o Jockey Club, com êsse gesto, nada mais faz do que reafirmar os sentimentos de humanidade que sempre caracterizam os seus diretores.



DANILO — O PRÍNCIPE . . .

(Cont. da pág. 21)

Danilo voltou, em 1944, ao clube tijucano, ao qual continuou defendendo até 1946. Depois do sul-americano recebeu ótimas propostas de clubes cariocas e paulistas. O seu não podia proporcionar-lhe melhores ordenados e "luvas". E o passe foi pôsto à venda. Começou o leilão, e o Vasco ofereceu mais de 200 mil cruzeiros, transferência sòmente superada na época pela de Domingos da Guia, do Flamengo para o Corintians.

TÍTULOS EM QUANTIDADE

Além dos títulos de campeão de futebol, Danilo possui um de nobreza no reinado do futebol. Por causa do príncipe Danilo da opereta, e pelas suas destacadas atuações, o melhor centro-médio brasileiro da atualidade ganhou o cognome de "príncipe da pelota", lembrando o mesmo título com que a torcida agraciara a outro titular da camiseta rubra, Oswaldinho, outro "príncipe" do futebol do passado.

Danilo, que vai completar 30 anos no próximo dia 3 de dezembro, conquistou, em 12 anos de atividade no futebol, os seguintes títulos: Campeão carioca de amadores em 1940 pelo América — Campeão carioca de profissionais pelo Vasco, em 1947, 1949 e 1950 — Campeão brasileiro pelo selecionado carioca em 1943, 1944, 1946 e 1950 — Campeão sul-americano pelo selecionado brasileiro, em 1948 — Campeão dos campeões sul-americanos pelo Vasco, em 1947, em Santiago do Chile. Dois títulos de vice-campeão sul-americano em 1944, no Chile, e em 1945, na Argentina. Vice-campeão mundial de futebol pelo Brasil, na Copa do Mundo de 1950. Um autêntico "campeão", o centro-médio franzino de 1m,78 de altura, que começou nas "peladas" de Campos Sales e que hoje defende a camiseta do bi-campeão carioca, o Vasco, em plena arrancada para conseguir o seu título mais ambicionado: o de tri-campeão da cidade. Em grande parte, êste cetro depende da "performance" de Danilo nesta temporada, porque êle é o termômetro do time da "cruz de malta". Quando atua bem, o quadro desenvolve o normal de produção e quando a sua produção baixa arrasta o time na queda.

DE 1945 A 16 DE JULHO DE 1950

Não podia faltar a clássica pergunta, e a resposta de Danilo foi esta: — "Ora, em todos os jogos tenho novas emoções. A mais forte foi no instante em que Flávio me escalou para integrar, em 1945, na Argentina, a seleção brasileira. A maior mágoa, você sabe, foi a de ter perdido o meu maior título: o de campeão mundial, a grande oportunidade, pois não sei se, em 1954, na Suiça, ainda terei jôgo para ser o "pivot" da seleção brasileira."

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda

"Rua da Carioca 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda - Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» n.º

NOME ....

RUA .... N.º

CIDADE .... ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ELAS NÃO SÃO DE BRIGA . . .

(Cont. da pág. 31)

— Iremos ao México, Cuba e New York.

— As três?

— Sim, as três ou os quatro, não sabemos ainda se nosso cunhado pode acompanhar-nos.

Hélio pediu licença e retirou-se por instantes. Depois, quando voltou, fez-se acompanhar da empregada com uma deliciosa rubiácea. Café... Brasil... tivemos uma idéia.

— Qual o público que vocês mais admiram?

Não responderam diretamente à pergunta, mas informaram:

— Amamos o Brasil e os brasileiros. Isto é um povo fenomenal.

A resposta era sobremaneira agradável de se anotar e fizemo-lo.

Sorvemos o café, agradecemo-lo e contamos um fato extraordinário que conosco acontecera num dêsses dias: procuramos, em tôda a cidade, de ponta a ponta, uma das deliciosas gravações das irmãs Meireles e não encontramos. Se quiséssemos comprar aquêles sambinhas de morro não faltariam. Arte, porém, Meireliana, nada.

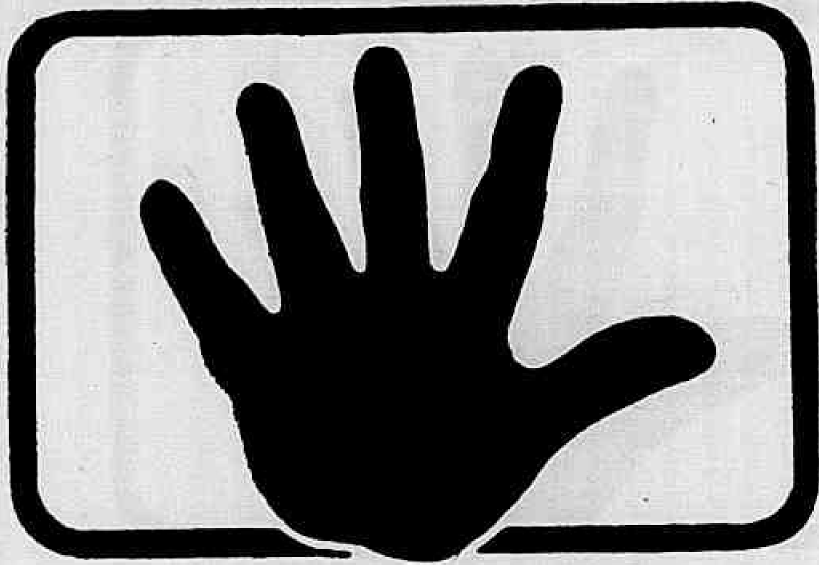
Perguntamos a razão. Rosária informou:

— Já nos disseram isso, também. Não vemos razão. Queremos crer que a Capitol irá, dentro em breve, lançar nossas músicas tôdas, porque estão esgotados os discos.

— Logo vimos, dissemos nós, que se tratava de alguma coisa dêsse tipo. Quer dizer que a Capitol já está providenciando?

— Deve estar, porque não há discos nossos na praça, falou Milita.

Hélio a tudo ouvia, entusiasmado pelas exce-



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

LEIA NA CENA MUDA

ESTAS SENSACIONAIS REPORTAGENS:

SAMBAS DETRÁS DE UMA CÂMARA!

OS ESTÚDIOS SAEM À RUA!

ILKA SOARES, A MORENA DE OLHOS AZUIS

E muitas outras seções de rádio, teatro, música, televisão, humorismo, cine-romances, etc.

ELAS NÃO SÃO DE...

(Cont. da pág. 51)

lentes e cultas alunas que tem em sua Academia. Já no fim da entrevista, querendo satisfazer à sua curiosidade, perguntou.

— Por que vocês querem aprender jiu-jitsu, afinal?

— Ora «seu» Hélio, somos franzinas e temos necessidade de defender-nos.

Rimos todos e despedimo-nos das Meireles e dos irmãos Gracie. Saímos de lá com uma preocupação: não sabíamos o que mais admirar — se a cortesia dos Gracie, se a gentileza das Meireles. Além dessa, tínhamos outras preocupações: a integridade física dos empresários exploradores e dos «graciosos» da Cinelândia.

NA CASA DAS. . .

(Cont. da pág. 50)

nutos na platéia teria interrompido o espetáculo, pois só pela sua passagem, monopolizou a atenção de todos. Durante os intervalos teve ocasião de palestrar com os anões que falavam espanhol. Achou interessante o tamanho daquela gente, tendo apreciado os seus trabalhos, dos bastidores, e tomado alguns dêles nos seus possantes braços. Numa dessas atitudes alguém da platéia percebeu e disse em voz alta: "Que anões de sorte! Que azar! Por que eu cresci tanto?"

Como dissemos de início, Dircinha tem um gênio alegre. E' a mais nova das três diletas filhas de D. Emília. Todavia, começou a cantar primeiro do que Linda. Gravou o seu primeiro disco aos 8 anos de idade — uma composição de seu saudoso pai. Ainda conserva essa relíquia. Já gravou centenas de músicas, sendo que algumas são muito conhecidas no exterior. A sua atuação artística tem sido fecunda e ininterrupta, tanto no rádio como no cinema, onde integrou o elenco dos filmes: *"Alô Brasil", Alô Carnaval", "Banana da Terra", "Não Adianta Chorar", "Futebol em Família", "Entra na Farra"* e outros.

Tempos atrás, venceu renhido concurso, sendo sido proclamada "Rainha dos Cadetes do Ar". Como a sua irmã Linda, tem também muita coisa boa para o carnaval de 52, já excurcionou os principais países da América do Sul e conhece todo o Brasil, tendo regressado ainda há pouco de excursão ao Amazonas, Pará e Território do Rio Branco, onde fôra a convite dos respectivos governadores.

Em Manáus atuou na Rádio Baré, tendo sido entusiàsticamente aplaudida. O 27º R. I. da Capital amazonense, prestou-lhe uma grande homenagem. Como se fôsse dia de gala, perfilou todo o batalhão pelas principais ruas da cidade, em continência à intérprete de "Nega Maluca". O povo, surprêso, assistiu a essa parada *sui generis*, que pela primeira vez fôra prestada a um artista brasileiro. E, associando-se ao Exército, atapetava de flores as ruas por onde Dircinha passava.

CAPAS NEGRAS

(Cont. da pág. 49)

lo dêsse projeto, ponderando que Maria de Lisboa não é digna do casamento. José irrita-se, quando o colega lhe mostra uma fotografia. Era Jorge segurando os braços de Maria. Estava explicado o clarão visto pelos dois jovens naquela manhã, à porta da tasca.

José acredita no que vê, pois o seu colega tem a mania de fotografar a tudo e a todos. O fotógrafo amador explica que a fotografia foi tomada numa noite de luar. José, indignado, parte com os outros colegas. Maria, informada, vai à "gare", mas não consegue vê-lo, apenas assiste às dificuldades que Maneca teve para embarcar, pois as moças, a quem êle prometera casamento, em troca de objetos de arte, combinadas, estão ali para não deixá-lo partir. Maria volta com o coração amargurado. Torna-se uma mulher silenciosa e triste, já não canta, é um retalho de gente.

José Duarte, agora doutor, instala-se com escritório de advocacia no Pôrto, mas os clientes são arredios. Resolve, então, ganhar a vida cantando fados. De sucesso em sucesso, coloca-se como o cantor do dia disputado, admirado, perseguido pelas mulheres. Mas o destino, com sua mão invisível, está tecendo a sua teia. Os estudantes de Coimbra, isto é, o Orfeão, vai à Espanha; são quase todos, ainda, colegas de José, e êste oferece-se para ir com êles. Por lá demoram algum tempo, onde a turma arranca aplausos e mais aplausos que farão do doutor José o mais famoso advogado-cantor do mundo. De sua volta ao Pôrto, quando verdadeira multidão os espera para a recepção aos vencedores, um colega se acerca de José e lhe comunica que Maria de Lisboa está prêsa e vai ser julgada, precisamente naquele momento, por um crime infamante, ao que José responde: — Que tenho eu a ver com essa mulher? Soara a hora do destino. Os estudantes estavam reunidos, ali estava o fotógrafo-doutor, o Jorge e os outros. Falou-se na fotografia, explicou-se o incidente. José, verificando que Maria estava inocente, parte correndo para o tribunal. No banco dos réus está uma mulher triste, como uma sombra do que fôra, diminuída, humilhada, acusada e sem culpa. José pede ao juiz para ser inscrito como defensor da ré. O promotor observa que o jovem advogado-cantor vai enfrentar uma causa ingrata e impossível de vencer, pois a acusada confessara o crime de ter abandonado, em uma escada, uma criança. E', portanto, uma causa perdida a estréia do causídico.

José, com o coração traspassado de dor e num arroubo de oratória, numa inspiração que lhe vem da alma, declara que a ré é inocente do crime de que a acusam. Pergunta, então ao tribunal estarrecido: é crime alguém entregar um filho ao pai? A criança, objeto do crime desta mulher, é meu filho e ela quis entegar-mo, deixando-o à minha porta! Não pude recebê-lo porque estava ausente! Sinto-me feliz por poder lavar a honra desta mulher, pùblicamente, num tribunal. O culpado sou eu.

O tribunal faz uma pausa para julgar, depois de ouvir as razões da acusação. Enquanto isto, os estudantes nas escadarias do tribunal entoam fados que lembram amor e lembram Coimbra.

Momentos depois, as pesadas portas se abrem e Maria de Lisboa surge livre, fôra absolvida. Um comovido abraço sela, agora, para sempre aquêle amor, que tivera tantas lágrimas.

Mais atrás vem a figura respeitável e encanecida do juiz, compreensivo e possuidor do espírito de Coimbra, que realizava mais uma cerimônia tradicional.

O MISTÉRIO DA . . .

(Cont. da pág. 57)

causa diferente da que acreditei poder ser firmarei com mais solidez a convicção de que o motivo da morte do senador Epitácio Pessoa só pode ter sido o por mim exarado no atestado de óbito.

E CONTINUA O MISTÉRIO

Inúmeras versões, as mais desencontradas, vêm circulando ainda quando encerramos os trabalhos desta edição. Algumas atribuem aos médicos assistentes do morto, a culpabilidade maior, fruto talvez de uma injeção mal aplicada, por negligência ou imperícia. Alega-se que deixaram de ser feitos os exames de sangue, do líquido céfalo-raquidiano e o de urina, capazes de esclarecer e estabelecer diagnósticos.

Mas o dr. Genival Londres, referindo-se a essa afirmativa, declarou que se tratava de um documento anônimo e injurioso, não merecendo, por isso mesmo, maior importância.

— O que foi divulgado só revela, afinal, ignorância e imbecilidade do anônimo insinuador — acrescentou.

Não desceria, jamais, a responder a quem, ocultando-se no anonimato, desde logo demonstra ausência de caráter. Oportunamente, e pelos canais competentes, todos os fatos serão devidamente esclarecidos.

E temos, assim, que aguardar o resultado da perícia médico-legal, para o esclarecimento do mistério.

QUE SURPRESAS ESTARÃO RESERVADAS A LINDA LANE?

UM AMOR PROIBIDO

Dificilmente eu poderia crer que, eu, Linda Lane, havia finalmente chegado à pequena cidade das montanhas de Hickory Gulch onde meu primeiro emprêgo como professôra me aguardava. Eu passara nos exames finais e fôra nomeada. Eu ainda estava enlutada com a morte de meu pai. Para mim era uma felicidade distrair-me um pouco longe...

Olá! Você parece estar perdida! Posso levá-la para um bom lugar. Sou Whit Davies.

Isto é admirável! E' que parece não haver taxis... Sou a nova professôra. E' o senhor da Congregação Escolar?

HICKORY GULCH

Da Congregação? Boa bola! Não! Meu tio tem uma emprêsa de transporte para as montanhas e eu estou tratando de preparar a cabine para o inverno. Na escola sou aluno secundário.

O senhor foi providencial ao dar-me condução. Vou ficar os Jed Carters. Sabe onde moram?

Mas Davies sabia tanto da cidade quanto eu. E sôbre a estrada das montanhas...

Pode informar-me onde moram os Jed Carters?

Siga até ao final da estrada e, depois, tomem à esquerda. Moram numa grande casa branca. Não há errada. São amigos dêles?

Sou a nova professôra. Vou ficar com os Carters.

1

Embora não conhecesse bem Whit, Gostei dêle. Quando me convidou para um passeio naquela noite, acedi. Mas, ao alcançarmos a casa dos Carters...

Seja o que fôr que esteja vendendo, não precisamos! E isto aqui é propriedade privada!

Estou procurando a casa dos Jed Carters. Sou a nova professôra!

Aquela mulher lançou-me um olhar austero e veio até nós...

Sou Mrs. Jed Carters. Meu marido é o diretor do Conselho da Escola. E você não pode ser a nova professôra. Ela possui as melhores notas que já vi. E tem trinta anos de idade!

Sim, aquelas são as notas de meu grau. Mas Mrs. Carter está enganada quanto à minha idade. Tenho apenas vinte anos!

E foi assim que travei conhecimento com a velhota. Depois, ela olhou com tanto rancor para Whit, que tive mêdo.

Aquêle sujeito é sobrinho de Will Davies, dono do caminho de ferro. Êle não nos conhece mas nós o conhecemos! Além de ser pessoa sem recurso, nós não gostamos dos Davies.

Ninguém estava na estação para receber-me, e êle foi amável comigo.

Ninguém daqui usa aquela emprêsa. Há trinta anos passados êles pretenderam comprar nossa propriedade. E isso diz tudo.

Sinto muito não sabia...

Se bem que eu estivesse cansada, a velha não o notava.

Seu alojamento é lá em cima. Leve suas coisas.

Não há uma pessoa que vá buscar os outros volumes?

Não havia, Mrs. Carter foi clara. E a professôra daquele lugar era também criada daquela casa. Foi aí que eu reconheci quanto teria que lutar e sujeitar-me para ficar no emprêgo.

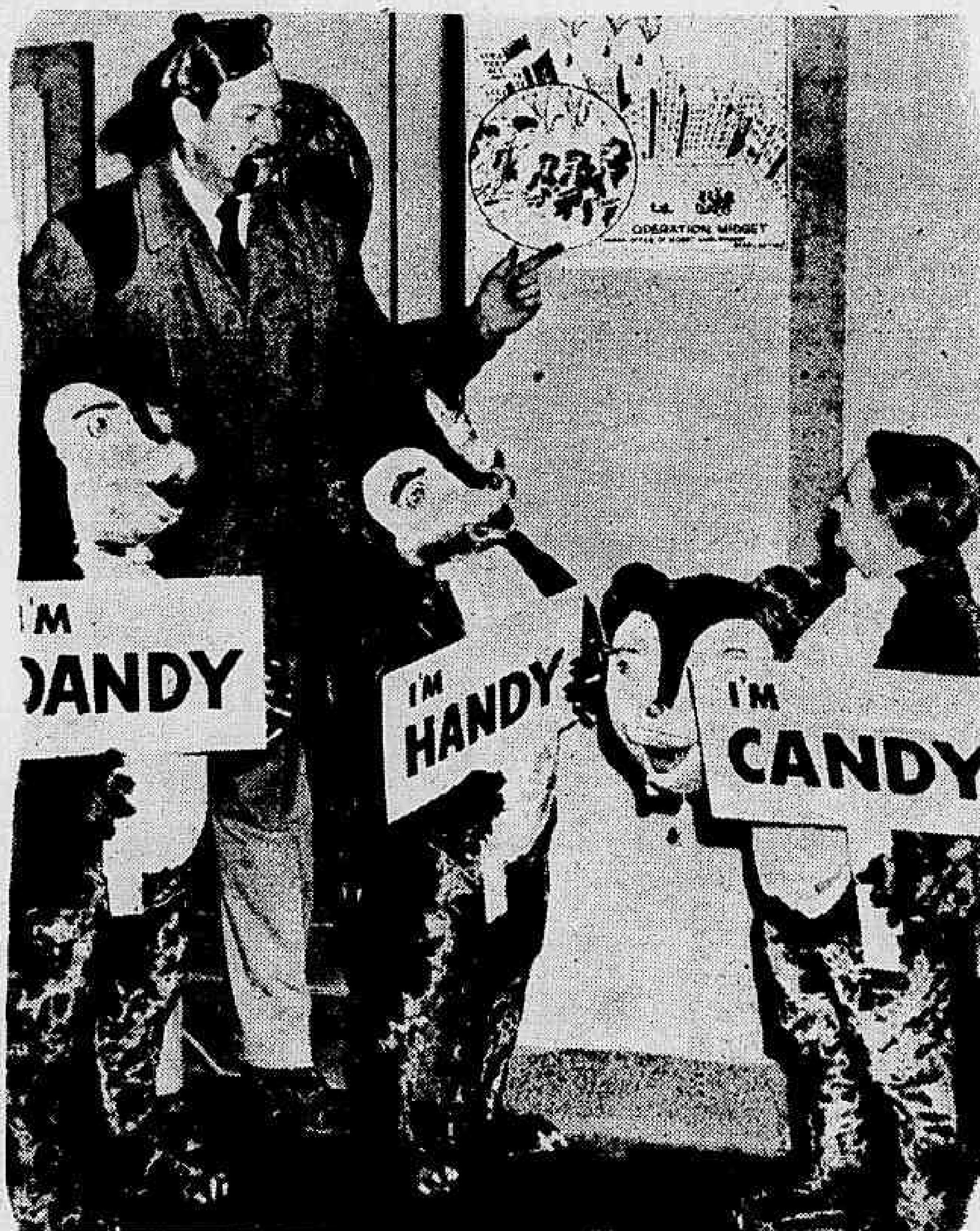
Escreveu a Escola Normal que submeteu você a exames especiais sôbre os outros estudantes. Por que?

Meu pai era inválido. Êle morreu justamente quando os exames normais se realizavam.

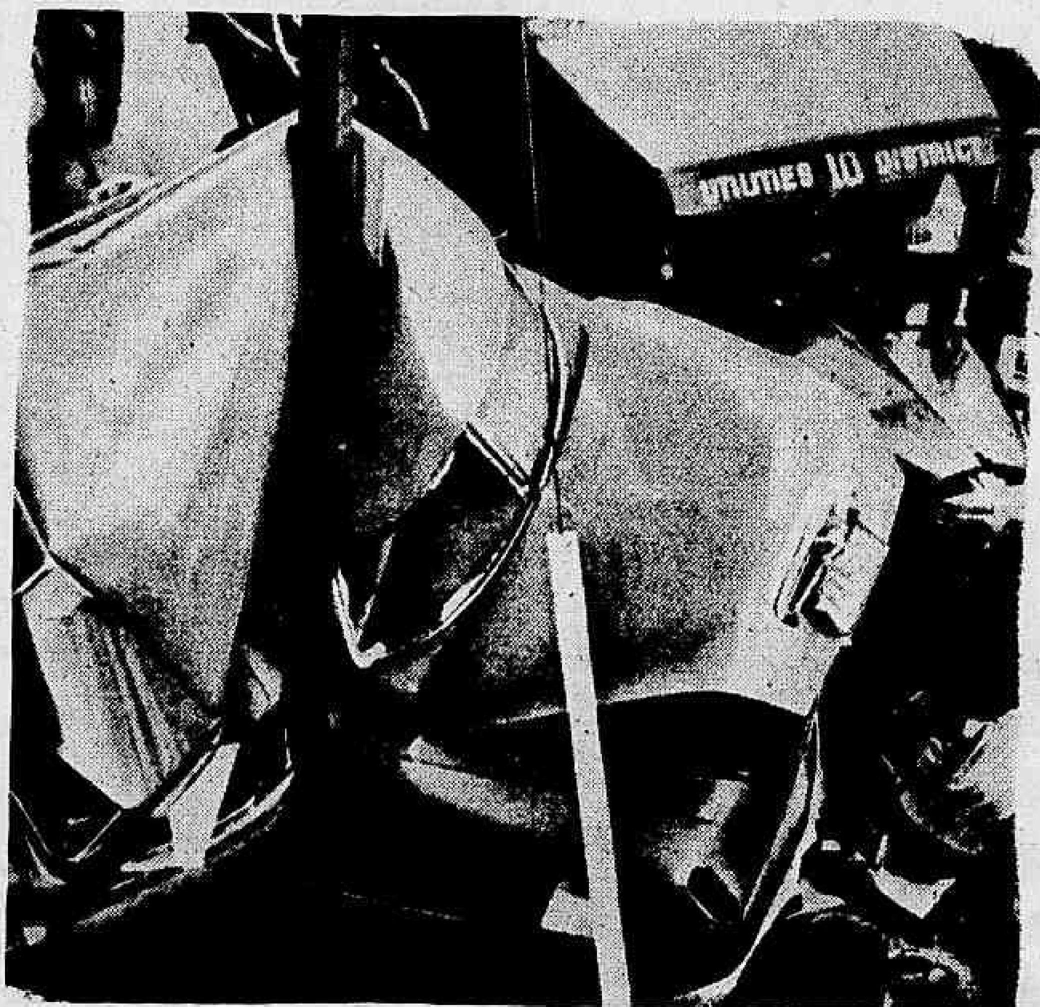
2

Continúa

TUDO ISTO



OS ANÕES SERVEM de propaganda, é esta a teoria do sr. Jim Moran, de New York, genial agente de publicidade daquela grande cidade. O plano de Mr. Moran é dos mais arrojados. Em plena Central Park êle soltará aos ares três enormes papagaios e neles alojará os anõezinhos fantasiados de ursos, com os nomes de «Dandy», «Handy» e «Candy». Elevados nos ares, os aeronautas mais estranhos do mundo chegarão à altura de um dos mais altos andares de arranha-céus das vizinhanças, e surpreenderão os respectivos habitantes. E' muito ousado o plano e para êxito do mesmo, exige-se muito vento, e, especialmente, serenidade do inquilino visitado, pois, se estiver armado, lascará fogo nos ursos...



OUTRO ACIDENTE de tráfego, com uma trombada atordoante se verificou em Omaha (Nebraska, Estados Unidos). Um carro de passeio dos mais belos e possantes, obedecendo a certa manobra infeliz do seu condutor, ou para livrar-se de algum pedéstre mais distraido, foi em cima de uma camionete que estava ao lado na travessia da rua. Para amortecer a colisão que era ainda mais séria, o chofer do carro, numa guinada violenta para à direita, jogou seu pesado veículo sôbre um poste das instalações elétricas da cidade. O poste resistiu bravamente ao choque e não cedeu um milímetro. O carro se amassou todo e avariou a camionete ao lado. E coisa extraordinária: não houve mortos nem feridos...

E MORREU MESMO



NÃO é de hoje que certas pessoas predizem o dia da própria morte. Até hoje não se sabe a que sentido pertence êste: o de saber o que vai suceder. Dizem os estudiosos dos fenômenos psíquicos, que tais pessoas são dotadas de espírito premonitório, isto é, têm o dom de adivinhar. Outras, vão mais longe e sustentam que se trata de inspiração do além-túmulo, quando o respectivo "espirito-guia" dá a intuição aos seus escolhidos. Seja assim ou assado, o fato é que muita gente prediz, com absoluta exatidão, a hora final de deixar êste mundo em viagem para o outro. Foi o que aconteceu com a Sra. Edythe Hanson, de 32 anos de idade, ao deixar o hospital há um mês passado, lá na cidade de Betwood, Califórnia. Ao receber alta, declarou ao espôso e a amigos mais íntimos: "Morrerei no dia 21 de agôsto, às 11,45 da noite". Os que a ouviram acharam graça. Ela estava passando muito bem e os médicos assistentes não viam nenhum prenúncio de agravamento de sua saúde. Entretanto, amigos e parentes mais próximos ficaram vivamente impressionados com a firmeza dessa declaração. Será que ela estava sofrendo das faculdades mentais, ou teria sido avisada pelo astral? Quanto mais se passavam os dias e mais se avizinhava a data prevista, mais aflitos iam ficando os parentes. No dia marcado, houve grande número de visitas, todo mundo desejando saber como ia passando a Sra. Hanson. Continuava viva e bem de saúde. Então as preocupações se dissolveram. Às 9 da noite daquele dia, ela foi dormir. E dormir para sempre, pois, às 11,45, quando o espôso chamou o médico, ela estava morta.



CRISE DA BANANA



HÁ em nossa terra grande variedade de banana. Desde a "musa paradisíaca" até à vulgaríssima e saborosa "pacova" amazônica, é o Brasil o verdadeiro paraíso das bananeiras. E não há fruta que se compare a ela. Não há perigo de estar bichada, não tem caroço, não é ácida, nem custa caro. Um verdadeiro paraíso, a banana. Pois estivemos na iminência de sofrer terrível crise dêsse produto agrícola. Não aqui; mas da banana de exportação para a Argentina, nosso maior consumidor. A cultura da banana da emprêgo a mais de dez mil famílias, estando S. Paulo e Estado do Rio em primeiro lugar. Mas, como sucede de quando em quando, a venda de cachos de banana para a Argentina estava sendo feita a preços que já não compensavam mais ao exportador. O preço era irrisório, ou seja, o de Cr$ 5,00 o cacho! Os produtores se reuniram e enviaram um apêlo ao Sr. Presidente da República, apresentando a situação angustiosa em que se achavam, tudo fazendo crer que a cultura da banana naufragasse irremediàvelmente. O chefe da Nação, depois de estudar o caso, encaminhou-o para o Itamarati com especial recomendação. Veio então, o acôrdo com a Argentina, firmado entre êste país e a pátria de Ingenieros, pelo qual o Brasil venderá bananas àquele país amigo ao preço médio de Cr$ 15,00 o cacho, já incluindo despesas de embarque, seguro, etc. E sabe o leitor a quanto vão montar essas exportações para lá? A cêrca de quatrocentos e cinquenta milhões de cruzeiros, regulando isso mais de onze milhões de cachos. Nada como bons entendimentos entre vizinhos que se estimam.



QUE BARBADA!



NÃO é sòmente no Brasil que se notam inquietações em tôrno de preços disso e daquilo. Por todo êsse mundão de Nosso Senhor Jesus Cristo a luta entre o consumidor e o produtor é cada vez mais intensa. Veja o leitor o que acaba de ocorrer na cidade canadense de Windson. Os barbeiros locais estavam achando que a barba devia subir de preço. A tabela era muito baixa, as navalhas aumentaram de custo, o sabão também, os pincéis nem se fala, os aluguéis das lojas pela hora da morte. Que fazer? Tirar a diferença na cara do freguês. Mas não é assim, com violência, que se esfrega uma coisa no rosto de clientes bons pagadores e pacientes. O barbeiro deve ser um cidadão delicado, gentil, de boas palestras. Se fôsse um dêsses amigos da elegância masculina, sapecar, de chofre, nas faces cabeludas do cliente, a notícia de que sua barba passaria a custar um dólar, daquele instante por diante, que transtôrno para ambas as altas partes *contrastantes*! Por tudo isso e mais alguma coisa que não vem ao caso, os fígaros de Ontário decidiram fazer a coisa de mansinho. Mas, mesmo assim, os pacientes barbudos não se conformaram com o aumento jeitosamente explicado e fizeram greve: ninguém compareceria aos barbeiros. Os que pudessem fazer a própria barba, que assim agissem, e os que não as fizessem, que as deixassem crescer. Foi água na fervura. Os barbeiros ficaram a cochilar em suas lojas, sem freguês, até que se renderam, baixando o preço... a nível ainda mais inferior do que antes do aumento!

ACONTECEU

DUZENTOS E TRINTA FILHOS!



ELA foi encontrada no Amazonas. Vivia tranqüilamente naquele Inferno Verde, entregue à sua afanosa vida de quem se vê forçado a permanecer longe da civilização. Um dia, porém, acharam que estaria melhor no Rio de Janeiro. Que fazer? Não tinha a vida em suas mãos e obedeceu aos caprichos do destino. Arranjaram-lhe passagem de Manaus para o Rio num dos nossos navios do Lóide Brasileiro. Como não era possível viajar de primeira classe, veio mesmo de terceira, sem melhores acomodações. Enfim, como era para morar na Capital Federal, todos os sacrifícios seriam tolerados. Ao chegar o vapor ao pôrto de Fortaleza, no Ceará, notaram as pessoas que vinham assistindo à viajante, que ela não parecia estar passando bem. Seu estado inspirava cuidados e alguém de bordo divulgou o motivo dessa indisposição já um tanto alarmante: ela estava grávida. O assunto interessou a gregos e troianos. A viajante passou a ser observada com muito cuidado. Agravando-se cada vez mais o seu estado de saúde, foi-lhe permitido desembarcar na capital do Ceará, arranjando-se para a enfêrma acomodações confortáveis, adaptáveis à melindrosa situação. Como não podia deixar de ser, a imprensa soube da ocorrência e a reportagem se movimentou. Em seu alojamento, num hotel da cidade, verificou-se, então, a "delivrance": o mais fértil parto de que há memória, ou sejam, 230 filhos de uma só vez! Mas não se espante o leitor. Não se trata de nenhuma senhora, e sim de uma enormíssima sucuri, que estava de passagem para o nosso Zoológico da Quinta da Boa-Vista...



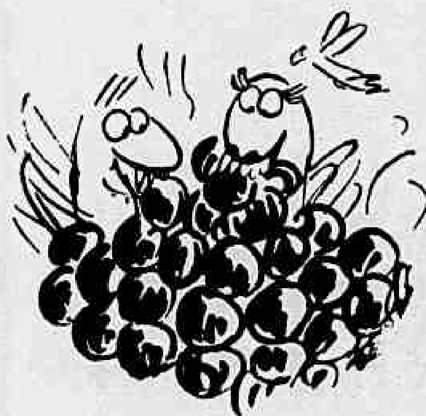
MORREU E RESSUSCITOU



A História Sagrada está cheia de casos de ressurreição de mortos, mesmo depois de enterrados. Lázaro e a filha de Jairo, voltaram à vida quando Cristo lhes ordenou: "Levanta-te e caminha!". Os cadáveres, que já estavam com o frio da morte, reanimaram-se e voltaram a conviver com os vivos como se apenas houvessem feito uma viagem até ali, voltando sem maiores dificuldades. Mas, depois dos milagres de Cristo ninguém mais pôde conseguir tais mercês do Altíssimo. Quando se morre, morre mesmo e está acabado. Entretanto, estão os senhores médicos de diversos países estrangeiros a realizar verdadeiros milagres em matéria tão complexa, isto é, a que se refere à ressurreição dos mortos. De quando em quando os jornais falam em pessoas que, realmente, entregaram os pontos e se foram para o outro mundo, voltando pouco depois, graças à intervenção dos operadores com massagens sôbre o coração dos "falecidos". Agora mesmo sucedeu uma destas na cidade norte-americana de Greensvoro. Uma senhora, de sessenta anos de idade, "faleceu" na mesa de operações do hospital da cidade, não tendo suportado a intervenção; teve o coração à mostra e sôbre o mesmo os médicos fizeram vigorosas massagens. Já estava ela morta havia vinte minutos, quando o coração começou a funcionar como uma bomba que desenguiça e a corrente elétrica a movimenta. O caso chamou a atenção de outros médicos, e todos assistiram ao milagre. A mulher ressuscitava com a massagem e injeções de adrenalina e procaina. Que terá ela visto aí pelo "hall" do outro mundo?



O CHICHIMECO



ESSE monstro age altas horas da noite. Não vem sòzinho. Sempre o acompanha sua mulher, a "Chichimeca", naturalmente. E que fazem êles? O "Chichimeco" é louco por café. Dá a vida pela preciosa rubiácea. Ela também, e com a agravante de que é mais gulosa do que o companheiro de rondas noturnas. Onde êles estão, há perigo nacional. Grandes plantadores de café estão alarmados com a presença da família dos "Chichimecos". Os prejuízos têm sido alarmantes, e os governos da América do Sul devem estar de atalaia, e tratem de mobilizar os seus sábios e cientistas na seara da entomologia. E' que se trata de gente, leitor. O "Chichimeco" é um inseto da ilustre família dos ortópteros, e que tôdas as noites, saem em bandos pelos cafezais da Nicaragua a devorar os frutos, que são uma das bases econômicas daquele nobre e amigo povo. De dia os "Chichimecos" se ocultam em troncos de platanos e bananeiras, dormindo tranqüilamente, fazendo a digestão sem maiores preocupações. À noite, invadem os cafezais de Managua, Carazo e Masaya, e é aquela devastação desoladora. Os produtores de café já pediram socorro ao Ministério da Agricultura, a fim de deter a marcha arrasadora dos "Chichimecos", antes que êstes atinjam outras zonas cafeeiras do país e recebam ajuda dos seus semelhantes, os "Chapulin", primos-irmãos e também amantes de cafezais. Enquanto isso, os entomologistas do país discutem os meios de combate-los eficazmente. Qual será o inseticida a usar contra a praga? Ainda não chegaram a um acôrdo, o que não deixa de ser perigoso para a tranqüilidade do café em Nicaragua. Que o Brasil vá botando as barbas de môlho...

NÃO HÁ CRIANÇA

que não tenha, pelo menos uma vez na vida, dado o que fazer aos seus maiores. Uma queda de árvore, princípio de intoxicação, perigo de afogamento em rios, lagos ou no mar, situação perigosa em cima de árvores ou nos telhados de sua casa ou nos de vizinhos, enfim, há sempre um episódio alarmante na vida de uma criança, em idade de traquinarias. Joseph Hoey, de Bronx, Nova York, de oito anos de idade, se meteu numa terrível entaladela. Estando a brincar com uma bola, passou a dar mais fortes pontapés, até que a mesma se foi alojar numa fenda de alto muro. O pequeno Hoey não teve dúvidas: escalou o muro e se meteu naquela brecha, ainda virgem de pés humanos. Entrou. Mas, como sair? Depois de grandes esforços, passou a gritar por socorro. Um popular o descobriu, chamou um policial e êste os bombeiros. Foi salvo. Mas como chorava...





A viúva do saudoso senador, sra. Clarita Pessoa Cavalcanti, que ao receber a carta do médico, dr. Genival Londres, autorizou sem demora a exumação do corpo.



O MISTÉRIO DA MORTE . . .

(Cont. da pág. 5)

Quanto a esta última suposição, há que considerar o seguinte: o morto ilustre não se encontrava no momento em luta acesa em nenhum setor político. No Estado que representava, êle se vinha mantendo cordialmente em face de todos os partidos, conforme dados que conseguimos recolher de diversas fontes, pois a sua agremiação (P.T.B.), de legenda fraca ali, precisava manter atitude hábil com as demais, para, destarte, angariar adeptos, tanto que, de modo geral, promoveu alianças com as demais entidades nas últimas eleições municipais. Galgando o poder, o sr. Epitácio P. Cavalcanti vinha ali adotando a tática de aproximação, de resto, bem recebida por todos.

Em São Paulo, onde até certo tempo teve atuação marcante, através de atitude forte, não há também notícia de qualquer grave incompatibilidade política recente com s.s. Como é notório, os elementos com os quais se chocara, com êle confraternizaram na última campanha presidencial e sempre se apresentavam juntos em público, em atitude cordial.

FORTUNA?

Ao contrário do que porventura alguém pudesse admitir, o senador Epitácio P. Cavalcanti não deixou grande fortuna. Essa hipótese levou a reportagem até ao Cartório onde vem sendo feito o inventário — 2º Ofício da 3ª Vara Civil de órfãos e Sucessões desta capital — onde colhemos os seguintes elementos, vencendo, embora, as naturais resistências:

— O falecimento do senador Epitácio ocorreu no dia 4 de agôsto, às 4 horas e 30 minutos da manhã. A petição inicial do inventário deu entrada em 10 do mesmo mês, assinada pelo advogado Antônio Novais Mourão, inscrito sob o nº 114 na Ordem dos Advogados, Seção de São Paulo, o qual juntou à petição, que foi escrita do próprio punho, a procuração passada em 9 de agôsto, no Cartório Sá Freire Alvim; a certidão de óbito, datada de 10 e as contas demonstrativas do acervo, ativo e passivo do "Diário Popular", jornal de propriedade do senador falecido, datadas de 6. Essa petição foi distribuida e despachada pelo juiz dr. Xenocrates João Calmon de Aguiar, no mesmo dia em que ali foi apresentada, 10 de agôsto. Pediu o juiz que se juntasse também a certidão de casamento. Esta foi extraída e juntada no mesmo dia, 10, tendo ainda a 10 sido levada ao Juiz, que deferiu a inventariança.

Na petição inicial, os bens do morto são avaliados em, aproximadamente, cinco milhões de cruzeiros, quantia que está muito longe de representar, nos dias de hoje, uma expressiva fortuna. Levando-se em consideração a desvalorização da moeda e, mais ainda, o vulto de alta projeção que era o



Frequentemente o senador Epitácio comparecia a solenidades oficiais, como pessoa de assíduo contacto com o Presidente Vargas, como se vê na gravura acima.

Ao contrário do que muitos poderiam admitir, o senador Epitácio Pessoa não deixou fortuna de vulto. Seus haveres foram avaliados em cinco milhões de cruzeiros.



morto, cinco milhões, em 1951, de maneira alguma constituem, repetimos, uma grande fortuna.

Era o senador Epitácio P. Cavalcanti de Albuquerque filho de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que foi Ministro do Supremo Tribunal Militar, Presidente do Estado da Paraíba e candidato à vice-presidência da República em 1930 pela Aliança Liberal; era também sobrinho-neto de Epitácio da Silva Pessoa, que foi Presidente da República, e pelo lado materno, neto de Segismundo Gonçalves, que foi governador do Estado de Pernambuco.

FALA O PROF. ALUÍSIO MARQUES

A propósito do atestado de óbito e de suas relações com os fatos, assim se manifestou à Imprensa o prof. Aluísio Marques, que firmou aquêle documento:

— Em face do falecimento do senador Epitácio Pessoa, o professor Genival Londres e eu havíamos deliberado furtar-nos a fazer declarações, sobretudo porque acreditávamos que essas pudessem causar maior confusão no estado de coisas que se havia desenhado e se ia avolumando. Todavia, como começaram a surgir versões de tôda natureza, versões que estabeleciam confusão e, também, comprometiam a veridicidade do que fôra afirmado pelo médico em atestado de óbito, acreditamos que houvesse chegado o momento para algumas declarações. Diante do quadro clínico que presenciara, fatôres circunstanciais, e do inopinado do desenlace, firmei, em atestado de óbito, o seguinte:

Doença psicossomática. Neurovirose. Síndrome Tétano-espasmofílica. No mesmo dia e nos que se seguiram, ouvi de muita gente e li no noticiário dos jornais que o senador Epitácio houvera falecido de edema agudo do pulmão. Estranhei que houvesse surgido tal divergência na publicação da causa-mortis; e isso tanto mais quanto deverá existir um só atestado de óbito — o que eu firmara — e tinha a convicção de que o senador que estivera, ininterruptamente, sob minhas vistas de dezenove às vinte e duas horas e meia de sexta-feira, mostrara, durante todo êsse tempo, com leves intermitências, Síndrome, Tétano-espasmofílica e deverá ter tido como causa prevalente da morte essa Síndrome, sendo a asfixia ou o edema pulmonar, porventura intercorrente, mera condição terminal.

Quanto à necrópsia, declarou s.s.:

— Sinto-me sem maior conturbação qualquer que seja o esclarecimento que venha a fornecer a perícia. Se dela resultar o conhecimento de outra etiologia ou causa da Síndrome Tétano-Espasmofílica, que não a firmada por mim no atestado de óbito, com tôda serenidade verei nisso fato perfeitamente natural na prática da medicina legal. Se não fôr possível ser surpreendida etiologia ou

(Cont. na pág. 52)



Outro flagrante antigo mostrando o saudoso homem público sempre acompanhando o Presidente da República, o que se repetiu até os últimos dias de sua vida.



A REVISTA
Há 50 anos

(Domingo, 8 de Setembro de 1901)



PIERINA BATTAGLIA — Encantadora artista de café-concêrto, a «coqueluche» da rapaziada.

CRÔNICA

SEMANA de luto e dor para os que cultivam as letras. Morreu Eduardo Prado, uma das mais puras encarnações da Idéia, da Idéia criadora e transformadora, origem e causa dos mundos, fonte perene da luz, do calor, do movimento e da vida das almas. O que esta perda representa para a mentalidade brasileira só o futuro poderá dizê-lo com a evidência esmagadora das suas demonstrações. Nem as dificuldades do momento dão ao espírito a calma precisa para julgar das funestas consequências de cada desfalque nas nossas fôrças intelectuais. Hoje, as bôcas só se abrem para pedir pão que mate a fome do corpo, que modere as torturas do estômago. Dos grandes, dos supremos ideais que legitimam a existência livre e autônoma de um povo que, pelo exercício de uma função própria no tempo e no espaço, ninguém cuida. Para quê? Ah! que se o povo soubesse a falta que faz um dêstes homens... Se êle pudesse sentir o atraso que a uma civilização traz a paragem brusca causada pela perda de um órgão essencial à sua marcha para vante!... Enquanto a massa folga e ri, chora ou geme, muitas vêzes sem saber por que e olhando apenas, no seu egoísmo inato, a própria dor ou a própria alegria, são êsses escravos possessos da loucura patriótica e êsses levitas da solidariedade universal que, remontando dos efeitos às causas, das consequências aos princípios, buscam as leis gerais do teu prazer ou da tua mágoa, buscando aumentar a intensidade daquela ou suavisar a atrocidade desta. Eduardo Prado era uma destas figuras-broquéis com que um país se acoberta contra a injustiça ou a ironia dos outros povos. Mais do que nunca, nesta penetração constante da civilização, que é um dos característicos da vida contemporânea, são indispensáveis êstes paladinos. Amava os seus semelhantes, perdoava as fraquezas e as injúrias, repartia com mão larga o muito que possuia, ajudava o talento, protegia o trabalho, acudia aos lares infelizes, não gostava de ver ninguém sofrer. Era grande em tudo: no coração, na inteligência, no saber e no patriotismo. Acreditava em Deus, na Pátria e no Imperador. Não é azado o momento para discutir essa crença.

JACQUES BONHOME

NOS TEATROS

REABRIU-SE o Sant'Ana com uma agremiação artística, sob a direção de Afonso de Oliveira, levando à cena, como peça de estréia, «O Diabo no Paraíso», de Fonseca Moreira. ★ E as mágicas continuam sendo o gênero de preferência do público: vão muito adiantados os ensaios da «Pera de Satanaz», mágica de Eduardo Garrido, posta em cena por Souza Bastos, no Lucinda, onde passou a funcionar essa companhia. ★ Teremos, finalmente em breve, a reaparição, no Recreio, da companhia Dias Braga, que há 17 meses anda fora da capital. Dará uns trinta espetáculos, pois que o Recreio está contratado para Silva Pinto, que ali vai por em cena, com o aparato que costuma revestir as peças que faz exibir, «A Fada de Coral», também mágica, muito engraçada. ★ Fechou o Cassino Nacional, mas a «troupe» que lá estava, passou a funcionar no Guarda Velha que reabriu, depois de algumas reformas. ★ A companhia francesa passou para o Apolo onde nos deu «Le Petit Duc» e «La Belle Helene», apresentando-se no São Pedro a célebre comediante Clara Della Guardia, com «A Casa Paterna». A companhia lírica deu com agrado a «Manon Lescaut»; a de zarzuela vai mantendo certa concorrência do Moulin Rouge, com Cinira Polônio «great attraction». A temporada, como se vê, é das melhores dos últimos anos.

CURIOSIDADES

NÃO é só aqui que o serviço de caixeira nos botequins, cafés e casas de «chopps» preocupa a atenção da polícia. O govêrno da cidade de Berlim acaba de decretar que só podem obter licença para exercer aquela profissão, as mulheres maiores de quarenta anos. ★ EM VISTA do elevado preço dos hotéis, os americanos que frequentam a Windsor Beach, resolveram fundar um acampamento de tendas portáteis, onde residem e ao qual deram o título de White City. Fazem a cozinha ao ar livre. ★ A INVENÇÃO dos colarinhos postiços, hoje tão úteis aos homens elegantes, data do ano de 1840. ★ SEGUNDO «A Odontologia», de 30 de junho de 1897 a 30 de junho de 1898, os Estados Unidos exportaram ... 65.452 dólares de dentes artificiais, a saber: 21.000 dólares para a França, 19.000 para a Inglaterra e 14.000 para a Alemanha. Em 1896 as exportações se tinham elevado a 83.242 dólares. Quantos dentes postiços na Europa!



TIPOS DE RUA: «O Engraxate», por Barroso Neto, fotógrafo-amador. Preço do trabalho, sessenta réis com lustro caprichado. Observe-se a pasta enrolada do «cliente» e o indefectível guarda-chuva mesmo em dia de 40º à sombra...

HUMORISMO

ANÚNCIO: — «Achou-se um rico lenço bordado, à porta do Ginásio. Pede-se à pessoa que o perdeu que deixe no mesmo local outros cinco iguais, para não desirminar a meia dúzia». ★ Um sujeito estava prêso por furto. O advogado foi visitá-lo e êle pôs-se a fazer uma narração tôda falsa do que lhe acontecera. — Nada — disse o advogado. — Assim não vamos bem. Você deve contar-me tudo o que fêz, tim-tim-por-tim-tim; eu cá me encarregado de embrulhar os juizes...



COSTUME ANTIGO
Serve o desenho para mostrar
Que o Zé Povinho, quase sem [cheta,
Sempre se arranja para gastar
Com o vício antigo da opereta.
De RAUL)

SETE DE SETEMBRO

O grito de Independência ou Morte, soltado nas margens do Ipiranga, ecoou, do sul ao norte do país, como o ribombo de um canhão anunciando vitória estrepitosa. Monarca inteligente e patriota, o sr. D. Pedro I havia compreendido a intensidade da ânsia popular pela constituição de uma nacionalidade livre, pujante e invencível, que ocupasse posição saliente entre os países do Novo Mundo. Colocou-se ao lado do povo e animado pelas palavras ardentes dos patriarcas das nossas liberdades, não trepidou em desfechar o golpe que nos separou da metrópole. Por isso, todos dizemos bem alto: Salve, 7 de setembro, salve!

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 36 ★ 8-9-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em t·do o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67,

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos

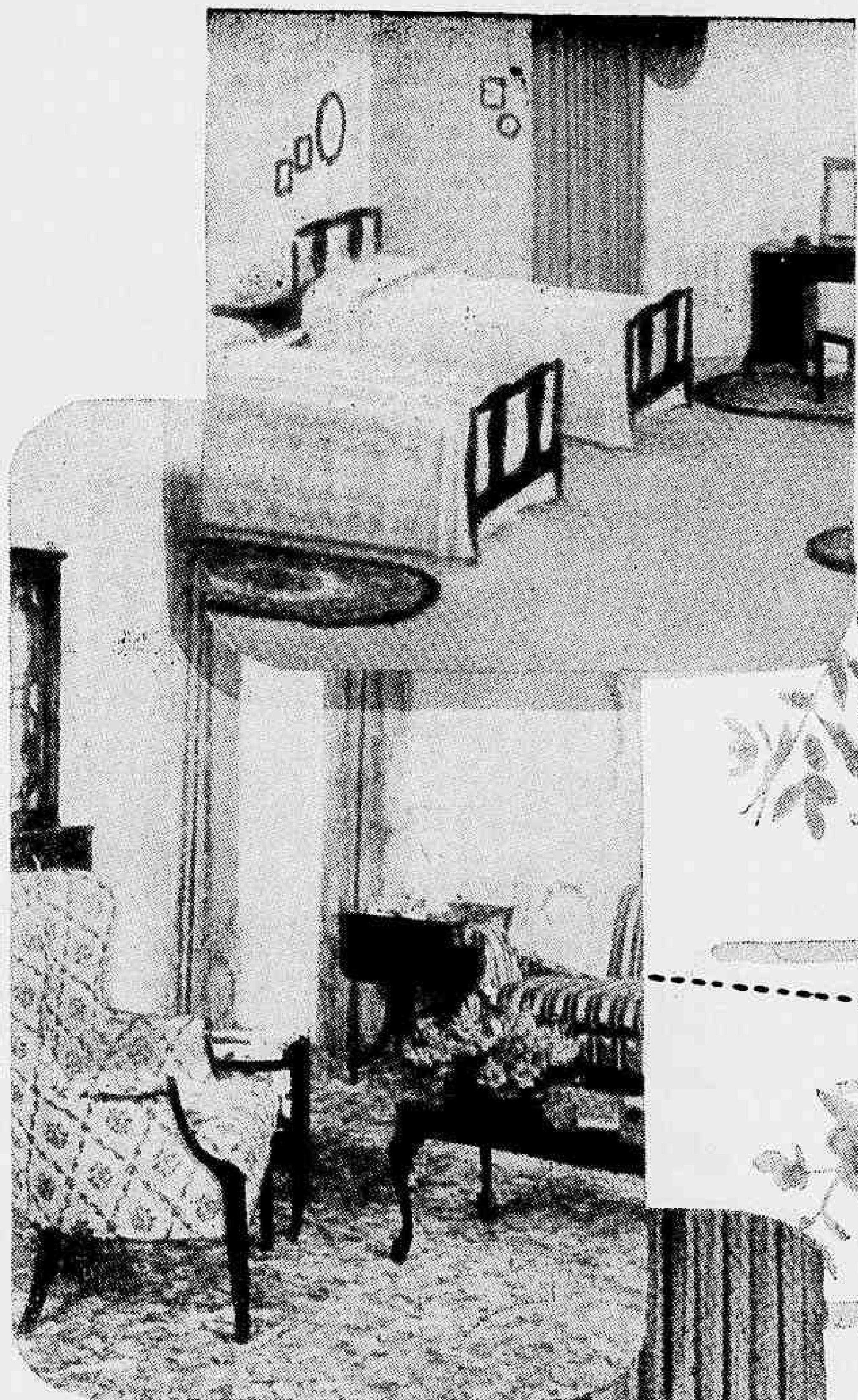
Êste número consta de 60 páginas

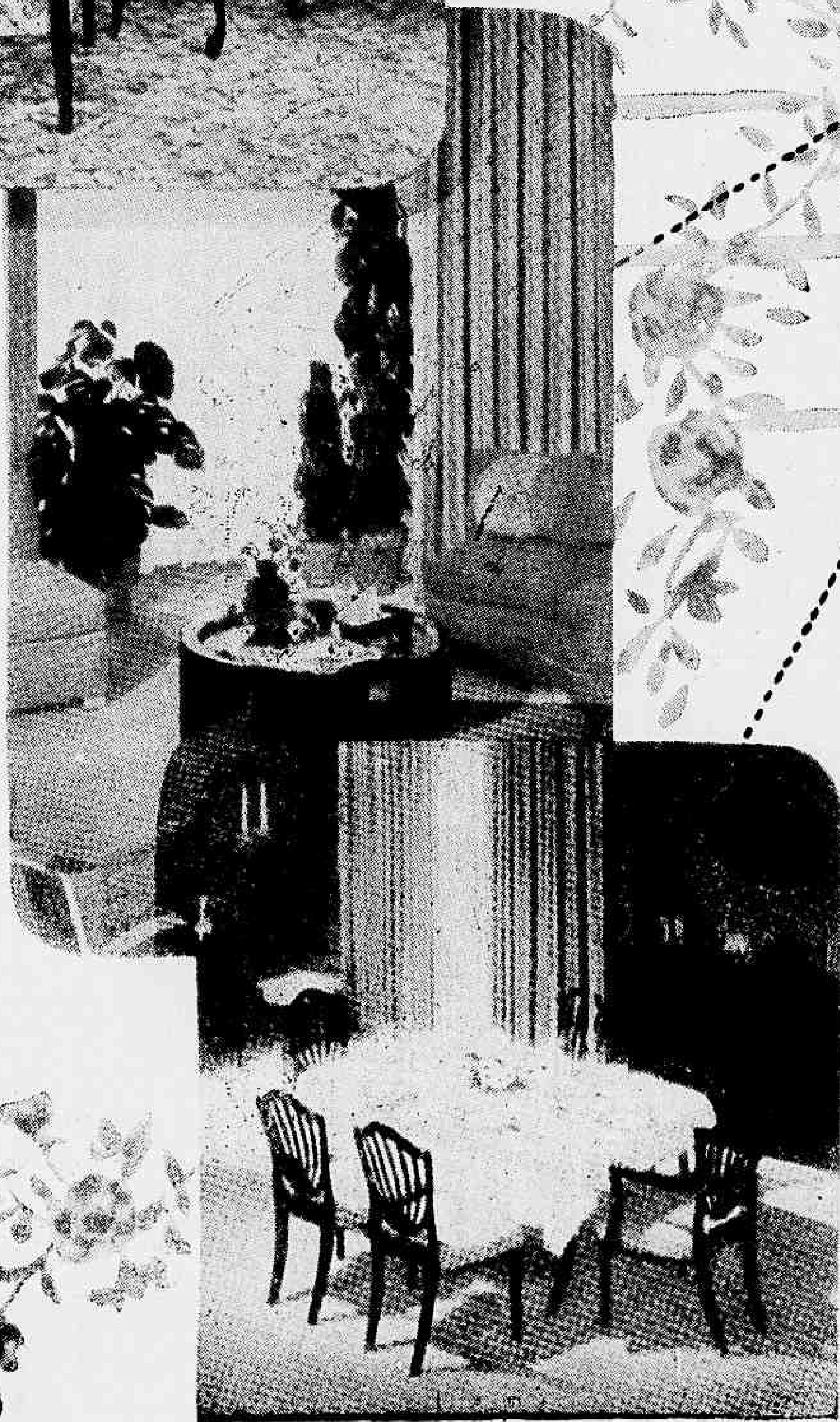
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria 22-5803 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2550







TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas dimensões, em côres lisas e com flores.

MÓVEIS E DECORAÇÕES

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas.



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



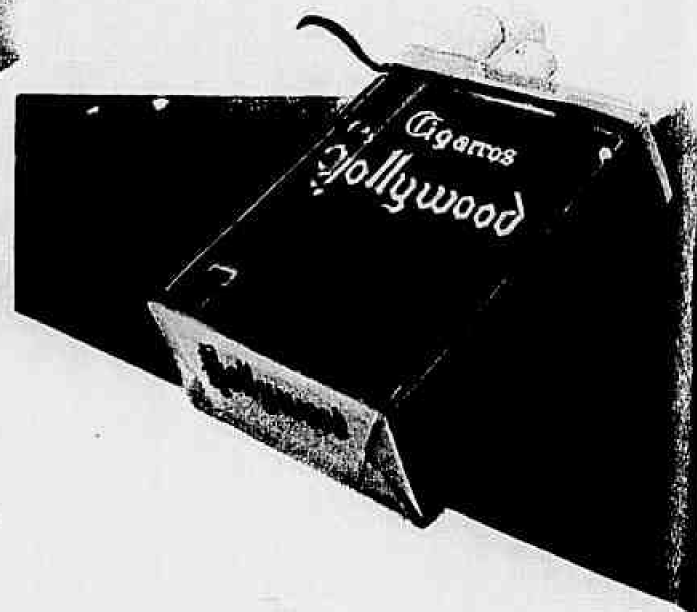
é o fumante que faz o cigarro...

A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



cigarro Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ